

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

MARIA CLARA MACHADO MARTINS

**O JULGAMENTO DE SENTENÇAS METAFÓRICAS DO PORTUGUÊS
BRASILEIRO: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE POR MEIO DE TESTES NÃO
CRONOMÉTRICOS**

UBERLÂNDIA

2021

MARIA CLARA MACHADO MARTINS

**O JULGAMENTO DE SENTENÇAS METAFÓRICAS DO PORTUGUÊS
BRASILEIRO: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE POR MEIO DE TESTES NÃO
CRONOMÉTRICOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre.

Linha de pesquisa: Teoria, descrição e análise linguística.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Camila Tavares Leite.

UBERLÂNDIA

2021

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

M386 2021	<p>Martins, Maria Clara Machado, 1997- O julgamento de sentenças metafóricas do Português Brasileiro [recurso eletrônico] : uma proposta de análise por meio de testes não cronométricos / Maria Clara Machado Martins. - 2021.</p> <p>Orientadora: Camila Tavares Leite. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Estudos Linguísticos. Modo de acesso: Internet. Disponível em: http://doi.org/10.14393/ufu.di.2021.703 Inclui bibliografia. Inclui ilustrações.</p> <p>1. Linguística. I. Leite, Camila Tavares, 1981-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Estudos Linguísticos. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU: 801</p>
--------------	---

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

Av. João Naves de Ávila, nº 2121, Bloco 1G, Sala 1G256 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902

Telefone: (34) 3239-4102/4355 - www.ileel.ufu.br/ppgel - secppgel@ileel.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Estudos Linguísticos				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico - PPGEL				
Data:	seis de dezembro de dois mil e vinte e um	Hora de início:	14:00	Hora de encerramento:	17:00
Matrícula do Discente:	11922ELI014				
Nome do Discente:	Maria Clara Machado Martins				
Título do Trabalho:	O julgamento de sentenças metafóricas do Português Brasileiro: uma proposta de análise por meio de testes não cronométricos				
Área de concentração:	Estudos em linguística e Linguística Aplicada				
Linha de pesquisa:	Teoria, descrição e análise linguística				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Os processos de leitura e de compreensão: a leitura, a audição e a sinalização				

Reuniu-se, por videoconferência, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, assim composta: Professores Doutores: Luciana Lucente - (UFMG); Carmen Lúcia Hernandez Agustini - (UFU) e Camila Tavares Leite - (UFU), orientadora da candidata.

Iniciando os trabalhos a presidente da mesa, Dra. Camila Tavares Leite, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Camila Tavares Leite, Professor(a) do Magistério Superior**, em 06/12/2021, às 16:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luciana Lucente, Usuário Externo**, em 06/12/2021, às 16:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Carmen Lucia Hernandez Agustini, Professor(a) do Magistério Superior**, em 08/12/2021, às 20:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3229082** e o código CRC **E446A152**.

Referência: Processo nº 23117.084098/2021-71

SEI nº 3229082

Dedico este trabalho a todos que perderam suas vidas ou entes queridos para a COVID-19.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, pela família, amigos e saúde que me são dados.

Agradeço à minha orientadora, Camila Tavares Leite, por sempre estar presente, ajudando a sanar minhas (várias) dúvidas e dificuldades. Suas orientações foram imensuráveis tanto para a conclusão desse trabalho quanto para minha formação como aluna e como pesquisadora.

Agradeço à FAPEMIG, pela bolsa concedida.

Agradeço aos meus amigos, em especial André, Iara e Marianna, que sempre estiveram ao meu lado, dispostos a me ajudar, a me ouvir, a me fazer rir e perceber que tudo ficaria bem quando tudo parecia difícil demais para prosseguir.

Agradeço à minha família, em especial meus pais, Elis Cristina e Francisco, e meu irmão, Vitor, por sempre me incentivarem a ir atrás dos meus sonhos e metas, sempre acreditando no meu sucesso e me oferecendo apoio incondicional.

RESUMO

As metáforas têm sido objeto de estudo de diversos autores, que, em grande maioria, debatem em torno de saber se metáforas são compreendidas como comparações ou como categorizações; em observar qual a relação entre a similaridade e a metáfora; em analisar como metáforas diferem de enunciados literais; se são processadas diretas ou indiretamente, se são processadas em dois ou três estágios. Neste trabalho, abarcado pela área de Psicolinguística Experimental, o objetivo foi verificar se os índices de “familiaridade”, “convencionalidade” e “eficácia” das metáforas influenciam no julgamento, ou seja, na compreensão, de sentenças metafóricas do Português Brasileiro, por meio de imagens. Os objetivos específicos foram: 1) identificar metáforas “familiares”, “muito convencionais” e “muito eficazes”; e 2) verificar, por meio de imagens, a influência da “familiaridade”, “convencionalidade” e “eficácia” no julgamento das sentenças metafóricas. Já as hipóteses foram quatro: 1) a metáfora é compreendida se for convencional para o participante, independentemente dos índices de “familiaridade” e “eficácia”; 2) os índices de “familiaridade” e “eficácia” são diretamente relacionados, ou seja, quanto mais alto o índice de “familiaridade”, mais alto será o de “muito eficaz” e “eficaz”; 3) para metáforas com maiores índices de “familiaridade”, “convencionalidade” e “eficácia” serão selecionadas, pelos participantes, imagens que evidenciam o sentido metafórico; e 4) para metáforas com menores índices serão selecionadas, pelos participantes, imagens que evidenciam o sentido literal. Essa pesquisa tem como base teórica autores como Searle (2005[1979]), Finger (1996), Glucksberg (2003), Bowdle e Gentner (2005), entre outros. A metodologia deste trabalho contou com duas etapas de coleta de dados, sendo que na primeira foram disponibilizadas as Tarefas 1 e 2, e, na segunda etapa, a Tarefa 3. As três Tarefas foram distribuídas de forma *on-line*, por meio da plataforma *JotForm*. As metáforas utilizadas neste trabalho foram retiradas de Lakoff e Johnson (2002[1980]). Para as Tarefas 1 e 2 foram apresentadas dez metáforas. Já para a Tarefa 3, a partir da análise das duas primeiras Tarefas, foram selecionadas seis metáforas, divididas posteriormente em dois grupos: três metáforas com os maiores índices de “familiaridade”, “convencionalidade” e “eficácia” (Grupo 1) e três metáforas com os menores índices (Grupo 2). Na Tarefa 3, para cada sentença, eram apresentadas três imagens como alternativas e os participantes tiveram que escolher uma imagem entre as três. Com as respostas da Tarefa 3, foram realizadas análises intra e intergrupos, por meio do teste qui-quadrado para independência. Na análise intragrupo (tanto para o Grupo 1 quanto para o Grupo 2), ao verificar as sentenças metafóricas, percebemos que existe diferença estatisticamente significativa ($p < 0,01$) quanto à escolha da imagem selecionada pelo participante – se imagem que evidencia o sentido metafórico ou imagem que evidencia o sentido literal. Já para a análise intergrupos não foi observada significância estatística ($p = 0,07$). Ou seja, a significância foi verificada apenas dentro dos grupos e, além disso, também observamos que nos dois grupos foram selecionadas as imagens que evidenciam o sentido metafórico. A partir dos resultados observados neste trabalho, é possível afirmar que os índices de “familiaridade”, “convencionalidade” e “eficácia” não são suficientes para apontar influência no julgamento de sentenças metafóricas, por meio de imagens, uma vez que, como visto nas análises intra e intergrupo, independente dos índices selecionados para observação, os participantes selecionaram imagens que evidenciam o sentido metafórico.

Palavras-chave: Psicolinguística Experimental. Metáfora. Compreensão.

ABSTRACT

Metaphors have been the object of study by several authors, who, in great majority, debate whether metaphors are understood as comparisons or categorizations; in observing the relationship between similarity and metaphor; in analyzing how metaphors differ from literal statements; whether they are processed directly or indirectly, whether they are processed in two or three stages. In this work, encompassed by the area of Experimental Psycholinguistics, the objective was to verify if the indexes of “familiarity”, “conventionality” and “aptness” of metaphors influence the judgment, that is, the comprehension of metaphorical sentences in Brazilian Portuguese, through images. The specific objectives were: 1) to identify “familiar”, “very conventional” and “very apt” metaphors and; 2) to verify, through images, the influence of “familiarity”, “conventionality” and “aptness” in the judgment of sentences metaphorical. There were four hypotheses: 1) a metaphor is comprehended if it is conventional for the participant, regardless of the “familiarity” and “aptness” indices; 2) the “familiarity” and “aptness” indexes are directly related, that is, the higher the “familiarity” index, the higher the “very apt” and “aptness” index; 3) for metaphors with higher indexes of “familiarity”, “conventionality” and “aptness”, images that evidence the metaphorical meaning will be selected by the participants; and 4) for metaphors with lower indexes, images that evidence the literal meaning will be selected by the participants. This research is theoretically based on authors such as Searle (2005[1979]), Finger (1996), Glucksberg (2003), Bowdle and Gentner (2005), among others. The methodology of this work had two stages of data collection, in the first stage they were made available as Tasks 1 and 2, and in the second stage, Task 3. The three Tasks were distributed online, through the platform JotForm. The metaphors used in this work were taken from Lakoff and Johnson (2002[1980]). For tasks 1 and 2 were presented ten metaphors. For Task 3, from the analysis of the first two tasks, six metaphors were selected, later divided into two groups: three metaphors with the highest rates of “familiarity”, “conventionality” and “aptness” (Group 1) and three metaphors with the lowest rates (Group 2). In Task 3, for each sentence, there were three images as alternatives and the participants had to choose one image among the three. With the answers from Task 3, intra and intergroup analyzes were performed, using the chi-square test for independence. In the intragroup analysis (both for Group 1 and Group 2), when verifying the metaphorical sentences, we realize that there is a statistically significant difference ($p < 0.01$) regarding the choice of the image selected by the participant – if an image that evidences the metaphorical meaning or image that evidences the literal meaning. For an intergroup analysis, however, no statistical significance was observed ($p = 0.07$). That is, the significance was verified only within the groups and, in addition, we also observed that in both groups were selected the images that evidence the metaphorical meaning. From the results observed in this study, it is possible to affirm that the indices of “familiarity”, “conventionality” and “aptness” are not sufficient to point out influence in the judgment of metaphorical sentences, through images, since, as seen in intra and intergroup analyses, regardless of the indexes selected for observation, the participants selected images that show the metaphorical meaning.

Keywords: Experimental Psycholinguistics. Metaphor. Comprehension.

Lista de Quadros

Quadro 1 – Relação entre pontos-chave dos autores e das teorias.....	58
Quadro 2 – Dados sobre Familiaridade e Eficácia: porcentagem e número total de respostas	72
Quadro 3 – Grupo 1: porcentagem e número total de respostas	76
Quadro 4 – Grupo 2: porcentagem e número total de respostas	76

Lista de Figuras

Figura 1 – Exemplo de sentença metafórica: Tarefas 1 e 2.....	67
Figura 2 – Exemplo de sentença metafórica: Tarefa 3	69
Figura 3 – Imagem que evidencia o sentido literal na Frase 1	77
Figura 4 – Imagem que evidencia o sentido metafórico na Frase 4	77
Figura 5 – Imagem que evidencia o sentido literal na Frase 4	78
Figura 6 – Imagem que evidencia o sentido metafórico na Frase 6	78
Figura 7 – Imagem que evidencia o sentido literal na Frase 6	79

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Frequências observadas e esperadas entre as frases e sentidos – Grupo 1	81
Tabela 2 – Frequências observadas e esperadas entre as frases e sentidos – Grupo 2	83
Tabela 3 – Frequências observadas e esperadas entre os grupos e sentidos.....	85

Lista de Gráficos

Gráfico 1 – Grupo 1: Respostas da Tarefa 3.....	82
Gráfico 2 – Grupo 2: Respostas da Tarefa 3.....	84
Gráfico 3 – Intergrupos: Respostas da Tarefa 3	85

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. METÁFORA.....	16
2.1 Familiaridade, Convencionalidade e Eficácia	16
2.2 Metáfora: diferentes visões e perspectivas	18
2.2.1 Grice (1975).....	20
2.2.2 Martinich (1984).....	24
2.2.3 Searle (2005[1979]).....	29
2.2.3.1 A teoria da comparação, a teoria da interação semântica e a teoria do símile – Searle (2005[1979]).....	32
2.2.3.2 Os princípios propostos por Searle (2005[1979]).....	35
2.2.4 Davidson (1978) e Finger (1996)	39
2.2.5 Harris (1976)	45
2.2.6 Glucksberg (2003).....	47
2.2.7 Bowdle e Gentner (2005)	50
2.2.8 Pontos-chave dos autores e das teorias.....	58
3. METODOLOGIA	61
3.1 Alguns procedimentos metodológicos comuns na área de Psicolinguística.....	61
3.2 Seleção dos participantes	62
3.3 Seleção de metáforas	62
3.4 Coleta de dados.....	63
3.4.1 Coleta de dados das Tarefas 1 e 2	64
3.4.2 Coleta de dados da Tarefa 3	68
3.5 Metodologia de Análise de Dados	70
4. DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS	71
4.1 Análise das Tarefas 1 e 2	71
4.2 Análise da Tarefa 3	75
4.2.1 Análise do Grupo 1.....	80
4.2.2 Análise do Grupo 2.....	82
4.2.3 Análise intergrupos.....	84
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87
REFERÊNCIAS.....	93
ANEXOS.....	96

1. INTRODUÇÃO

Os estudos sobre a metáfora têm sido em torno de debater se ela é compreendida como comparações ou como categorizações; em observar qual a relação entre a similaridade e a metáfora; em analisar como metáforas diferem de enunciados literais; se metáforas são processadas direta ou indiretamente, se são processadas em dois ou três estágios (como veremos no próximo capítulo). Assim como Lakoff e Johnson (2002[1980]), nós observamos que a forma que fazemos uso da metáfora influencia nossas experiências e a forma que vemos o mundo. Além disso, percebemos uma lacuna, na área de Psicolinguística, em torno de se pensar em processamento e compreensão de metáforas quando relacionadas com imagens.

A nossa pesquisa se dá, portanto, no âmbito da Psicolinguística Experimental, área de estudo que tem “como objetivo básico descrever e analisar a maneira como o ser humano compreende e produz linguagem, observando fenômenos linguísticos relacionados ao processamento da linguagem” (LEITÃO, 2011, p. 221). De acordo com Warren (2013, p. 4, tradução nossa), podemos definir a Psicolinguística como sendo “o estudo das representações e processos mentais envolvidos no uso da linguagem, incluindo a produção, compreensão e armazenamento da linguagem falada e escrita”¹. Já em Leitão (2011), vemos que o interesse central da Psicolinguística pode ser delimitado em: como as pessoas adquirem, produzem e compreendem a linguagem verbal. Esse primeiro ponto, como as pessoas adquirem, é tratado pela área de aquisição da linguagem, que é englobada pela psicolinguística desenvolvimentista. Já o segundo e o terceiro ponto, ou seja, como as pessoas produzem e compreendem a linguagem verbal, são estudados pela psicolinguística experimental.

Considerando que imagens estão presentes, de forma substancial, nas nossas vidas e que podem, por exemplo, auxiliar a compreensão de textos verbais, tivemos, neste trabalho, o interesse de observar se os índices de “familiaridade”, “convencionalidade” e “eficácia” influenciam na compreensão de metáforas, especificamente por meio de imagens. Posto isso, nosso objetivo geral foi verificar se os índices de “familiaridade”, “convencionalidade” e “eficácia” influenciam no julgamento, ou seja, na compreensão, de sentenças metafóricas do Português Brasileiro (PB). Já os nossos objetivos específicos foram: 1) identificar metáforas “familiares”, “muito convencionais” e “muito eficazes” e, em contrapartida, metáforas “não familiares”, “pouco convencionais” e “pouco eficazes” ou “nada eficazes”; e 2) verificar, por meio de imagens, a influência da “familiaridade”, “convencionalidade” e “eficácia” no

¹ No original: “can be defined as the study of the mental representations and processes involved in language use, including the production, comprehension and storage of spoken and written language” (WARREN, 2013, p. 4).

juízo das sentenças metafóricas. As nossas hipóteses foram quatro: 1) a metáfora é compreendida se for convencional para o participante, independentemente dos índices de “familiaridade” e “eficácia”; 2) os índices de “familiaridade” e “eficácia” são diretamente relacionados, ou seja, quanto mais alto o índice de “familiaridade”, mais alto será o de “muito eficaz” e “eficaz”; 3) para metáforas com maiores índices de “familiaridade”, “convencionalidade” e “eficácia” serão selecionadas, pelos participantes, imagens que evidenciam o sentido metafórico; e 4) para metáforas com menores índices de “familiaridade”, “convencionalidade” e “eficácia” serão selecionadas, pelos participantes, imagens que evidenciam o sentido literal. Já a nossa hipótese nula, como veremos no capítulo de Discussão e Análise de Dados, previa que as variáveis são independentes, ou seja, que as frases metafóricas e os sentidos metafórico ou literal, evidenciados pelas imagens, não estão associados.

Esta dissertação está organizada da seguinte forma: no Capítulo 2, “Metáfora”, conceituamos a metáfora e suas variáveis, a partir da perspectiva de alguns autores como Aristóteles (2013[384a.C -399]), Silva (2018), Lakoff e Johnson (2002[1980]); Grice (1975); Martinich (1984); Searle (2005[1979]); Davidson (1978); Finger (1996); Harris (1976); Glucksberg (2003) e Bowdle e Gentner (2005).

No capítulo 3, “Metodologia”, apresentamos os procedimentos para a seleção dos participantes; para a seleção das metáforas; para as duas etapas de coleta de dados, que foram baseadas no trabalho de Ricci (2016); e para a análise dos dados. Também apresentamos alguns dos procedimentos metodológicos *on-line* e *off-line*, comuns na área de Psicolinguística. Nesta pesquisa utilizou-se métodos *off-line*, conhecidos também como métodos não-cronométricos: nas Tarefas 1 e 2, utilizamos a escala de Likert (DERWING; ALMEIDA, 2005), questões totais (SIM ou NÃO) e questão dissertativa, enquanto na Tarefa 3, utilizamos questões de múltipla escolha.

No Capítulo 4, “Discussão e Análise dos Dados”, analisamos, quantitativamente, as respostas das Tarefas 1, 2 e 3. Também analisamos as respostas da Tarefa 3 intragrupo e intergrupos, por meio do teste qui-quadrado para independência (FONSECA; MARTINS, 2011).

Por fim, no Capítulo 5, “Considerações finais”, fazemos um apanhado do que foi apresentado nos capítulos anteriores e apresentamos sugestões de trabalhos futuros. No capítulo a seguir, iremos, então, discorrer sobre o conceito de metáfora e as diferentes perspectivas sobre metáfora.

2. METÁFORA

Usualmente a metáfora é definida como uma das figuras de linguagem da Língua Portuguesa que ocorre como um recurso linguístico, permitindo ao falante a transposição de ideias de X para Y, sendo X e Y de natureza oposta, elucidando elementos que possam ser comuns para ambos lados. Com Aristóteles (2013[384a.C -399], p. 56-57), surgiu a definição de metáfora: “a transposição do nome de uma coisa para outra, transposição do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou de uma espécie para outra, por analogia”. Alguns exemplos dados por Aristóteles (2013[384a.C -399], p. 57) são:

- 1) “minha nau aqui se deteve”;
- 2) “certamente, Ulisses levou a feito milhares e milhares de belas ações”;
- 3) “tendo-lhe esgotado a vida com bronze” e “de cinco fontes cortando com o duro do bronze”.

O primeiro exemplo se refere à transposição de gênero (“deter”) para a espécie (“lançar ferro/ancorar”); o segundo se refere da espécie (“milhares e milhares”) ao gênero (“muitas”); e, o terceiro, de espécie para espécie (“esgotar” e “cortar” se referem a “tirar”). Sobre a transposição ser feita por analogia, Aristóteles (2013[384a.C -399], p. 57) explica “haver analogia quando o segundo termo está para o primeiro, na proporção em que o quarto está para o terceiro, pois, neste caso, empregar-se-á o quarto em vez do segundo e o segundo no lugar do quarto”, e, como exemplo, temos a metáfora “o que a velhice é para a vida, a tarde é para o dia” (ARISTÓTELES, 2013[384a.C -399], p. 57).

Aristóteles, ao definir e conceituar o que é metáfora, levantou um tópico de estudo que é pesquisado desde de sua época até os dias atuais. Na seção a seguir, conceituamos a “familiaridade”, “convencionalidade” e “eficácia”, denominadas por Silva (2018, p. 18) como o “tripé da metáfora”. Em seguida, apresentamos como a metáfora é vista a partir de algumas visões e perspectivas, de acordo com alguns autores, começando com Lakoff e Johnson (2002[1980]). E, ao final deste capítulo, apresentamos um quadro com pontos-chave das teorias destes autores.

2.1 Familiaridade, Convencionalidade e Eficácia

O objetivo geral desse trabalho foi verificar se os índices de “familiaridade”, “convencionalidade” e “eficácia” influenciam no julgamento, ou seja, na compreensão, de sentenças metafóricas do Português Brasileiro (PB). Como podemos ver em Silva (2018), essas três variáveis podem ser consideradas como o tripé da metáfora: não há como desenvolver um trabalho acerca da metáfora sem mencioná-las e, de acordo com Ricci (2016, p. 11), são variáveis que “interferem no processamento de metáforas”. Para entendermos essas variáveis iremos, a seguir, conceituá-las.

Sobre a “familiaridade”, é importante frisar que a definição e a importância dessa variável, por vezes, oscilam diante de diversos autores. Segundo Silva (2018, p. 20), a familiaridade “tem relação direta com a expressão metafórica em sua integridade, envolvendo, assim, tanto o tópico quanto o veículo metafórico, além de englobar a parte acessória, como por exemplo os determinantes”. Já Glucksberg (2003, p. 93, tradução nossa), como veremos adiante, afirma que “um determinante da compreensibilidade de uma expressão é sua familiaridade, mas a familiaridade por si só é insuficiente para explicar a facilidade de compreensão da expressão idiomática”². Blasko e Connine (1993) afirmam que a familiaridade, além de subjetiva e de ser um aspecto da convencionalidade, é também “a experiência consciente com a metáfora”³ (BLASKO; CONNINE, 1993, p. 305, tradução nossa).

Em relação à “convencionalidade”, vemos em Bowdle e Gentner (2005) que a compreensão de uma metáfora pode, de fato, ser influenciada pelo nível de convencionalidade. Veremos, adiante, que esses autores acreditam “a) que o processo de convencionalização é essencialmente de um termo base adquirindo um significado geral de domínio” e “b) que essa mudança representacional será acompanhada por uma mudança no modo de alinhamento”⁴ (BOWDLE; GENTNER, 2005, p. 199, tradução nossa). Para que se alcance a “convencionalidade”, como afirma Silva (2018, p. 19), “é necessário o uso contínuo do veículo metafórico até que ele se torne uma categoria e, a partir daí, seja acessado pelas estruturas de redes da memória como qualquer outra palavra”.

Por último, sobre *Aptness*⁵, segundo Ricci (2016, p. 14), “metáforas *apt* (adequadas) são metáforas que empregam um exemplar prototípico facilmente reconhecível como candidato

² No original: “One determinant of an expression’s comprehensibility is its familiarity, but familiarity alone is insufficient to account for ease of idiom comprehension” (GLUCKSBERG, 2003, p. 93).

³ No original: “Familiarity ratings reflect perceived experience with the metaphor” (BLASKO; CONNINE, 1993, p. 305).

⁴ No original: “(a) that the process of conventionalization is essentially one of a base term acquiring a domain-general meaning” and “(b) that this representational shift will be accompanied by a shift in mode of alignment” (BOWDLE; GENTNER, 2005, p. 199).

⁵ Segundo Ricci (2016, p. 31), “A versão, em português, de *aptness*, aqui, bem como nos formulários apresentados aos participantes, “eficácia”, poderia ser “capacidade” ou “competência”, “jeito”, ou, até mesmo, “adequação” ou

a categoria metafórica (GLUCKSBERG, 2008, p. 73)”. Já de acordo com Silva (2018, p. 20-21), “pode-se dizer que *aptness* se refere ao grau com que um dado veículo metafórico recolhe pontos relevantes de um tópico para possibilitar uma compreensão eficaz e adequada”. Neste trabalho, usamos o termo “eficácia” para nos referirmos a *aptness*. Ainda conforme Silva (2018, p. 18-19), vemos que “pode-se dizer que a convencionalidade diz respeito ao veículo, enquanto a familiaridade diz respeito à expressão e, por sua vez, o *aptness* diz respeito a adequação entre tópico e veículo”.

Na seção a seguir, discorreremos sobre as diferentes visões e perspectivas em torno da metáfora.

2.2 Metáfora: diferentes visões e perspectivas

A obra *Metáforas da vida cotidiana* foi escrita por George Lakoff e Mark Johnson em 1980. Os autores começam o primeiro capítulo dizendo sobre como, através da linguagem, podemos ver que nosso sistema conceitual é, na verdade, de natureza metafórica. Além disso, falam sobre como a metáfora permeia nossas vidas cotidianas e como ela estrutura o que pensamos, experienciamos e o que fazemos. Para exemplificar como a metáfora permeia nossas vidas cotidianas, estruturando nossos pensamentos, experiências e atitudes, os autores trazem a metáfora “DISCUSSÃO É GUERRA” (LAKOFF; JOHNSON, 2002[1980], p. 46). Com essa metáfora, eles argumentam como nosso sistema conceitual – mesmo que apenas parcialmente⁶ – é de natureza metafórica, por exemplo: quando pensamos em discussão, na maioria das vezes, pensamos em um lado ganhador e em um lado perdedor; nossos argumentos em uma discussão são como ataques e/ou contra-ataques. De acordo com Lakoff e Johnson (2002[1980], p. 47-48), “a essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra”, ou seja, com a metáfora DISCUSSÃO É GUERRA, experienciamos o evento DISCUSSÃO em termos do evento GUERRA, estruturamos não apenas em palavras, mas também em processos psicológicos. Os autores finalizam o capítulo dizendo que “a afirmação mais importante que

“a qualidade do que é apropriado ou adequado”. Dessa forma, no presente trabalho, iremos utilizar a definição de “eficácia” para a tradução de “*aptness*”.

⁶ “É importante notar que a estruturação metafórica aqui envolvida é apenas parcial e não total. Se fosse total, um conceito *seria*, de fato, o outro e não simplesmente entendido em termos do outro. (...) Por outro lado, conceitos metafóricos podem ser estendidos para além do domínio das formas literais ordinárias de se pensar e de se falar, passando-se para o domínio do que se chama de pensamento e linguagem figurados, poéticos, coloridos ou fantasiosos. (...) Dessa forma, quando dizemos que um conceito é estruturado por uma metáfora, queremos dizer que ele é parcialmente estruturado e que ele pode ser expandido de algumas maneiras e não de outras” (LAKOFF; JOHNSON, 2002[1980], p. 55).

fizemos até aqui é que a metáfora não é somente uma questão de linguagem, isto é, de meras palavras. Argumentaremos que, pelo contrário, *os processos do pensamento* são em grande parte metafóricos” (LAKOFF; JOHNSON, 2002[1980], p. 48). Além disso,

uma vez que expressões metafóricas em nossa língua são ligadas a conceitos metafóricos de uma maneira sistemática, podemos usar expressões metafóricas lingüísticas para estudar a natureza de conceitos metafóricos, e, dessa forma, compreender a natureza metafórica de nossas atividades (LAKOFF; JOHNSON, 2002[1980], p. 50).

Em nosso trabalho vamos de encontro com esses autores: também acreditamos que a metáfora estrutura nossas experiências. Como dito anteriormente, tivemos o interesse de verificar se os índices de “familiaridade”, “convencionalidade” e “eficácia” influenciam no julgamento de sentenças metafóricas do PB, e isso se deu a partir das experiências dos participantes com as metáforas selecionadas para as Tarefas 1, 2 e 3. Tais metáforas foram retiradas de Lakoff e Johnson (2002[1980]).

Finger (1996), em seu livro *Metáfora e Significação*, tem o objetivo de expor e analisar como alguns semanticistas vêm tratando o discurso metafórico. Para a autora, muitas vezes a linguagem é usada de forma que os proferimentos feitos contêm palavras e sentenças com significados diferentes daqueles que são dados a elas de forma isolada. A autora apresenta como exemplo o proferimento metafórico (FINGER, 1996). Um dos pontos levantados é de que as metáforas podem ser utilizadas para fazer afirmações que sejam verdadeiras ou falsas, sendo possível concordar ou discordar dessas afirmações, e, visto isso, se tornam então um fenômeno de interesse linguístico (FINGER, 1996). Observamos, então, “nos proferimentos metafóricos um problema de interpretação: há discrepância entre aquilo que se quer atribuir ao falante e o significado literal da sentença por ele utilizada” (FINGER, 1996, p. 16). Além disso, Finger (1996, p. 16) afirma que “tomamos a Semântica das Condições-de-Verdade como soberana e defendemos que uma visão pragmática do fenômeno da metáfora⁷ é a mais apropriada, pois as metáforas são, essencialmente, um aspecto do *uso* da linguagem”. Assim como Finger (1996), aqui apresentamos alguns pontos tratados por alguns autores como, por exemplo, Grice (1975), Martinich (1984), Searle (2005[1979]), Davidson (1978) e, também, apresentamos o Princípio da Caridade, proposto por Almeida e Finger (apud FINGER, 1996). Trazemos, também,

⁷ “‘Metáforas’, aqui, é um termo que designará proferimentos contendo expressões metafóricas, embora, em certos momentos do texto, fique contextualmente claro que o termo “metáfora” é empregado para designar apenas a palavra ou expressão que é usada metaforicamente. Na maior parte dos casos, a categoria gramatical do termo metafórico (substantivo, verbo, adjetivo ou advérbio) não é relevante para o estudo” (FINGER, 1996, p. 16-17).

discussões feitas por Harris (1976), Glucksberg (2003) e, por fim, Bowdle e Gentner (2005). Na seção a seguir, veremos sobre a Teoria das Implicaturas (GRICE, 1975).

2.2.1 Grice (1975)

Grice (1975, p. 41, tradução nossa) começa seu texto dizendo que, na lógica filosófica, parece haver

divergências no significado entre, por um lado, ao menos alguns dos que chamarei de dispositivos FORMAIS – \neg , \wedge , \vee , \supset , $(\forall x)$, $(\exists x)$, $(\exists!x)$ – (quando a esses é dada uma interpretação padrão de dois valores) – e, por outro lado, o que são considerados seus análogos ou contrapartes na linguagem natural – expressões como *não*, *e*, *ou*, *se*, *todos*, *alguns* (ou *pelo menos um*), *o*⁸.

Grice (1975) separa em dois grupos as pessoas que aderem a uma ou outra visão dentro dessa discussão: formalistas e informalistas. Apesar de expor essas divergências e explicitar tanto a visão dos formalistas quanto dos informalistas, ele se atenta às condições que se aplicam à conversação humana, “e é a isso que ele se propõe ao formular sua *Teoria das Implicaturas*” (FINGER, 1996, p. 20). Segundo Finger (1996, p. 20),

observando que o que um falante diz (“says”) explicitamente em um proferimento pode ser distinto do que ele pretende dizer (“means”), Grice exige que sejamos capazes de explicar como é possível que, a partir de um dado proferimento, seja comunicado muito mais do que é literalmente dito.

Dessa forma, o autor formula a noção de implicatura. Para isso, Grice (1975, p. 43, tradução nossa) traz o seguinte exemplo: “Oh, muito bem, eu acho; ele gosta dos colegas e ainda não foi para a prisão”⁹, sendo o contexto: pessoa A e pessoa B conversando sobre a pessoa C, que é amigo em comum de ambos e está trabalhando em um banco, sendo essa frase dita por B, em resposta a A sobre como C está indo no trabalho. A partir dessa resposta dada por B, a pessoa A pode indagar o que ela quis dizer/sugerir/insinuar, mas pensando nas respostas possíveis a essa indagação, vemos, dessa forma, que a frase dita por B não condiz com o que B realmente disse. Assim, temos que a intenção, seja qual for, por trás da sentença dita, não é a mesma que os significados convencionais das palavras que foram proferidas, ou seja, o que foi dito vai

⁸ No original: “It is a commonplace of philosophical logic that there are, or appear to be, divergences in meaning between, on the one hand, at least some of what I shall call the FORMAL devices – \neg , \wedge , \vee , \supset , $(\forall x)$, $(\exists x)$, $(\exists!x)$ – (when these are given a standard two-valued interpretation) - and, on the other, what are taken to be their analogs or counterparts in natural language - such expressions as *not*, *and*, *or*, *if*, *all*, *some* (or *at least one*), *the*” (GRICE, 1975, p. 41).

⁹ No original: “Oh quite well, I think; he likes his colleagues, and he hasn't been to prison yet” (GRICE, 1975, p. 43).

além dos significados próprios das palavras empregadas. Esse ato é o que Grice (1975) chama de “implicaturas”. Além da noção de implicatura, Grice (1975, p. 44, tradução nossa) traz uma observação sobre a palavra *dizer*: “no sentido em que estou usando a palavra *dizer*, pretendo que o que alguém disse esteja intimamente relacionado ao significado convencional das palavras (a frase) que ele proferiu”¹⁰. Sobre isso, Grice (1975, p. 44, tradução nossa) exemplifica, por meio do exemplo a seguir, o que ele pretende expressar através do uso do termo “dizer”:

- 1) Ele está nas garras de um vício¹¹;

Sobre este exemplo, supondo que o ouvinte soubesse a língua portuguesa e mesmo que ele não tivesse conhecimento do contexto que ocorreu essa afirmação, ele, ainda assim, seria capaz de saber alguma coisa sobre o que falante disse, desde que este falante estivesse falando de forma literal e usando o português corrente (GRICE, 1975). Já sobre o significado convencional das palavras, Grice (1975) afirma que além de ajudar a determinar o que foi dito, pode também ajudar a determinar o que foi implicado no que foi dito. Para exemplificar isso, ele utiliza a sentença “Ele é um homem inglês; ele é, portanto, corajoso”¹² (GRICE, 1975, p. 44, tradução nossa). Com essa sentença, a partir dos significados convencionais das palavras utilizadas, é implicado que, em consequência de o homem ser um homem inglês, ele é corajoso. Apesar disso, segundo Grice (1975, p. 45, tradução nossa) “(...) eu não quero dizer que eu DISSE (em um sentido favorecido) que decorre do fato de ele ser um inglês que ele é corajoso, embora eu tenha certamente indicado, e assim implicado, que é assim”¹³. O autor conclui que, sendo assim, “*algumas* implicaturas são convencionais”¹⁴ (GRICE, 1975, p. 45, tradução nossa).

Vimos, então, que implicatura é o que é implicado pelos falantes e vai além dos significados convencionais das palavras utilizadas para dizer o que é dito. As implicaturas são divididas em duas categorias: convencionais e conversacionais (estas se enquadram em uma subclasse de implicaturas não convencionais). As implicaturas convencionais são as que estão relacionadas com o significado convencional das palavras empregadas na sentença (GRICE,

¹⁰ No original: “In the sense in which I am using the word *say*, I intend what someone has said to be closely related to the conventional meaning of the words (the sentence) he has uttered” (GRICE, 1975, p. 44).

¹¹ No original: “He is in the grip of a vice” (GRICE, 1975, p. 44).

¹² No original: “He is an Englishman; he is, therefore, brave” (GRICE, 1975, p. 44).

¹³ No original: “(...) I do not want to say that I have SAID (in the favored sense) that it follows from his being an Englishman that he is brave, though I have certainly indicated, and so implicated, that this is so” (GRICE, 1975, p. 45).

¹⁴ No original: “So SOME implicatures are conventional (...)” (GRICE, 1975, p. 45).

1975; FINGER, 1996). As implicaturas conversacionais são divididas em generalizadas e particularizadas e, de uma forma geral, são associadas a determinadas características gerais do discurso (GRICE, 1975). As generalizadas “são aquelas que resultam de qualquer contexto e dependem do conhecimento lingüístico de certas combinações de palavras” (FINGER, 1996, p. 27), e se assemelham muito às implicaturas convencionais (GRICE, 1975). Já as implicaturas conversacionais particularizadas se associam a características e contextos mais específicos do discurso (GRICE, 1975; FINGER, 1996). Seguindo a isso, vemos que nas conversas existem propósitos que, de certa forma, são construídos por esforços cooperativos: esses esforços cooperativos podem ser buscados no início da conversa ou durante a conversa; de forma definida ou indefinida; alguns movimentos podem ser excluídos da conversação por serem conversacionalmente inadequados (GRICE, 1975). Grice (1975) formula, portanto, um princípio geral, chamado de Princípio Cooperativo (PC), que é determinado como: “faça sua contribuição conversacional, conforme exigido, no estágio em que ocorre, pelo propósito ou direção aceita da troca conversacional com a qual você está comprometido”¹⁵ (GRICE, 1975, p. 45, tradução nossa). O Princípio Cooperativo é subdividido em quatro categorias: quantidade, qualidade, relação e modo. Essas categorias são compostas por máximas, que por sua vez, possuem máximas específicas:

- 1) A categoria de Quantidade diz respeito a quantidade de informações a serem fornecidas e suas máximas específicas são: 1) faça suas contribuições tão informativas quanto necessárias; 2) não faça suas contribuições mais informativas do que é necessário (GRICE, 1975; FINGER, 1996);
- 2) A categoria de Qualidade tem como máxima “tente fazer uma contribuição que seja verdadeira”¹⁶ (GRICE, 1975, p. 46, tradução nossa). Suas máximas específicas são: 1) não diga algo que você ache que é falso; 2) não diga algo que você não tenha evidências adequadas (GRICE, 1975; FINGER, 1996);
- 3) Já para a categoria de Relação, Grice (1975, p. 46, tradução nossa) indica apenas uma máxima: “seja relevante”¹⁷;
- 4) Por sua vez, a categoria de Modo não diz respeito ao que é dito, mas como é dito o que é dito. A máxima dessa categoria é “seja claro”¹⁸ (GRICE, 1975, p. 46, tradução

¹⁵ No original: “Make your conversational contribution such as is required, at the stage at which it occurs, by the accepted purpose or direction of the talk exchange in which you are engaged” (GRICE, 1975, p. 45).

¹⁶ No original: “Try to make your contribution one that is true” (GRICE, 1975, p. 46).

¹⁷ No original: “Be relevant” (GRICE, 1975, p. 46).

¹⁸ No original: “Be perspicuous” (GRICE, 1975, p. 46).

nossa). Essa categoria traz quatro máximas específicas, tais como: 1) evite expressões obscuras; 2) evite ambiguidade; 3) seja breve; 4) seja ordenado (GRICE, 1975; FINGER, 1996).

Sobre as máximas, Grice (1975) diz que, em uma conversação, a observação de algumas delas são menos urgentes do que a de outras, e, além dessas máximas dadas anteriormente, também existem outras, que por sua vez, podem gerar implicaturas não convencionais, alguns exemplos seriam máximas de caráter estético, social e moral, porém Grice (1975, p. 47, tradução nossa) afirma que

as máximas conversacionais, entretanto, e as implicaturas conversacionais conectadas a elas, estão especialmente conectadas (espero) com os propósitos particulares para os quais a conversa (e, portanto, a troca de conversas) é adaptada para servir e é principalmente empregada para servir¹⁹.

Sobre as implicaturas conversacionais, Grice (1975, p. 50, tradução nossa) afirma que para saber se uma implicatura conversacional pode ser dada é preciso observar o seguinte:

ele disse que *p*; não há razão para supor que ele não está observando as máximas, ou pelo menos o Princípio da Cooperação; ele não pode estar fazendo isso a menos que tenha pensado que *q*; ele sabe (e sabe que eu sei que ele sabe) que eu posso perceber a suposição de que ele pensa que *q* é exigido; ele não fez nada para me impedir de pensar que *q*; ele quer que eu pense, ou pelo menos está disposto a me permitir pensar, que *q*; e assim ele implicou que *q*²⁰.

Grice (1975) apresenta alguns exemplos de implicatura conversacional. Como o foco deste trabalho é a metáfora, iremos agora nos ater apenas ao que Grice (1975) disse a respeito da metáfora. Para ele, a metáfora está no Grupo C²¹: “exemplos que envolvem exploração, isto é, um processo em que a máxima é menosprezada com o objetivo de gerar uma implicatura conversacional por meio de algo semelhante a uma figura de retórica”²² (GRICE, 1975, p. 52, tradução nossa), precisamente no item (2a) “exemplos em que a primeira máxima da Qualidade

¹⁹ No original: “The conversational maxims, however, and the conversational implicatures connected with them, are specially connected (I hope) with the particular purposes that talk (and so, talk exchange) is adapted to serve and is primarily employed to serve” (GRICE, 1975, p. 47).

²⁰ No original: “He has said that *p*; there is no reason to suppose that he is not observing the maxims, or at least the CP; he could not be doing this unless he thought that *q*; he knows (and knows that I know that he knows) that I can see that the supposition that he thinks that *q* is required; he has done nothing to stop me thinking that *q*; he intends me to think, or is at least willing to allow me to think, that *q*; and so he has implicated that *q*” (GRICE, 1975, p. 50).

²¹ Os outros grupos citados por Grice (1975, p. 51) são: “Group A: Examples in which no maxim is violated, or at least in which it is not clear that any maxim is violated” e “Group B: An example in which a maxim is violated, but its violation is to be explained by the supposition of a clash with another maxim”.

²² No original: “Group C: Examples that involves exploitation, that is, a procedure by which a maxim is flouted for the purpose of getting in a conversational implicature by means of something of the nature of a figure of speech” (GRICE, 1975, p. 52).

é menosprezada”²³ (GRICE, 1975, p. 53, tradução nossa). Para Grice (1975), a metáfora – junto à ironia, ao lítote²⁴ e à hipérbole – menospreza a máxima de Qualidade. Percebemos então que, ao menosprezar uma máxima conversacional, estamos fazendo uma implicatura conversacional. Por exemplo, para Grice (1975, p. 53, tradução nossa), a metáfora “você é o creme do meu café”²⁵ é uma falsidade categorial e, pensando que seria um truísmo por parte do falante, não pode ser isso que ele está tentando expressar. O autor conclui então que o falante na verdade está atribuindo ao ouvinte alguma(s) característica(s) do creme. Assim, com Finger (1996, p. 28), temos que “no momento em que o ouvinte reconhece que o falante está pretendendo dizer algo diferente do que está literalmente dizendo, ele, então, torna-se capaz de *calcular* o conteúdo do que o falante está querendo dizer”. Apesar de Grice (1975) não formular uma teoria da metáfora, vemos que a teoria da implicatura pode ser relacionada ao uso da metáfora: ao transpormos/associarmos uma característica de X para Y, estamos implicando que Y possui certa semelhança com X.

2.2.2 Martinich (1984)

Para Martinich (1984), a metáfora é um fenômeno derivado, especificamente, de algum aspecto do uso da linguagem. Mas, segundo o autor, para termos uma teoria da metáfora que seja adequada, falta um espaço, seja dentro de uma teoria geral da linguagem, seja de uma teoria sobre o uso da linguagem. Pensando nisso, em seu artigo, ele se propõe a colocar a metáfora dentro de alguma teoria, principalmente explicando a metáfora de acordo com os termos que Grice oferece na Teoria da Conversação. Além disso, de acordo com a teoria de Grice, Martinich (1984) sustenta que a metáfora é baseada de forma pragmática, e não semântica, como vemos,

embora haja um sentido em que a frase usada metaforicamente tenha um significado metafórico, esse significado é em si mesmo uma consequência dos mecanismos que dão origem à metáfora e não são o que a torna possível. Na terminologia de Grice, o significado metafórico de um enunciado é uma instância do significado da ocasião do enunciado e não (aplicado) do significado de enunciado atemporal²⁶ (MARTINICH, 1984, p. 35, tradução nossa).

²³ No original: “(2a) Examples in which the first maxim of Quality is flouted” (GRICE, 1975, p. 53).

²⁴ Segundo Diana (2019): “Lítote é uma figura de linguagem, mais precisamente uma figura de pensamento. Ele é usado para abrandar uma expressão por meio da negação do contrário. Ele permite afirmar algo por meio da negação, por exemplo: Eu não estou feliz com a notícia da prefeitura”.

²⁵ No original: “You are the cream in my coffee” (GRICE, 1975, p. 53).

²⁶ No original: “Although there is a sense in which the sentence used metaphorically has a metaphorical meaning, this meaning is itself a consequence of the mechanisms that give rise to the metaphor and are not what makes the

Martinich (1984) ressalta as distinções feitas por Grice em relação aos vários elementos presentes no conteúdo geral expressado pelo falante, iniciando pela divisão entre o que falante diz ou faz-de-conta-que-se-diz-algo²⁷, e entre o que falante implica. Para isso, ele mostra que o termo ‘dizer’ carrega vários sentidos, mas o sentido em que ele se interessa “envolve mais do que simplesmente proferir palavras e pretender que sejam percebidas como tendo um significado”²⁸ (MARTINICH, 1984, p. 36, tradução nossa). Dessa forma, “para contar como uma instância de dizer algo, as palavras proferidas devem ser usadas para se referir a algo ou predicar algo e ter alguma força, direta ou indiretamente”²⁹ (MARTINICH, 1984, p. 36, tradução nossa), sendo este conceito de ‘dizer’ definido com a expressão ‘dizendo-algo’ (*saying-that*). Além desta expressão, Martinich (1984) traz também o conceito da expressão ‘faz-de-conta-que-se-diz-algo’ (*makes-as-if-to-say*). Duas questões são levantadas a partir desse conceito: 1) o que de fato o falante quer dizer e 2) se a metáfora é uma falsidade. A primeira questão vemos com o exemplo dado por Martinich (1984, p. 36, tradução nossa): “Este é um *ótimo* país”³⁰, frase dita sarcasticamente por um funcionário infeliz, em um país com economia debilitada e com repressão política. Neste caso, o falante implicitamente está dizendo que, na verdade, seu país não é um ótimo país: ele apenas faz como se dissesse algo. A segunda questão pode ser vista com a metáfora “Meu amor é uma rosa vermelha”³¹: de acordo com Martinich (1984), alguém que profere essa frase não está realmente dizendo que seu amor é uma rosa vermelha, “pois, se estivesse, estaria dizendo algo falso e, certamente, uma pessoa que profere uma metáfora normalmente não está falando falsamente (...). Uma pessoa que fala metaforicamente visa a verdade”³² (MARTINICH, 1984, p. 36, tradução nossa).

Como apontado por esse autor, uma das grandes questões acerca de uma teoria da metáfora é saber se de fato o falante diz-algo ou apenas faz-de-conta-que-se-diz-algo, e, por um lado, de acordo com os exemplos anteriores, pode-se entender que alguém que esteja falando

metaphor possible. In Grice's terminology, the metaphorical meaning of an utterance is an instance of utterance occasion meaning and not (applied) timeless utterance meaning” (MARTINICH, 1984, p. 35).

²⁷ Como vemos com Finger (1996, p. 32): “Em seu artigo, Martinich desenvolve a distinção entre *dizer algo* – “saying-that” – e *fazer-de-conta-que-se-diz-algo* – “making-as-if-to-say-that” –, resgatando noções que foram reconhecidas, mas insuficientemente discutidas por Grice”. Em nosso trabalho, estamos usando a tradução de Finger (1996) para essas duas expressões.

²⁸ No original: “The sense of “say” in which we are interested involves more than simply uttering words and intending them to be perceived as having a meaning” (MARTINICH, 1984, p. 36).

²⁹ No original: “In order to count as an instance of saying something, the words uttered must be used to refer to something or predicate something and have some force, directly or indirectly” (MARTINICH, 1984, p. 36).

³⁰ No original: “This is a *fine* country” (MARTINICH, 1984, p. 36).

³¹ No original: “My love is a red rose” (MARTINICH, 1984, p. 36).

³² No original: “For, if he were, then he would be saying something false, and, surely, a person who utters a metaphor typically is not speaking falsely (...). A person who speaks metaphorically aims at the truth” (MARTINICH, 1984, p. 36).

de forma metafórica está apenas fazendo-de-conta-que-diz-algo. Mas, “por outro lado, a metáfora pode conter sua referência literal ou sua predicação literal (mas não ambos)”³³ (MARTINICH, 1984, p. 37, tradução nossa), além também de algumas metáforas terem suas forças ilocucionárias literais (MARTINICH, 1984). O autor conclui então que

uma pessoa que fala metaforicamente consegue realizar alguns dos subactos que, juntos, constituem um ato completo de dizendo-algo, a saber, referência, predicação e força ilocucionária. No entanto, uma pessoa que fala metaforicamente não diz-algo que normalmente seria considerado como tendo dito-algo se estivesse falando literalmente; além disso, ele não se apresenta como dizendo-algo isso e aquilo, mas apenas faz-como-se-dissesse, menosprezando uma máxima de qualidade³⁴ (MARTINICH, 1984, p. 37, tradução nossa).

Vimos, na seção anterior, que Grice (1975) divide as implicaturas em convencionais e não convencionais. Martinich (1984) as denomina, respectivamente, como implicações linguísticas e implicações não-linguísticas, fazendo a ressalva de que há vários tipos de implicações não-linguísticas, precisamente a implicação conversacional, sendo que esta é crucial para o entendimento da metáfora. Além disso, as implicações linguísticas, para ele, são mencionadas apenas para fazer a distinção com as implicações não-linguísticas. Além das máximas conversacionais ditas por Grice (1975), Martinich (1984) acrescenta que em uma implicação conversacional, uma característica importante seria que a audiência faça inferências para entender o que foi implicado.

De acordo com as máximas conversacionais de Grice (1975), vimos que existem formas de não satisfazê-las, seja violando, seja optando por não participar ou menosprezando alguma máxima. Dessas três formas, para a análise da metáfora, Martinich (1984) volta sua atenção sobre menosprezar a máxima, especificamente a máxima de qualidade. Para ele, tendo em vista essa máxima de qualidade, pode-se afirmar que toda metáfora é supostamente³⁵ falsa ou é literalmente falsa, e, dessa forma, têm-se uma divisão de dois tipos de metáforas: “eu devo chamar as metáforas que são literalmente falsas de metáforas *padrão*; e aquelas que são

³³ No original: “On the other hand, a metaphor can contain its literal reference or its literal predication (though not both)” (MARTINICH, 1984, p. 37).

³⁴ No original: “A person who speaks metaphorically does succeed in performing some of the subacts that together constitute a complete act of saying-that, namely, reference, predication and illocutionary force. However, a person who speaks metaphorically does not say-that what he would normally be taken to have said-that if he were speaking literally; further, he does not represent himself as saying-that such and such, but only makes-as-if to say it by flouting a maxim of quality” (MARTINICH, 1984, p. 37).

³⁵ “By “supposed”, I do not mean that the metaphor is intended to be false but that the metaphor is *treated as if* or *entertained as if* it were false in order to consider the consequences, as when, in a *reductio ad absurdum* argument, the proposition to be proved is *supposed* to be false in order to show that the consequences of such a supposition are absurd” (MARTINICH, 1984, p. 40).

supostamente falsas por metáforas *não-padrões*³⁶ (MARTINICH, 1984, p. 40, tradução nossa). Sobre essa distinção, Martinich (1984, p. 52, tradução nossa) apenas fala que isso “é inevitavelmente declarado em termos técnicos, a fim de descrever o fenômeno da metáfora corretamente e com a generalidade necessária³⁷”. Contudo, o foco do autor são as metáforas padrão. Ainda sobre falsidade de metáforas, Martinich (1984) afirma que, apesar de toda proposição metafórica ser falsa e toda metáfora menosprezar a primeira máxima de qualidade, o objetivo de uma metáfora e o que é pretendido ser comunicado pelo falante não é falso, na verdade, além de ser verdadeiro também está implícito na conversação, justamente pelo fato de a metáfora menosprezar essa máxima. Além disso, o autor também afirma que não é qualquer proposição metafórica que é uma mentira pois, ao contrário de uma mentira que viola a máxima de qualidade, a metáfora apenas menospreza, deixando claro uma falsidade aberta no seu enunciado, sendo esta falsidade uma pista para o ouvinte interpretar o enunciado como metafórico. E, portanto, para ele, nenhuma metáfora pode ser mentira.

Ademais, ainda sobre a análise da metáfora, Martinich (1984) nos fala sobre a saliência. Tendo em mente que a quantidade existente de propriedades relacionadas à saliência é grande e nem todas são compreendidas pelo falante, o autor ressalta dois princípios que as reduzem. Para explicar, primeiramente a saliência e após esses dois princípios, temos o exemplo “meu amor é uma rosa vermelha”³⁸, frase dita por um poeta. A audiência infere que o poeta não está dizendo essa frase de forma literal, supõe-se então que ele está apenas fazendo-como-se-dissesse. Ou seja, a audiência pode inferir o que o poeta disse, e por sua vez, o poeta pode imaginar que a audiência é capaz de fazer inferências para entender o que foi dito por ele. Dessa forma, “deve ser possível à audiência determinar quais propriedades do termo metafórico o falante está pensando e em quais termos o falante pensa que a audiência vai pensar que o falante pensa que a audiência vai pensar. E essas características chamamos de salientes”³⁹ (MARTINICH, 1984, p. 42, tradução nossa).

Os princípios que reduzem as propriedades salientes são dois: 1) “diz respeito a um requisito de conversação”⁴⁰ (MARTINICH, 1984, p. 42, tradução nossa), neste caso, se é relevante para o contexto; e 2) “as propriedades pretendidas são apenas aquelas que contribuem

³⁶ No original: “I shall call metaphors that are literally false *standard* metaphors; and those that are supposed to be false *nonstandard* metaphors” (MARTINICH, 1984, p. 40).

³⁷ No original: “(...) is unavoidably stated in technical terms in order to describe the phenomenon of metaphor correctly and with the required generality” (MARTINICH, 1984, p. 52).

³⁸ No original: “My love is a red rose” (MARTINICH, 1984, p. 41).

³⁹ No original: “(...) it must be possible for the audience to determine which properties of the metaphorical term the speaker is thinking of and which the speaker thinks that the audience will think that the speaker thinks the audience will think of. And these features we call salient” (MARTINICH, 1984, p. 42).

⁴⁰ No original: “One concerns a conversational requirement” (MARTINICH, 1984, p. 42).

para uma conclusão verdadeira”⁴¹ (MARTINICH, 1984, p. 42, tradução nossa). Como dito por Martinich (1984), o primeiro princípio está relacionado ao fato de que, ao menosprezar a máxima conversacional de qualidade, o falante explora essa máxima, conseqüentemente, fazendo implicações conversacionais. Por meio de inferências, essas implicações conversacionais são calculadas, e, por sua vez, essas inferências normalmente são relacionadas a uma outra máxima conversacional de Grice (1975): seja relevante. Dessa forma, “para interpretar o que o poeta quer dizer, é necessário entender seu enunciado como relevante para o contexto. (...) dado que sua comparação é adequada, apenas as propriedades salientes serão consideradas para a atitude do poeta para com seu amor”⁴² (MARTINICH, 1984, p. 42, tradução nossa). Já com o segundo princípio, pensando no que é relevante para o contexto do que é dito, temos que as características salientes de uma rosa vermelha são que ela é bonita, cheirosa ou é muito valorizada. Com a frase do poeta, juntamente com o que é relevante para o contexto, com as características salientes da rosa e também fazendo inferências, tem-se o seguinte argumento:

“Meu amor é uma rosa vermelha.

Uma rosa vermelha é linda, ou cheirosa, ou muito valorizada...

Portanto, meu amor é lindo, cheiroso ou muito valioso”⁴³ (MARTINICH, 1984, p. 42, tradução nossa).

Vemos, assim, que temos uma conclusão verdadeira.

Para Martinich (1984), vale ressaltar que assim como a metáfora é uma figura de linguagem, a hipérbole, a meiose⁴⁴ e a ironia também são. Algumas semelhanças entre a hipérbole e a metáfora podem ser vistas: assim como a metáfora menospreza a segunda máxima de qualidade, a hipérbole também o faz; e, quem fala hiperbolicamente também está fazendo-como-se-dissesse. Já com a meiose, duas considerações são feitas: 1) ao contrário das outras duas figuras de linguagem, ela não menospreza a máxima de qualidade, mas sim a máxima de quantidade, que diz respeito a contribuir apenas com o necessário para a conversa (GRICE, 1975; MARTINICH, 1984), uma vez que ela contribui muito pouco; 2) considerando que a

⁴¹ No original: “the properties intended are only those that contribute to a true conclusion” (MARTINICH, 1984, p. 42).

⁴² No original: “In order to interpret what the poet means, it is necessary to understand his utterance as relevant to the context (...) given that his comparison is apt, only those salient properties will be considered that are relevant to the poet’s attitude towards his love” (MARTINICH, 1984, p. 42).

⁴³ No original: “My love is a red rose. A red rose is beautiful, or sweet-smelling, or highly-valued... Therefore, my love is beautiful, or sweet-smelling or highly-valued” (MARTINICH, 1984, p. 42).

⁴⁴ “Um tipo de eufemismo humorístico que descarta ou menospreza, especialmente usando termos que fazem algo parecer menos significativo do que realmente é ou deveria ser” (GREELANE, 2018).

meiose não menospreza a máxima de qualidade, “a proposição que o falante expressa não é falsa, não há necessidade de interpretar como não sendo dito-aquilo”⁴⁵ (MARTINICH, 1984, p. 46, tradução nossa). Por último, sobre a ironia, vemos que, apesar de parecer, ela não viola a máxima de qualidade, mas ainda assim, como a metáfora e a hipérbole, o falante que está falando ironicamente está fazendo-como-se-dissesse, enquanto na verdade, está dizendo o oposto.

Passando para a discussão acerca das metáforas não-padrões, vemos que elas são consideradas supostamente falsas, derivadas e raras. Martinich (1984) acrescenta que essas metáforas são metáforas que, se forem afirmadas, são, na verdade, literalmente verdadeiras, ao contrário das metáforas padrões. Além disso, há três coisas que Martinich (1984) fala sobre esse tipo de metáfora: 1) elas são raras; 2) como são casos genuínos de metáforas, precisam ser tratados; 3) e esse tratamento é mais complicado do que o tratamento das metáforas padrões.

Vimos que, em seu trabalho, Martinich (1984) discorda das máximas de qualidade formuladas por Grice (1975), já que, de acordo com Grice (1975), essas máximas se aplicam unicamente aos atos de fala como declarações e afirmações, que são atos que possuem valores de verdade. Mas, pensando que muitas metáforas estão presentes em atos de fala que não possuem valores de verdade (como, por exemplo, perguntas e solicitações), Martinich (1984, p. 51, tradução nossa) substitui essas máximas de qualidade pela seguinte: “não participe de um ato de fala a menos que você satisfaça todas as condições exigidas para seu desempenho bem-sucedido e não defeituoso”⁴⁶.

A seguir, veremos sobre os princípios propostos por Searle (2005[1979]).

2.2.3 Searle (2005[1979])

Searle (2005[1979]) se propõe a abordar questões acerca de como a metáfora funciona, tais como ‘o que é a metáfora?’; ‘como ela difere seja de sentenças literais, seja de outras figuras de linguagem?’; ‘por que se usa metáforas em vez de sentenças literais?’; ‘como enunciados metafóricos funcionam?’, especificamente, ‘como os falantes, ao usarem sentenças metafóricas, conseguem se comunicar com os ouvintes visto que por meio dessas sentenças não é dito o que

⁴⁵ No original: “the proposition the speaker expresses is not false, there is no need to interpret it as not being said-that” (MARTINICH, 1984, p. 46).

⁴⁶ No original: “Do not participate in a speech act unless you satisfy all the conditions required for its successful and nondefective performance” (MARTINICH, 1984, p. 51).

se quer dizer?'; 'por que algumas metáforas funcionam, enquanto outras não?'. Para o autor, a metáfora é um caso especial⁴⁷ de como é possível dizer uma coisa enquanto quer significar outra coisa. Com isso, Searle (2005[1979], p. 77, tradução nossa) enfatiza que “o problema da metáfora diz respeito às relações entre o significado da palavra e da sentença, por um lado, e o significado do falante ou do enunciado, por outro”⁴⁸, sendo que o significado do falante ou do enunciado é relativo ao que o falante quer dizer quando profere palavras, sentenças e expressões. Por sua vez, o significado da palavra e da sentença é sobre o que as palavras, sentenças e expressões significam. Searle (2005[1979]) defende que as palavras e sentenças têm apenas seus próprios significados e que quando tentamos entender o significado metafórico, seja da palavra ou da sentença, o que estamos fazendo, na verdade, é ver qual a intenção que o falante teve quando pronunciou determinada palavra ou sentença.

De acordo com Searle (2005[1979]), sobre enunciados metafóricos, enunciados irônicos e atos de fala indiretos, devem haver princípios que permitam que o falante consiga significar mais ou dizer mais do que ele realmente diz e que permitam que o ouvinte consiga entender o que o falante disse. Sendo assim, “nossa tarefa ao construir uma teoria da metáfora é tentar estabelecer os princípios que relacionam o significado literal da frase ao significado metafórico do enunciado”⁴⁹ (SEARLE, 2005[1979], p. 78, tradução nossa). Dessa forma, a pergunta ‘como enunciados metafóricos funcionam?’ feita pelo autor para dar direcionamento ao seu trabalho é alterada para outras duas: 1) “quais são os princípios que permitem aos falantes formularem, e aos ouvintes compreenderem, enunciados metafóricos?”⁵⁰ e 2) “como podemos declarar esses princípios de uma maneira que deixe claro como os enunciados metafóricos diferem de outros tipos de enunciados nos quais o significado do falante não coincide com o significado literal?”⁵¹ (SEARLE, 2005[1979], p. 78, tradução nossa).

Porém, antes de estabelecer esses princípios, Searle (2005[1979]), em primeiro lugar, discorre sobre os enunciados literais, visto que uma das tarefas de seu trabalho é diferenciar os

⁴⁷ “Some other instances of the break between speaker's utterance meaning and literal sentence meaning are irony and indirect speech acts. In each of these cases, what the speaker means is not identical with what the sentence means, and yet what he means is in various ways dependent on what the sentence means” (SEARLE, 2005[1979], p. 77).

⁴⁸ No original: “the problem of metaphor concerns the relations between word and sentence meaning, on the one hand, and speaker's meaning or utterance meaning, on the other” (SEARLE, 2005[1979], p. 77).

⁴⁹ No original: “Our task in constructing a theory of metaphor is to try to state the principles which relate literal sentence meaning to metaphorical utterance meaning” (SEARLE, 2005[1979], p. 78).

⁵⁰ No original: “What are the principles that enable speakers to formulate, and hearers to understand, metaphorical utterances?” (SEARLE, 2005[1979], p. 78).

⁵¹ No original: “How can we state these principles in a way that makes it clear how metaphorical utterances differ from other sorts of utterances in which speaker meaning does not coincide with literal meaning?” (SEARLE, 2005[1979], p. 78).

enunciados metafóricos dos enunciados literais, observando as características essenciais para a comparação entre esses dois enunciados. Em segundo lugar, faz observações e análises sobre a teoria de comparação e sobre a teoria da interação semântica relacionadas à metáfora, além também da teoria do símile. Sobre os enunciados literais, temos os seguintes exemplos:

- 1) “Sally é alta;
- 2) O gato está no tapete;
- 3) Está ficando quente aqui”⁵² (SEARLE, 2005[1979], p. 79, tradução nossa).

As condições de verdade de cada uma dessas frases são determinadas pelo significado literal da frase, mesmo que seja apenas um conjunto de verdade, em um contexto específico. Searle (2005[1979]) apresenta três características que definem, de forma clara, os enunciados literais: 1) ao contrário do enunciado metafórico, o significado literal da frase e o significado do falante são os mesmos, ou seja, é dito o que se quer dizer; 2) como vimos com os exemplos citados anteriormente, “em geral, o significado literal de uma frase apenas determina um conjunto de condições de verdade relativas a um conjunto de suposições prévias [*background assumptions*] que não fazem parte do conteúdo semântico da frase”⁵³ (SEARLE, 2005[1979], p. 81, tradução nossa); e 3) a similaridade é essencial para os enunciados literais, visto que “ao determinar um conjunto de condições de verdade, também determina um critério de similaridade entre os objetos”⁵⁴ (SEARLE, 2005[1979], p. 81, tradução nossa). Vale observar que, ao tentarmos expressar de forma literal determinada metáfora, fazemos uso de paráfrases, e, ao observar as paráfrases, notamos que, muitas vezes, elas não conseguem significar de fato o que a metáfora significa. Uma das tarefas de Searle (2005[1979]) é explicar isso, e ele conclui que mesmo que saibamos o que a metáfora significa, não seria possível formular uma sentença literal, parafraseada, pois o significado metafórico iria se perder.

Agora que vimos, em parte, sobre as sentenças literais em contraposição com as sentenças metafóricas, temos, a seguir, uma seção referente à teoria da comparação, à teoria da interação semântica e à teoria do símile. Após, teremos outra seção apresentando os princípios que Searle (2005[1979]) formula acerca de sua teoria da metáfora.

⁵² No original: “1. Sally is tall. 2. The cat is on the mat. 3. It’s getting hot in here” (SEARLE, 2005[1979], p. 79).

⁵³ No original: “(...) second, in general the literal meaning of a sentence only determines a set of truth conditions relative to a set of background assumptions which are not part of the semantic content of the sentence (...)” (SEARLE, 2005[1979], p. 81).

⁵⁴ No original: “(...) by determining a set of truth conditions, also determines a criterion of similarity between objects” (SEARLE, 2005[1979], p. 81).

2.2.3.1 A teoria da comparação, a teoria da interação semântica e a teoria do símile – Searle (2005[1979])

Searle (2005[1979]) inicialmente faz observações sobre dois tipos de teorias, a saber, teorias de comparação e teorias de interação semântica: as “teorias de comparação afirmam que enunciados metafóricos envolvem uma *comparação* ou *semelhança* entre dois ou mais *objetos*”⁵⁵ (SEARLE, 2005[1979], p. 85, tradução nossa) enquanto as “teorias de interação semântica afirmam que a metáfora envolve uma *oposição verbal* (Beardsley, 1962) ou *interação* (Black, 1962) entre dois *conteúdos semânticos*, o da expressão usada metaforicamente e o do contexto circundante”⁵⁶ (SEARLE, 2005[1979], p. 85, tradução nossa). As teorias de comparação, segundo Searle (2005[1979], p. 86, tradução nossa), falham ao diferenciar duas alegações: 1) “de que a declaração da comparação é parte do *significado*, e, portanto, das *condições de verdade* da declaração metafórica”⁵⁷; e 2) “de que a declaração da semelhança é o *princípio da inferência* ou uma etapa no processo de *compreensão*, com base no qual os falantes produzem e os ouvintes compreendem a metáfora”⁵⁸. Além disso, há duas maneiras para mostrar que as visões de comparação são falsas: 1) seja na produção seja na compreensão, se tratando de enunciados metafóricos, não é necessário haver dois objetos para comparação e 2) assim como o enunciado afirmativo, o enunciado negativo também é metafórico (SEARLE, 2005[1979]). Sobre a primeira maneira, com o exemplo “Sally é um bloco de gelo”⁵⁹, o autor afirma que não está quantificando os blocos de gelo, de forma que a metáfora não significa literalmente que “X é um bloco de gelo”⁶⁰, tampouco está comparando Sally a X. Já sobre a segunda maneira, com a frase “Sally não é um bloco de gelo”⁶¹, vemos que o enunciado mesmo sendo negativo é interpretado de forma metafórica.

Veremos sobre similaridade adiante, quando tratarmos a teoria do símile, mas vale lembrar que Searle (2005[1979]), citando Miller (1979) e outros teóricos que possuem a mesma

⁵⁵ No original: “Comparison theories assert that metaphorical utterances involves a *comparison* or *similarity* between two or more *objects* (e.g. Aristotle; Henle, 1965) (...)” (SEARLE 2005[1979], p. 85).

⁵⁶ No original: “(...) and semantic interaction theories claim that the metaphor involves a *verbal opposition* (Beardsley, 1962) or *interaction* (Black, 1962) between two *semantic contents*, that of the expression used metaphorically, and that of the surrounding literal context” (SEARLE, 2005[1979], p. 85).

⁵⁷ No original: “(...) the statement of the comparison is part of the *meaning*, and hence the *truth conditions* of the metaphorical statement” (SEARLE, 2005[1979], p. 86).

⁵⁸ No original: “(...) the statement of the similarity is the *principle of inference*, or a step in the process of *comprehending*, on the basis of which speakers produce and hearers understand metaphor” (SEARLE, 2005[1979], p. 86).

⁵⁹ No original: “Sally is a block of ice” (SEARLE, 2005[1979], p. 87).

⁶⁰ No original: “X is a block of ice” (SEARLE, 2005[1979], p. 87).

⁶¹ No original: “Sally is not a block of ice” (SEARLE, 2005[1979], p. 87).

visão, afirma que para esses autores a partir de uma declaração de similaridade é que se tem de fato o significado de uma declaração metafórica. Ele acrescenta ainda que declarações metafóricas não são, necessariamente, uma declaração de similaridade, ao passo que, muitas vezes, a similaridade demonstra um papel na compreensão de metáforas. Isso pode ser explicado com dois argumentos: 1) “existem verdadeiras afirmações metafóricas para as quais não há objetos a serem designados pelo termo P, portanto, a verdadeira afirmação metafórica não pode pressupor falsamente a existência de um objeto de comparação”⁶²; e 2) “muitas vezes a afirmação metafórica pode permanecer verdadeira, embora se revele que a afirmação de semelhança na qual a inferência para o significado metafórico se baseia é falsa”⁶³ (SEARLE, 2005[1979], p. 88-89, tradução nossa). Apesar disso, o autor não afirma que declarações metafóricas e declarações de similaridade não podem nunca ser equivalentes em significado, e, sobre isso, o seu argumento é o seguinte: “em muitos casos, o enunciado metafórico e o enunciado de similaridade correspondente não podem ser equivalentes em significado porque têm diferentes condições de verdade”⁶⁴ (SEARLE, 2005[1979], p. 90, tradução nossa). Observemos a frase: “Richard é um gorila”⁶⁵. De acordo com a visão que Searle (2005[1979]) está debatendo, essa frase significa que há aspectos semelhantes entre Richard e gorilas; de acordo com a visão que o autor defende, Richard possui determinadas características, e, para descobrir quais são, é necessário procurar características associadas aos gorilas, sendo assim, para ele, a similaridade é uma estratégia de compreensão, não apenas um componente do significado.

Já sobre as teorias de interação semântica, além da afirmação dada no início desta seção, vemos que, por sua vez, elas falham em considerar “a distinção entre o significado da frase ou da palavra, que nunca é metafórico, e entre o significado do falante ou do enunciado, que pode ser metafórico”⁶⁶ (SEARLE, 2005[1979] p. 86, tradução nossa). Além disso, as teorias de interação semântica parecem também ser falsas, visto que, de acordo com elas, “todos os usos de expressões metafóricas deveriam ocorrer apenas em sentenças que possuem expressões

⁶² No original: “There are true metaphorical assertions for which there are no objects to be designated by the *P* term, hence the true metaphorical statement cannot be falsely presuppose the existence of an object of comparison” (SEARLE, 2005[1979], p. 88).

⁶³ No original: “often the metaphorical assertion can remain true even though it turns out that the statement of similarity on which the inference to the metaphorical meaning is based is false” (SEARLE, 2005[1979], p. 89).

⁶⁴ No original: “In many cases the metaphorical statement and the corresponding similarity statement cannot be equivalent in meaning because they have different truth conditions” (SEARLE, 2005[1979], p. 90).

⁶⁵ No original: “Richard is a gorila” (SEARLE, 2005[1979]).

⁶⁶ No original: “the distinction between sentence or word meaning, which is never metaphorical, and speaker or utterance meaning, which can be metaphorical” (SEARLE, 2005[1979], p. 86).

literais”⁶⁷ (SEARLE, 2005[1979], p. 91], tradução nossa). Porém, essa não é a maior objeção feita por ele à essa teoria. Na verdade, a maior objeção seria que, geralmente, o significado metafórico do falante não é resultante de nenhuma interação entre os elementos da sentença, seja qual for o sentido literal de interação, mesmo quando as expressões metafóricas estão dentro de sentenças que possuem, também, ocorrência de expressões literais (SEARLE, 2005[1979]).

Por fim, antes de passar para os princípios da sua teoria da metáfora, Searle (2005[1979]) afirma que para isso ser possível, uma técnica seria examinar tanto os pontos fortes quanto os pontos fracos de alguma teoria já existente. Neste caso, ele examina uma versão da teoria da comparação, a teoria do símile: para essa teoria, toda metáfora é uma comparação literal que não emprega o termo “como” (*like* ou *as*, em inglês), e que a similaridade não foi especificada. Vemos isso com o exemplo “O homem é um lobo”⁶⁸, que seguindo a proposta dessa teoria, significa “O homem é como um lobo de certas maneiras não especificadas”⁶⁹.

Segundo a teoria do símile, as metáforas seguem os mesmos princípios que as declarações literais de similaridade junto com o princípio da elipse. Além disso, vemos que Searle (2005[1979], p. 94, tradução nossa) entende “a metáfora como uma versão curta de uma declaração literal de similaridade”⁷⁰. Sobre a compreensão das declarações metafóricas, tem-se que, como declarações literais de similaridade não requerem conhecimentos extralinguísticos, conseqüentemente, a maior parte do conhecimento necessário para a compreensão de declarações metafóricas já é existente na competência semântica dos interlocutores, além do conhecimento de mundo (*background knowledge of the world*) que eles possuem e que faz ser possível a compreensão do significado literal dos enunciados (SEARLE, 2005[1979]).

Assim como as outras teorias, essa também apresenta falhas. Como vemos em Searle (2005[1979]), uma teoria da metáfora deve ser capaz de explicar como os interlocutores entendem que uma sentença “S é P” significa, na verdade, “S é R”. A teoria do símile falha em explicar esse processo pois não explica nem como se deve calcular os valores de R e nem que se deve passar pelo estágio de “S é como P em relação a R”, e simplesmente falar que “S é como P” não é suficiente para resolver o problema de uma teoria da metáfora. Além disso, é importante para essa teoria que o símile seja tratado como literal, mas para muitas sentenças

⁶⁷ No original: “all metaphorical uses of expressions must occur in sentences containing literal uses of expressions, and that assumption seems to me plainly false” (SEARLE, 2005[1979], p. 91).

⁶⁸ No original: “Man is a wolf” (SEARLE, 2005[1979], p. 93).

⁶⁹ No original: “Man is like a wolf in certain unspecified ways” (SEARLE, 2005[1979], p. 93).

⁷⁰ No original: “We understand the metaphor as a shortened version of the literal símile” (SEARLE, 2005[1979], p. 94).

metafóricas não há similaridades literais que sejam correspondentes e relevantes entre S e P (SEARLE, 2005[1979]). Para demonstrar isso, o autor repete o exemplo “Sally é um bloco de gelo”: não há similaridades literais entre Sally e um bloco de gelo, dessa forma, “não há classe de predicados, R, de forma que Sally seja literalmente como um bloco de gelo em relação a R, onde R é o que pretendemos predicar metaforicamente sobre Sally quando dissemos que ela era um bloco de gelo”⁷¹ (SEARLE, 2005[1979], p. 96, tradução nossa).

Pensando nisso, outra questão que é levantada em relação à teoria do símile diz respeito a outras figuras de linguagem, que não a metáfora. Ainda com o mesmo exemplo, “Sally é um bloco de gelo”, vemos que Searle (2005[1979]) afirma que este não é apenas um caso de metáfora, mas também de hipérbole. E que o símile “Sally é como um bloco de gelo”⁷² também é um caso de hipérbole, e interpretando hiperbolicamente tanto o símile quanto a metáfora derivada desse símile, vemos que os dois são equivalentes. A partir disso, o autor afirma também que há outras metáforas, além de “Sally é um bloco de gelo”, que não funcionam com base nos princípios da similaridade, mas sim em outros princípios, e, para demonstrar isso, ele traz outros tipos de metáforas. Como exemplo, vamos observar a metáfora “o tempo voa”⁷³. Searle (2005[1979]) indaga como o tempo pode ser literalmente similar a voar? Ou como na metáfora “as horas que se arrastam”⁷⁴, horas é literalmente como arrastar? Conclui, então, que, por estarmos tão acostumados com similaridades, procuramos por elas ou simplesmente achamos que devemos encontrar alguma similaridade nas sentenças.

Finalizando sua discussão acerca da teoria do símile, Searle (2005[1979], p. 103, tradução nossa) afirma que essa teoria não é correta e mesmo que ela fosse “construída como uma teoria da interpretação e não do significado, a teoria do símile não nos diz como computar os aspectos de similaridade ou quais similaridades são metaforicamente pretendidas pelo falante”⁷⁵. Na seção a seguir, veremos, finalmente, os princípios da teoria da metáfora de Searle.

2.2.3.2 Os princípios propostos por Searle (2005[1979])

⁷¹ No original: “there simply is no class of predicates, R, such that Sally is literally like a block of ice with respect to R where R is what we intended to predicate metaphorically of Sally when we said she was a block of ice” (SEARLE, 2005[1979], p. 96).

⁷² No original: “Sally is like a block of ice” (SEARLE, 2005[1979], p. 96).

⁷³ No original: “time flies” (SEARLE, 2005[1979], p. 99).

⁷⁴ No original: “the hours crawled by” (SEARLE, 2005[1979], p. 99).

⁷⁵ No original: “(...) construed as a theory of interpretation rather than of meaning, the simile theory does not tell us how to compute the respects of similarity or which similarities are metaphorically intended by the speaker” (SEARLE, 2005[1979], p. 103).

Pensando na pergunta ‘como as metáforas funcionam’ e, conseqüentemente, como “S é P” pode significar “S é R”, Searle (2005[1979]) elabora nove princípios para que seja possível (ou ao menos que seja possível tentar) calcular R, tendo em mente P. Vejamos esses princípios e seus exemplos a seguir:

- 1) “Coisas que são P são por definição R. Normalmente, se a metáfora funcionar, R será uma das características definidoras salientes de P”⁷⁶.

Esse princípio pode ser visto a partir da metáfora “Sam é um gigante”⁷⁷. Com essa metáfora, vemos que o termo gigante será interpretado como “grande”, temos então a metáfora significando “Sam é grande”⁷⁸, pois gigantes são grandes.

- 2) “Coisas que são P são contingentemente R. Novamente, se a metáfora funcionar, a propriedade R deve ser uma propriedade saliente ou bem conhecida de P coisas”⁷⁹.

Para ilustrar esse princípio, Searle (2005[1979]) nos apresenta a metáfora “Sam é um porco”⁸⁰ que é interpretada como “Sam é imundo, glutão e desleixado, etc.”⁸¹.

- 3) “Coisas que são P são frequentemente ditas ou acreditadas como sendo R, embora tanto o falante quanto o ouvinte possam saber que R é falso em relação a P”⁸².

Com o exemplo metafórico “Richard é um gorila”⁸³, vemos que mesmo se falante e ouvinte souberem que, na verdade, os gorilas não são nem maus, nem desagradáveis e nem violentos, uma interpretação para essa metáfora seria “Richard é mau, desagradável, propenso a violência”⁸⁴, pois essas características são associadas aos gorilas de forma que permitem que essa interpretação possa ser plausível, mesmo que falsa.

⁷⁶ No original: “Things which are *P* are by definition *R*. Usually, if the metaphor works, *R* will be one of the salient defining characteristics of *P*” (SEARLE, 2005[1979], p. 107).

⁷⁷ No original: “Sam is a giant” (SEARLE, 2005[1979], p. 107).

⁷⁸ No original: “Sam is big” (SEARLE, 2005[1979], p. 107).

⁷⁹ No original: “Things which are *P* are contingently *R*. Again, if the metaphor works, the property *R* should be a salient or well-known property of *P* things” (SEARLE, 2005[1979], p. 107).

⁸⁰ No original: “Sam is a pig” (SEARLE, 2005[1979], p. 107).

⁸¹ No original: “Sam is filthy, gluttonous, and sloppy, etc.” (SEARLE, 2005[1979], p. 107).

⁸² No original: “Things which are *P* are often said or believed to be *R*, even though both speaker and hearer may know that *R* is false of *P*” (SEARLE, 2005[1979], p. 108).

⁸³ No original: “Richard is a gorilla” (SEARLE, 2005[1979], p. 108).

⁸⁴ No original: “Richard is mean, nasty, prone to violence” (SEARLE, 2005[1979], p. 108).

- 4) “Coisas que são *P* não são *R*, nem são como coisas *R*, nem se acreditam que sejam *R*; no entanto, é um fato sobre nossa sensibilidade, seja culturalmente ou naturalmente determinada, que apenas percebemos uma conexão, de modo que *P* está associado em nossas mentes com propriedades *R*”⁸⁵.

Dessa forma, com as metáforas “Sally é um bloco de gelo” e “Estou de mau humor”⁸⁶, vemos que a primeira tem como significado que Sally não possui emoção, e a segunda que a pessoa em questão está deprimida, raivosa etc. Podemos ver que são frases expressadas metaforicamente, ainda que sejam metáforas que não possuam semelhanças literais.

- 5) “As coisas *P* não são como as coisas *R* e não se acredita que sejam como as coisas *R*; no entanto, a condição de ser *P* é como a condição de ser *R*”⁸⁷.

Com a metáfora “Você se tornou um aristocrata”⁸⁸, podemos interpretar que a pessoa se tornou alguém que possui algumas características, como status ou condição financeira, de uma pessoa aristocrata, e não que a pessoa se tornou um aristocrata.

- 6) “Há casos em que *P* e *R* são iguais ou semelhantes em significado, mas onde um, geralmente *P*, é restrito em sua aplicação e não se aplica literalmente a *S*”⁸⁹.

O autor exemplifica esse princípio com o termo “podre”⁹⁰ (SEARLE, 2005[1979], p. 109, tradução nossa), que em uma sentença como ‘os ovos são/estão podres’ é dita apenas literalmente, mas em frases como “esse suflê é podre”⁹¹ e “seu cérebro é podre”⁹² pode ser empregado de forma metafórica.

⁸⁵ No original: “Things which are *P* are not *R*, nor are they like *R* things, nor are they believed to be *R*; nonetheless it is a fact about our sensibility, whether culturally or naturally determined, that we just do perceive a connection, so that *P* is associated in our minds with *R* properties” (SEARLE, 2005[1979], p. 108).

⁸⁶ No original: “I am in a black mood” (SEARLE, 2005[1979], p. 108).

⁸⁷ No original: “*P* things are not like *R* things, and are not believed to be like *R* things; nonetheless the condition of being *P* is like the condition of being *R*” (SEARLE, 2005[1979], p. 109).

⁸⁸ No original: “You have become an aristocrat” (SEARLE, 2005[1979], p. 109).

⁸⁹ No original: “There are cases where *P* and *R* are the same or similar in meaning, but where one, usually *P*, is restricted in its application, and does not literally apply to *S*” (SEARLE, 2005[1979], p. 109).

⁹⁰ No original: “Addled” (SEARLE, 2005[1979], p. 109).

⁹¹ No original: “This soufflé is addled” (SEARLE, 2005[1979], p. 109).

⁹² No original: “His brain is addled” (SEARLE, 2005[1979], p. 109).

- 7) “Este não é um princípio separado, mas uma maneira de aplicar os princípios de 1-6 a casos simples que não são da forma “S é P”, mas a metáforas relacionais, e a metáforas de outras formas sintáticas, como aquelas envolvendo verbos e predicados adjetivos”⁹³.

Observe as frases metafóricas: “Sam devora livros; O navio ara o mar e Washington foi o pai de seu país”⁹⁴. Nestes casos, a tarefa do ouvinte não é fazer a relação de “S é P” para “S é R”, mas sim de relacionar “S P-relação S” para “S R-relação S”. Esta última forma de relação difere da primeira pois o ouvinte deverá encontrar alguma relação R, que apesar de diferir da relação P, seja semelhante a ela de alguma forma, em algum aspecto (SEARLE, 2005[1979]).

Searle (2005[1979], p. 110-111, tradução nossa), ao considerar a metonímia e a sinédoque como casos especiais da metáfora, formula o próximo princípio:

- 8) “Quando se diz “S é P”, e significa que “S é R”, P e R podem ser associados por relações como a relação parte-todo, a relação contêiner-contido ou mesmo a relação vestimenta-usuário. Em cada caso, como na metáfora propriamente dita, o conteúdo semântico do termo P transmite o conteúdo semântico do termo R, por algum princípio de associação. (...) Posso, por exemplo, referir-me ao monarca britânico como “a Coroa” e ao ramo executivo do governo dos Estados Unidos como “a Casa Branca”, explorando princípios sistemáticos de associação”⁹⁵.

Searle (2005[1979], p. 111, tradução nossa) ao indagar se “existem casos em que uma associação entre P e R que não exista anteriormente pode ser criada pela justaposição de S e P na frase original?”⁹⁶, pensa se há um nono princípio. Porém, ele conclui que nunca viu nenhum exemplo que o convencesse e também que os princípios para essas associações são os mesmos dos princípios de 1 a 7.

⁹³ No original: “This is not a separate principle but a way of applying principles 1-6 to simple cases which are not of the form “S is P” but relational metaphors, and metaphors of other syntactical forms such as those involving verbs and predicate adjectives” (SEARLE, 2005[1979], p. 109).

⁹⁴ No original: “Sam devours books; The ship ploughs the sea; Washington was the father of his country” (SEARLE, 2005[1979], p. 109).

⁹⁵ No original: “When one says, “S is P”, and means that “S is R”, P and R may be associated by such relations as the part-whole relation, the container-contained relation, or even the clothing and wearer relation. In each case, as in metaphor proper, the semantic content of the P term conveys the semantic content of the R term by some principle of association. (...) I can, for example, refer to the British monarch as “the Crown”, and the executive branch of the US government as “the White House” by exploiting systematic principles of association” (SEARLE, 2005[1979], p. 110-111).

⁹⁶ No original: “are there cases where an association between P and R that did not previously exist can be created by the juxtaposition of S and P in the original sentence?” (SEARLE, 2005[1979], p. 111).

Finalizando sua seção sobre os princípios de uma teoria da metáfora, Searle (2005[1979]) reafirma, resumidamente, três estratégias necessárias para que falante e ouvinte sejam capazes de formular e compreender sentenças como ‘S é P’ em que signifiquem ‘S é R’, vemos a seguir: 1) dado que determinado enunciado é defeituoso se for tido como literal, percebe-se que ele não deve ser interpretado como literal; 2) entre P e R, devem haver princípios compartilhados, de forma que P é associado a algum conjunto possível de valores de R; e 3) de acordo com o conhecimento do falante e ouvinte sobre o termo S, deve haver estratégias compartilhadas entre ambos que lhes permitam restringir valores possíveis de R para o valor real de R.

Concluimos, assim, nossa seção sobre Searle. A seguir, contrapomos alguns pontos das teorias apresentadas anteriormente com alguns pontos vistos em Davidson (1978) e Finger (1996). Também veremos o Princípio de Caridade, proposto por de Almeida e Finger (apud FINGER, 1996).

2.2.4 Davidson (1978) e Finger (1996)

Agora que vimos sobre o que autores como Grice (1975), Martinich (1984) e Searle (2005[1979]) dizem sobre a metáfora, iremos contrapô-los a alguns pontos postos por Davidson (1978), em seu texto *What Metaphors Mean*, e por Finger (1996), em seu texto *Metáfora e Significação*. Além disso, apresentaremos o Princípio de Caridade, proposto por de Almeida e Finger (apud FINGER, 1996), que tem o intuito de solucionar o problema da metáfora.

Davidson (1978), em seu texto, defende que as metáforas significam o que as palavras significam, em sua interpretação literal, e com isso em mente, ele vai contra a ideia de que as metáforas possuem outro significado, além do significado literal. Finger (1996) concorda com o posicionamento de Davidson, acreditando também que não há significados metafóricos. Para eles, as palavras ou sentenças significam as mesmas coisas que significam, sejam empregadas em metáforas sejam em discursos literais. Assim, vemos, em Finger (1996), que sentenças que são usadas de forma metafórica possuem as mesmas condições-de-verdade que se fossem empregadas de forma literal. Além disso, essa autora também afirma que nas sentenças que possuem expressões metafóricas, os enunciados podem ser verdadeiros, como também podem ser falsos. Veremos, também, com Davidson (1978), sobre veracidade e falsidade de sentenças com expressões metafóricas.

Davidson (1978), apesar de concordar que as metáforas não podem ser parafraseadas, acredita que seja porque não há nada para ser parafraseado. Segundo o autor:

a paráfrase, seja possível ou não, é apropriada ao que é *dito*: tentamos, na paráfrase, dizer de outra forma. Mas se eu estiver certo, uma metáfora não diz nada além de seu significado literal (nem seu criador diz nada, ao usar a metáfora, além do literal). Isso não significa, é claro, negar que uma metáfora tenha um propósito, nem que esse ponto possa ser revelado usando outras palavras⁹⁷ (DAVIDSON, 1978, p. 32, tradução nossa).

Já Searle (2005[1979]), como vimos anteriormente, acredita que mesmo que saibamos o que a metáfora significa, não seria possível formular uma sentença literal, parafraseada, pois o significado metafórico iria se perder.

Davidson (1978), sobre similaridade, ressalta que metáforas fazem-nos prestar atenção na similaridade entre duas ou mais coisas. Com o exemplo “Tolstói já foi um bebê”⁹⁸ percebe-se, facilmente, semelhanças entre o bebê Tolstói e entre outros bebês, e a semelhança básica seria de que são todos bebês. Já supondo que alguém diga que Tolstói era “um grande bebê moralizador”⁹⁹, percebemos que nesse caso Tolstói não era um bebê, mas sim adulto, e com isso vemos que essa frase é uma metáfora. Dessa forma, Davidson (1978) se pergunta em qual sentido o Tolstói, adulto, é semelhante a um bebê. E, respondendo a essa reflexão, ele afirma que o que se pode fazer é pensar nas características comuns a todos os bebês, e nas características do Tolstói adulto, para que seja possível encontrar alguma propriedade especial e comum entre esses dois grupos, eventualmente encontrando a propriedade que seja mais apropriada. Com isso, têm-se, também, que nas metáforas, há certas palavras que ou assumem significados novos ou pode acontecer de assumirem significados estendidos, “a extensão se aplica, por acaso, ao que os filósofos chamam de extensão da palavra, isto é, a classe de entidades a que se refere”¹⁰⁰ (DAVIDSON, 1978, p. 34, tradução nossa). Para esse autor, observar os símiles e compará-los às metáforas nos ajudam muito a aprender sobre o que elas significam, mesmo que, às vezes, possa ser difícil encontrar um símile correspondente a determinada metáfora (DAVIDSON, 1978).

Ainda de acordo com Davidson (1978), é necessário abandonar tanto a ideia de que a metáfora carrega uma mensagem quanto a de que ela possui um significado, além do seu

⁹⁷ No original: “Paraphrase, whether possible or not, is appropriate to what is said: we try, in paraphrase, to say it another way. But if I am right, a metaphor doesn't say anything beyond its literal meaning (nor does its maker say anything, in using the metaphor, beyond the literal). This is not, of course, to deny that a metaphor has a point, nor that that point can be brought out by using further words” (DAVIDSON, 1978, p. 32).

⁹⁸ No original: “Tolstoy was once an infant” (DAVIDSON, 1978, p. 33).

⁹⁹ No original: Tolstoy was “a great moralizing infant” (DAVIDSON, 1978, p. 34).

¹⁰⁰ No original: “The extension applies, as it happens, to what philosophers call the extension of the word, that is, the class of entities to which it refers” (DAVIDSON, 1978, p. 34).

significado literal. Para ele, outras teorias falham em seu objetivo pois, na verdade, elas falam acerca dos efeitos que as metáforas causam sobre nós, em vez de fornecerem métodos que sejam capazes de decifrar conteúdos codificados, ou seja, conteúdos que são apresentados de forma metafórica.

Agora, com Finger (1996, p. 67), vemos que autores como Martinich e Searle, apesar de concordarem que a questão é entender “como o ouvinte chega ao significado do proferimento produzido pelo falante”, nenhum deles admite que há de se atribuir, ao falante, uma falsidade óbvia quando os proferimentos são metafóricos. Para a autora, a questão central é entender o que nos impede de comprometer o falante com o significado das palavras literais que são empregadas em usos metafóricos, enquanto, para esses outros autores, a questão parece ser entender como é possível que o ouvinte chegue ao significado do falante, mas sem atribuir a ele o “proferimento de uma falsidade óbvia” (FINGER, 1996, p. 69).

Ainda conforme a autora, a teoria proposta por Searle (2005[1979]) apresenta falhas, além de argumentos que não conseguem sustentar que os princípios propostos por ele são, de fato, necessários tanto para produção quanto para a compreensão de metáforas. Finger (1996), apresentando alguns pontos dados por Martinich (1984) em crítica à teoria de Searle, traz que, em relação aos princípios 1 e 2, não fica claro determinar quais propriedades de P são intencionadas quando se diz S é P, significando S é R, ou seja, “Sam é um porco” pode significar “Sam é sujo”, “Sam é um animal”. Com isso, vemos que todas propriedades de P podem ser valores reais de R, sendo possíveis de compor a metáfora. Já sobre os princípios 3 e 4, que são relativos às propriedades falsas de P, Finger (1996) afirma que para Martinich nenhuma propriedade deixa de ser importante para a interpretação da metáfora. Com o exemplo “Marta é um pudim de clara” a interpretação é feita como “Marta é frágil e sensível”, mesmo que essas características não sejam verdadeiras sobre pudins de clara, e apesar de os princípios não esclarecerem porque é esse o significado interpretado com essa metáfora, e não algum outro (FINGER, 1996). A partir da crítica a esses princípios, Finger (1996) conclui que se a teoria de Searle permite que qualquer propriedade, seja verdadeira ou falsa, de P, determine valores de R, então essa teoria não é capaz de explicar, de fato, em quais situações determinadas propriedades fazem parte na interpretação de alguma metáfora.

Já sobre Martinich (1984), Finger (1996) observa que a diferença das denominações feitas por esse autor, ao falar sobre dizendo-algo ou faz-de-conta-que-se-diz-algo, é que com a primeira uma asserção é realmente feita, enquanto com a segunda não. Vimos, anteriormente,

sobre a conceituação de saliência¹⁰¹ dada por Martinich (1984), e que há dois princípios importantes sobre esse tópico: a) a relevância do enunciado para o contexto e b) “as propriedades pretendidas são apenas aquelas que contribuem para uma conclusão verdadeira”¹⁰² (MARTINICH, 1984, p. 42, tradução nossa). Para Finger (1996), expressões usadas metaforicamente não garantem, necessariamente, uma interpretação verdadeira, e, na realidade, podem ajudar a gerar conclusões que sejam falsas. Ainda sobre esse segundo princípio dado por Martinich (1984), caso a interpretação correta do proferimento seja de que ele é falso, então, conseqüentemente, é atribuído ao falante uma falsidade. Sobre as metáforas serem falsas ou verdadeiras, Davidson (1978, p. 41, tradução nossa) afirma que “se uma frase usada metaforicamente é verdadeira ou falsa no sentido comum, então é claro que geralmente é falsa. A diferença semântica mais óbvia entre símile e metáfora é que todos os símiles são verdadeiros e a maioria das metáforas é falsa”¹⁰³. Com o exemplo “a terra é como um chão”¹⁰⁴, o autor explica que se essa frase fosse transformada em uma metáfora, teríamos, então, uma falsidade, pois “a terra é como um chão, mas não é um chão”¹⁰⁵, e em resumo, ele afirma que os símiles são usados quando se sabe que as metáforas correspondentes são falsas.

Vemos que Finger (1996) discorda de alguns pontos dados por Martinich (1984) ao falar sobre metáfora padrão e metáfora não-padrão [*standard* e *nonstandard*]. Metáforas padrões, como vimos na seção 2.2.2, são consideradas sentenças literalmente falsas. Sobre isso, a autora, ao contrário de Martinich (1984), entende que se um falante diz algo de forma literal e que seja falso, isso não torna o que é dito em uma metáfora, pois pode acontecer de o falante realmente acreditar no que diz, por exemplo, com o exemplo “A camada de ozônio é de cor amarela”¹⁰⁶, que apesar de ser obviamente falso, não é uma metáfora. Já sobre as metáforas não-padrões, que são aquelas consideradas como supostamente falsas, mas se afirmadas seriam literalmente verdadeiras, Martinich (1984) considera que elas violam as máximas formuladas por Grice

¹⁰¹ Finger (1996) acredita que nenhum dos autores mencionados por ela, como Martinich e Searle, apresentam definições razoáveis sobre o conceito de saliência. Além disso, para a autora, a noção de saliência não é exposta de forma clara pra o entendimento de qual crença atribuir ao falante. Como vemos, Finger (1996, p. 83) se indaga “para que serve, então, a noção de saliência? Como a noção de saliência é capaz de determinar que propriedades de P devem ser atribuídas a S?”

¹⁰² No original: “the properties intended are only those that contribute to a true conclusion” (MARTINICH, 1984, p. 42).

¹⁰³ No original: “If a sentence used metaphorically is true or false in the ordinary sense, then it is clear that it is usually false. The most obvious semantic difference between simile and metaphor is that all símiles are true and most metaphors are false” (DAVIDSON, 1978, p. 41).

¹⁰⁴ No original: “The earth is like a floor” (DAVIDSON, 1978, p. 41).

¹⁰⁵ No original: “the earth is like a floor, but it is not a floor” (DAVIDSON, 1978, p. 41).

¹⁰⁶ (FINGER, 1996, p. 72).

(1975), mas, para Finger (1996), esse critério não é suficiente para reconhecer que uma sentença é uma metáfora, pois pode ocorrer em outros tipos de sentenças.

Finger (1996) acredita que tanto o cerne quanto a problemática da proposta apresentada por este autor são os mesmos, visto que para ele ao fazer um proferimento metafórico, o falante apenas faz-de-conta-que-se-diz-algo, não fazendo, então, uma asserção. Outra problemática da teoria de Martinich (1984) é que para compreenderem um proferimento metafórico, os ouvintes teriam que reconstruir a premissa maior, ou seja, por meio de silogismos. Vemos essas duas problemáticas com o exemplo “o delegado é um gorila”¹⁰⁷, que é dito *S é P*, significando *S é R*: “o delegado é grande e forte”¹⁰⁸. Os ouvintes, para chegarem a *S é R*, passam por um processo inferencial, procurando todas as características que um gorila pode ter em comum com um delegado, chegando à interpretações como “o delegado é grande e forte”, a partir da premissa “gorilas são grandes, ferozes, violentos e assim por diante”¹⁰⁹. Para Finger (1996, p. 73) a questão é: “como é possível, no entanto, supor que, ao dizer *S é P*, o falante não se comprometa com esse proferimento, mas se comprometa com *S é R*? (...). Se *S é P* não é asserida, parece absurdo aceitar que *S é R* o seja, como quer Martinich”.

Com Finger (1996), vimos que proferimentos metafóricos são, de fato, utilizados para fazer asserções; todavia, não é do interesse da autora “comprometer o autor de uma metáfora com a afirmação de uma falsidade óbvia” (FINGER, 1996, p. 75), apesar de que acredita que “o falante compromete-se com uma proposição (com a crença numa proposição) diferente daquela que ele asserir” (FINGER, 1996, p. 75). Além disso, para ela, a proposição que o falante se compromete ou pretende se comprometer, publicamente, é o significado do falante. Ela defende que – ao contrário da teoria de Martinich (1984) que diz que um falante faz-de-conta-que-diz-algo e não que diz-algo e que, portanto, não afirma nada, e, ao contrário da teoria de Searle (2005[1979]), que não afirma um posicionamento sobre se metáforas fazem parte de atos de asserções ou não – uma teoria da metáfora deve explicar porque é possível que um ouvinte entenda *S é R*, a partir de um proferimento metafórico *S é P* e não que *S é X*, *S é Y*. Considerando essas teorias como insatisfatórias, Finger (1996) apresenta a proposta formulada por de Almeida e Finger, utilizando o Princípio de Caridade, formulado por de Almeida.

Segundo Finger (1996, p. 77), “de Almeida & Finger reconhecem que o problema é explicar como é atribuída ao falante a crença que ele espera que lhe seja atribuída como resultado do processo inferencial que a interpretação do proferimento metafórico requer”. Ou

¹⁰⁷ (FINGER, 1996, p. 73).

¹⁰⁸ (FINGER, 1996, p. 73).

¹⁰⁹ (FINGER, 1996, p. 73).

seja, para essa visão, quando se tem um proferimento metafórico, a questão é decidir qual crença atribuir ao falante quando ele diz S é P. Pensando nisso, Finger (1996, p. 77) nos apresenta o Princípio de Caridade: “[a] atribuição racional de crenças visa maximizar a coerência entre as crenças com as quais comprometemos nosso interlocutor”, em outras palavras, esse princípio “expressa a tentativa (preocupação) do ouvinte de maximizar a coerência no sistema de crenças atribuído ao falante” (FINGER, 1996, p. 78), e, além disso, de acordo com de Almeida (1995 apud Finger, 1996), esse princípio é baseado no conceito de caridade epistêmica¹¹⁰.

A partir da utilização desse princípio é possível compreender porque o ouvinte não atribui uma crença falsa a quem, por exemplo, profere a sentença “O delegado é um gorila”, mas não acredita que o delegado seja, de fato, um gorila: o ouvinte atribui ao falante um conjunto coerente de crenças, conseqüentemente, com isso, se dá o “comportamento racional na atribuição de crenças” (FINGER, 1996, p. 80). Com esse exemplo, percebe-se que o ouvinte, conhecendo o falante e as crenças a ele atribuídas, entende que o falante não acredita que o delegado seja um gorila, e, por isso, o ouvinte maximiza a coerência de crenças do falante.

Com o entendimento de que, em um discurso metafórico, o Princípio de Caridade é capaz de explicar como é possível que o ouvinte entenda que uma crença, como “O delegado é um gorila”, não deva ser atribuída ao falante, mesmo que seja o significado da sentença, vemos, conforme Finger (1996), que existem outros pontos importantes sobre esse Princípio de Caridade que merecem ser mencionados: 1) como é possível que o ouvinte chegue à crença *p* (O delegado é grande e forte) e não na crença *r* (O delegado é violento)?; e 2) o processo inferencial que o ouvinte precisa passar para chegar ao significado que o falante está realmente transmitindo em um proferimento é bastante complexo e, se estiver utilizando o Princípio de Caridade, se torna quase impossível, visto que deverá considerar todas as crenças que são atribuídas ao falante. Sobre o processo inferencial, vimos que Martinich (1984), como também aponta Finger (1996), propõe que sejam feitos silogismos para a derivação das implicaturas. Por outro lado, vale lembrar que, com a visão comparativista da metáfora, um aspecto semelhante entre S e P é chamado a mente, neste caso, aspectos semelhantes entre gorilas e pessoas. Além disso, também tem que se considerar o contexto. Há situações em que o contexto favorece “a escolha da crença que mais maximiza a coerência. No entanto, nem sempre isso acontece e, nesses casos, pode ser que o contexto permita que o ouvinte fique em dúvida a respeito da melhor opção a ser feita” (FINGER, 1996, p. 81). Pode acontecer, por exemplo, que nas crenças que são atribuídas ao falante, haja duas proposições que sejam consideradas

¹¹⁰ Para ver mais sobre isso, conferir o capítulo “Metáfora e Atribuição de Crenças” em Finger (1996).

coerentes. As proposições “O delegado é violento” e “O delegado é grande e forte”, sendo respectivamente *r* e *p*, podem ser igualmente coerentes, fazendo com que o ouvinte não saiba qual delas atribuir. Pensando nisso, uma alternativa seria considerar a visão comparativista, que determina “O delegado é como um gorila sob certo(s) aspecto(s)”. Porém, como defende Finger (1996), essa determinação é vaga. Contudo, nesse caso, seria impossível atribuir uma crença ao falante, pelo menos racionalmente e, também, não seria possível aplicar o Princípio de Caridade.

Para Finger (1996), o problema comum nas outras teorias da metáfora é a dificuldade de determinar as propriedades que fazem parte nas interpretações das metáforas. Ser caridoso, de acordo com esse princípio, diz respeito a atribuir crenças ao falante, seja uma crença ou até mais de uma, por conta da maximização da coerência. Além disso, com o Princípio de Caridade se torna possível explicar como ouvintes conseguem recusar crenças falsas que são atribuídas aos falantes.

Finger (1996) finaliza seu texto reafirmando que, assim como Davidson (1978), acredita que as palavras carregam os mesmos significados sejam em contextos metafóricos ou contextos literais, e, portanto, que não há significados metafóricos, e em consequência, também não há enunciados ou proposições metafóricos. Mas, ao contrário de Davidson (1978), a autora discorda que “nenhum conteúdo ou significado é transmitido quando uma metáfora é utilizada” (FINGER, 1996, p. 85).

Na seção seguinte veremos, com Harris (1976), a teoria de que a metáfora é compreendida em dois estágios.

2.2.5 Harris (1976)

Harris (1976) em seu trabalho *Comprehension of metaphors: a test of the two-stage processing model*, testa a hipótese que defende que a compreensão de sentenças metafóricas ocorre em dois estágios, sendo que o primeiro seria “a compreensão literal das palavras e, em seguida, o uso desse significado literal para construir a interpretação metafórica pretendida”¹¹¹ (HARRIS, 1976, p. 312, tradução nossa). Para comprovar essa hipótese, o autor se baseou em

¹¹¹ No original: “first understanding words literally and then using that literal meaning to construct the intended metaphorical interpretation” (HARRIS, 1976, p. 312).

dois outros estudos¹¹² sobre linguagem não-litera, especificamente sobre solicitações comunicadas por conversação e provérbios não familiares¹¹³, e ambos estudos “usaram o tempo de reação para determinar que os sujeitos compreenderam primeiro o provérbio ou a solicitação transmitida por conversação em seu nível literal e, se isso não fosse apropriado na situação dada, em seguida construíram a interpretação não-litera”¹¹⁴ (HARRIS, 1976, p. 312, tradução nossa).

Dessa forma, em seu estudo, Harris (1976) utilizou esse mesmo modelo de processamento em dois estágios, porém com metáforas. A variável dependente de seu estudo foi a latência para iniciar uma paráfrase, seja de uma sentença metafórica, seja de uma não-metafórica e “esperava-se que, dado o comprimento e compreensibilidade equivalentes, se as metáforas precisassem de um nível adicional de processamento para serem compreendidas, esse fato deveria se refletir em latências mais longas para iniciar uma paráfrase”¹¹⁵ (HARRIS, 1976, p. 312, tradução nossa). Assim o autor elaborou um experimento com 36 sentenças metafóricas retiradas de peças de Shakespeare. Para cada uma dessas sentenças (chamadas de metáforas originais (Mo)) foram propostas outras três: uma nova metáfora (Mn) e duas sentenças não-metafóricas (N1 e N2), formando assim um conjunto de sentenças, como podemos ver a seguir:

Mo: Eu mesmo comendo o pão amargo do banimento. *

Mn: Eu mesmo provando o vinho acre do banimento.

N1: Eu mesmo sustentando o lamentável estado de banimento.

N2: Eu mesmo suportando a triste situação do banimento¹¹⁶ (HARRIS, 1976, p. 313, tradução nossa).

A nova metáfora, apesar de ter o mesmo significado abstrato que a metáfora original, usava outro domínio semântico literal. Já as outras duas sentenças não-metafóricas expressavam o mesmo significado abstrato da metáfora original, mas esse significado era afirmado sem uso de metáfora. Essas frases foram avaliadas para classificar o nível de metaforicidade e o nível de

¹¹² Esses estudos são de Clark e Lucy (1975, apud HARRIS, 1976) e Brewer, Harris e Brewer (apud HARRIS, 1976, p. 312).

¹¹³ No original: “Evidence for such a two-stage comprehension process of other types of nonliteral language has been obtained studying conversationally conveyed requests (e.g., Can you color the circle blue? used as an imperative) by Clark and Lucy (1975) and unfamiliar proverbs (e.g., It's a silly fish that is caught twice with the same bait) by Brewer, Harris, and Brewer” (HARRIS, 1976, p. 312).

¹¹⁴ No original: “Both of these studies used reaction time to determine that subjects first comprehended the proverb or conversationally conveyed request at its literal level and, if that was not appropriate in the given situation, next constructed the nonliteral interpretation” (HARRIS, 1976, p. 312).

¹¹⁵ No original: “It was expected that, given equivalent length and comprehensibility, if the metaphors required an additional level of processing to comprehend, this fact should be reflected in longer latencies to initiate a paraphrase” (HARRIS, 1976, p. 312).

¹¹⁶ No original: “Mo: Myself eating the bitter bread of banishment. * / Mn: Myself tasting the acrid wine of banishment. / N1: Myself sustaining the sorry state of banishment. / N2: Myself enduring the cheerless plight of banishment” *Richard II, III, I (HARRIS, 1976, p. 313).

compreensão de cada uma delas. Em cada uma dessas avaliações os participantes avaliaram uma sentença de cada conjunto de sentença e com a mesma quantidade de metáfora original, metáfora nova e não-metáforas, sendo assim, um total de 36 sentenças por participante. Harris (1976) concluiu, então, que, apesar da metaforicidade dos itens metafóricos diferirem dos itens não-metafóricos, a compreensibilidade não diferiu. Em seguida, foram elaboradas quatro listas de 36 sentenças e, em cada uma das listas, havia uma sentença de cada conjunto de sentenças, totalizando nove por tipo de sentença (Mo, Mn e N1 e N2). Tendo os participantes recebido as instruções, foi disponibilizada a eles, individualmente, uma dessas listas, mas em forma de cartões: era apresentado um cartão por vez e nele continha apenas uma sentença, totalizando 36 cartões. Dentre as instruções, foi solicitado aos participantes que parafraseassem as sentenças apenas após terem compreendido totalmente o significado de cada uma. O experimentador, assim que o participante pegava um cartão, “acionou um cronômetro; no início da paráfrase do participante, o cronômetro foi parado e a latência registrada (...). O experimentador escreveu a paráfrase enquanto o sujeito falava e não deu *feedback* quanto à exatidão da paráfrase”¹¹⁷ (HARRIS, 1976, p. 313, tradução nossa). Por fim, após terminar as 36 sentenças, o participante era informado de que nessas sentenças que ele leu haviam metáforas e lhe era pedido para escrever “tudo o que você se lembrar sobre como você entendeu essas frases, quais estratégias você usou para chegar ao seu significado real, etc.”¹¹⁸ (HARRIS, 1976, p. 313, tradução nossa). E cada participante recebia o tempo necessário para responder a esse pedido.

Harris (1976) conclui que os resultados de seu experimento comprovam que o tempo de latência das respostas, ou seja, o tempo para iniciar as paráfrases, tanto das sentenças metafóricas quanto das sentenças não-metafóricas, não apresentou resultados significativos, sendo assim, não há evidências de que a compreensão de metáforas ocorra em dois estágios. Apesar disso, o autor afirma que há muito trabalho para ser feito em relação a entender como metáforas são compreendidas. Com isso em mente, a seguir vemos sobre o texto de Glucksberg (2003).

2.2.6 Glucksberg (2003)

¹¹⁷ No original: “(...) started a stopwatch; at the subject's initiation of the paraphrase the stopwatch was stopped and the latency recorded. (...) The experimenter wrote down the paraphrase as the subject spoke and gave no feedback as to the correctness of the paraphrase” (HARRIS, 1976, p. 313).

¹¹⁸ No original: “(...) anything you can remember about how you understood such sentences, what strategies you used to get at their real meaning, etc.” (HARRIS, 1976, p. 313).

Glucksberg (2003) traz, em seu texto *The psycholinguistics of metaphor*, o conceito do Modelo Pragmático Padrão (SPM) de compreensão da metáfora. De acordo com esse modelo, a compreensão de uma metáfora ocorre em 3 estágios: 1º) busca-se o significado literal daquela sentença; 2º) faz-se a relação dessa interpretação literal no contexto da sentença; após essa interpretação ser rejeitada, tem-se, então, o 3º estágio: busca-se uma interpretação não-literal. Quando, no segundo estágio, as interpretações literais são rejeitadas, elas são consideradas defeituosas. Usando o exemplo, dado pelo autor (2003, p. 92, tradução nossa), “neuroimagem é uma mina de ouro”¹¹⁹, podemos entender melhor esses três estágios. Ao buscar o significado literal dessa sentença, encontramos a interpretação de que a neuroimagem é, literalmente, um buraco no chão repleto de ouro. Ao tentar relacionar essa interpretação com o contexto, além de rejeitar essa interpretação, também procuramos por uma interpretação não-literal que faça sentido. Outros dois pontos do SPM é que 1) quando falsas afirmações não fazem sentido para determinado contexto, então essas afirmações são consideradas como defeituosas, e, também, que 2) metáforas inicialmente são tidas como falsas afirmações categóricas (GLUCKSBERG, 2003). Com isso, observando as sentenças “algumas estradas são cobras”¹²⁰ (GLUCKSBERG, 2003, p. 92, tradução nossa) e “alguns empregos são prisões”¹²¹ (GLUCKSBERG, 2003, p. 92, tradução nossa) vemos que, para se tornarem verdadeiras, são transformadas em sentenças símile, ou seja, em comparações. Transformando essas sentenças, que são consideradas afirmações categóricas falsas, em comparações, como por exemplo, “Algumas estradas são como cobras”¹²² (GLUCKSBERG, 2003, p. 92, tradução nossa) e “Alguns empregos são como prisões”¹²³ (GLUCKSBERG, 2003, p. 92, tradução nossa), percebemos que elas se tornam verdadeiras, visto que

(...) todas as afirmações de comparação são verdadeiras porque quaisquer duas coisas devem sempre ser iguais de inúmeras maneiras. Metáforas “falsas” são, portanto, convertidas em símile “verdadeiros” e, em seguida, interpretadas da mesma forma que qualquer afirmação de comparação literal seria interpretada¹²⁴ (GLUCKSBERG, 2003, p. 92, tradução nossa).

Duas questões são levantadas a partir desse modelo: 1) se significados literais têm prioridade incondicional e 2) se, de fato, metáforas requerem algum processo de comparação

¹¹⁹ No original: “neuroimaging is a gold mine” (GLUCKSBERG, 2003, p. 92).

¹²⁰ No original: “some roads are snakes” (GLUCKSBERG, 2003, p. 92).

¹²¹ No original: “some jobs are jails” (GLUCKSBERG, 2003, p. 92).

¹²² No original: “some roads are like snakes” (GLUCKSBERG, 2003, p. 92).

¹²³ No original: “some jobs are like jails” (GLUCKSBERG, 2003, p. 92).

¹²⁴ No original: “Indeed, all comparison assertions are true because any two things must always be alike in innumerable ways. ‘False’ metaphors are thus converted into ‘true’ similes, and then interpreted just as any literal comparison assertion would be interpreted” (GLUCKSBERG, 2003, p. 92).

(GLUCKSBERG, 2003). Em relação à primeira questão, sobre prioridade do significado literal, Glucksberg (2003) conclui que nem sempre se pode afirmar que o significado literal tem prioridade em relação ao significado figurativo. Rejeita, então, a ideia de que as interpretações com significado figurativo só ocorrem após a rejeição da interpretação literal, levando assim, mais tempo para serem interpretadas. Também rejeita a ideia de que a facilidade ou a dificuldade de interpretação do significado literal é maior ou menor do que a interpretação do significado figurativo. Ainda sobre a compreensão de metáfora e sobre a prioridade ou não do significado literal, outro ponto importante é a familiaridade. Glucksberg (2003, p. 93, tradução nossa) afirma que “um determinante da compreensibilidade de uma expressão é sua familiaridade, mas a familiaridade por si só é insuficiente para explicar a facilidade de compreensão da expressão idiomática”¹²⁵. Após realizar um teste utilizando variantes de expressões idiomáticas familiares e suas contrapartes literais, Glucksberg (2003, p. 93, tradução nossa) conclui que “não havia prioridade do literal: as pessoas entendiam as novas expressões idiomáticas variantes tão rapidamente quanto suas contrapartes literais”¹²⁶. Assim, ainda sobre a prioridade do significado literal, Glucksberg (2003, p. 93, tradução nossa) discorda do Modelo Pragmático Padrão, afirmando que a “compreensão da metáfora não depende de uma falha em encontrar um significado literal apropriado ao contexto. Como qualquer outro tipo de compreensão da linguagem, a compreensão da metáfora não é opcional. Em vez disso, é obrigatória e automática”¹²⁷.

Sobre a segunda questão levantada, ou seja, se metáforas requerem algum processo de comparação, Glucksberg (2003) afirma que as metáforas são asserções atributivas, não simples comparações. Em outro teste, foi pedido que as pessoas interpretassem tanto metáforas quanto símiles (“algumas ideias são/são como diamantes”¹²⁸ (GLUCKSBERG, 2003, p. 95, tradução nossa)). Como resultado, para as metáforas algumas propriedades como ‘perspicaz’ e ‘criativa’ eram proeminentes, apesar de elas não serem verdadeiras para o veículo da metáfora isoladamente. Já para os símiles, eram mencionadas propriedades como ‘raro’ e ‘valioso’, sendo verdadeiras para o veículo da metáfora (GLUCKSBERG, 2003). Glucksberg (2003, p. 95, tradução nossa), conclui que as metáforas

¹²⁵ No original: “One determinant of an expression’s comprehensibility is its familiarity, but familiarity alone is insufficient to account for ease of idiom comprehension” (GLUCKSBERG, 2003, p. 93).

¹²⁶ No original: “There was no priority of the literal: people understood the novel variant idioms as quickly as their literal counterparts” (GLUCKSBERG, 2003, p. 93).

¹²⁷ No original: “(...) metaphor comprehension is not dependent on a failure to find a context-appropriate literal meaning. Like any other kind of language comprehension, metaphor comprehension is non-optional. Instead, it is mandatory and automatic” (GLUCKSBERG, 2003, p. 93).

¹²⁸ No original: “some ideas (are/are like) Diamonds” (GLUCKSBERG, 2003, p. 95).

são compreendidas mais rapidamente em sua forma paradigmática de inclusão de classe do que na forma de símile, e têm mais força do que os símiles. Elas têm mais força porque são interpretadas de forma um pouco diferente dos símiles. (...) Em outras palavras, as metáforas foram interpretadas mais metaforicamente do que símiles.¹²⁹

Por último, vale mencionar o conceito de dupla referência: quando o veículo da metáfora pode se referir tanto a um nível subordinado quanto a um nível superordenado. Por exemplo, a metáfora “meu advogado é um tubarão”¹³⁰ (GLUCKSBERG, 2003, p. 93, tradução nossa) é considerada literalmente falsa enquanto o símile “meu advogado é como um tubarão”¹³¹ (GLUCKSBERG, 2003, p. 93, tradução nossa) é considerado como verdadeiro. Isso se dá, pois, o veículo ‘tubarão’ pode se referir tanto ao seu nível mais básico de abstração quanto ao seu nível mais alto de abstração. Nesse caso, o nível mais básico seria a referência ao animal marinho e o nível mais alto seria a referência a uma categoria geral de predadores. Sendo assim, a metáfora “meu advogado é um tubarão” só deve ser considerada falsa se a referência do veículo ‘tubarão’ for os animais marinhos. Podemos ver em Glucksberg (2003, p. 94, tradução nossa) que “de uma forma mais geral, quando uma categoria não tem nome próprio, os nomes dos membros da categoria prototípica podem ser usados como um nome para essa categoria”¹³².

Glucksberg (2003) conclui seu trabalho dizendo que, de fato, não há prioridade do significado literal – “apreendemos significados metafóricos tão rápida e automaticamente quanto apreendemos significados literais”¹³³ (GLUCKSBERG, 2003, p. 96, tradução nossa) – e que entendemos “as metáforas exatamente como são pretendidas, como afirmações categóricas”¹³⁴ (GLUCKSBERG, 2003, p. 96, tradução nossa). Dessa forma é possível afirmar que o autor discorda do Modelo Pragmático Padrão. Por fim, na seção a seguir, veremos sobre a carreira da metáfora (BOWDLE; GENTNER, 2005).

2.2.7 Bowdle e Gentner (2005)

¹²⁹ No original: “They are understood more quickly in their paradigmatic class-inclusion form than in simile form, and have more force than do similes. They have more force because metaphors are interpreted somewhat differently than similes. (...) In other words, metaphors were interpreted more metaphorically than were similes” (GLUCKSBERG, 2003, p. 95).

¹³⁰ No original: “my lawyer is a shark” (GLUCKSBERG, 2003, p. 93).

¹³¹ No original: “my lawyer is like a shark” (GLUCKSBERG, 2003, p. 93).

¹³² No original: “More generally, when a category has no name of its own, the names of prototypical category members can be used as a name for that category” (GLUCKSBERG, 2003, p. 94).

¹³³ No original: “We apprehend metaphorical meanings as quickly and as automatically as we apprehend literal meanings” (GLUCKSBERG, 2003, p. 96).

¹³⁴ No original: “(...) we understand metaphors exactly as they are intended, as categorical assertions” (GLUCKSBERG, 2003, p. 96).

Bowdle e Gentner (2005) têm o intuito de descobrir quais são os mecanismos em torno do processamento metafórico. Como dito por eles, apesar de ser aceito o fato de que a metáfora ocorre como mapeamento de domínios cruzados, ainda não há um entendimento de como esse mapeamento ocorre. Dessa forma, os autores apresentam a carreira da metáfora, sendo esta uma hipótese que, em teoria, pode ser capaz de “resolver o debate entre modelos de comparação e categorização de metáforas”¹³⁵ (BOWDLE; GENTNER, 2005, p. 193, tradução nossa). Além disso, o artigo de Bowdle e Gentner (2005, p. 193, tradução nossa) “sugere ainda que se as metáforas são processadas direta ou indiretamente, e se operam no nível de conceitos individuais ou domínios conceituais inteiros, dependerá tanto de seu grau de convencionalidade quanto de sua forma linguística”¹³⁶.

Inicialmente os autores discorrem sobre duas abordagens do mapeamento metafórico: uma que trata as metáforas como declarações de comparação figurativa e outra que trata as metáforas como declarações de categorização figurativa. Após isso, os autores trazem uma “explicação híbrida de compreensão de metáforas com base na teoria de analogia de mapeamento de estrutura de Gentner (1983)”¹³⁷ (BOWDLE; GENTNER, 2005, p. 194, tradução nossa). Nessa explicação, um dos argumentos centrais é que quando ocorre o processo de convencionalização das metáforas, o processamento é alterado: da comparação passa-se para categorização.

Os autores trazem duas críticas sobre a abordagem de comparação figurativa. A primeira crítica é sobre a seleção de propriedades: nem todas as propriedades compartilhadas entre o alvo e a base de uma metáfora serão selecionadas para interpretação. Já a segunda crítica é sobre a assimetria: a ordem dos itens que estão sendo comparados não pode ser invertida sem, conseqüentemente, alterar ou prejudicar o sentido de uma metáfora, visto que inverter a ordem desses itens pode não manter a sobreposição original das propriedades que estão sendo comparadas. Com a metáfora “orvalho é um véu”¹³⁸ vemos que apesar de “orvalho” e “véu” serem tanto inanimados quanto silenciosos, nenhuma dessas propriedades fazem parte da interpretação dessa metáfora. Além disso, em relação à assimetria, se invertermos a ordem da metáfora para “Véu é um orvalho”¹³⁹, percebemos que a frase parece não ter sentido. Por outro

¹³⁵ No original: “(...) that can resolve the debate between comparison and categorization models of metaphor” (BOWDLE; GENTNER, 2005, p. 193).

¹³⁶ No original: “This account further suggests that whether metaphors are processed directly or indirectly, and whether they operate at the level of individual concepts or entire conceptual domains, will depend both on their degree of conventionality and on their linguistic form” (BOWDLE; GENTNER, 2005, p. 193).

¹³⁷ No original: “We then offer a hybrid account of metaphor comprehension based on Gentner’s (1983) structure-mapping theory of analogy” (BOWDLE; GENTNER, 2005, p. 194).

¹³⁸ No original: “Dew is a veil” (BOWDLE; GENTNER, 2005, p. 194).

¹³⁹ No original: “A veil is dew” (BOWDLE; GENTNER, 2005, p. 194).

lado, Bowdle e Gentner (2005), citando Ortony (1979), trazem o conceito de *desequilíbrio de saliência*. Com o *desequilíbrio de saliência*, só as propriedades que são mais salientes para base do que para o alvo serão, de fato, relevantes para o sentido e interpretação da metáfora. Com isso, vemos que na metáfora “Orvalho é um véu”, a propriedade comum e saliente é ‘cobertura’, e não ‘silencioso’ ou ‘inanimado’, já que ‘cobertura’ é de alta saliência para o conceito base ‘véu’ e de baixa saliência para o conceito alvo ‘orvalho’, por exemplo. Contudo, mesmo tendo em mente o *desequilíbrio de saliência*, há outros dois aspectos que os autores chamam a atenção: 1) “como os conceitos alvo e base das metáforas são tipicamente de domínios semânticos diferentes, as metáforas podem estabelecer correspondências entre propriedades específicas de domínio não-idêntico”¹⁴⁰ e 2) “os mapeamentos metafóricos frequentemente envolvem a projeção de novas informações da base ao alvo”¹⁴¹ (BOWDLE; GENTNER, 2005, p. 194, tradução nossa). Exemplificando esse primeiro aspecto, temos a metáfora “homens são lobos”¹⁴². Com essa metáfora, podemos interpretar que tanto homens quanto lobos são predadores, mas a predação de cada um é exercida diferentemente, porém, “como os modelos de correspondência de características tratam as propriedades não idênticas como distintas em vez de comuns, eles não preveem a inclusão de tais correspondências na interpretação de uma metáfora”¹⁴³ (BOWDLE; GENTNER, 2005, p. 194, tradução nossa). Já para exemplificar o segundo aspecto, podemos observar a metáfora “a mente é um computador”¹⁴⁴: com essa metáfora, além de aspectos que são comuns tanto a computador quanto a mente terem destaques, aspectos específicos do domínio ‘computador’ também são transferidos para o domínio ‘mente’, agregando assim mais informações. Porém, modelos de comparação, além de não preverem quais propriedades do conceito base serão inferidos no conceito alvo, também não explicam como as metáforas são capazes de criar novas semelhanças, “seja pelo estabelecimento de correspondências entre propriedades não-idênticas ou pela geração de novas inferências sobre seus alvos”¹⁴⁵ (BOWDLE; GENTNER, 2005, p. 195, tradução nossa).

¹⁴⁰ No original: “(...) because the target and base concepts of metaphors are typically from different semantic domains, metaphors may establish correspondences between nonidentical, domain-specific properties” (BOWDLE; GENTNER, 2005, p. 194).

¹⁴¹ No original: “(...) metaphoric mappings often involve the projection of new information from the base to the target” (BOWDLE; GENTNER, 2005, p. 194).

¹⁴² No original: “Men are wolves” (BOWDLE; GENTNER, 2005, p. 194).

¹⁴³ No original: “Because feature-matching models treat nonidentical properties as distinctive rather than common, they do not predict the inclusion of such matches in the interpretation of a metaphor” (BOWDLE; GENTNER, 2005, p. 194).

¹⁴⁴ No original: “The mind is a computer” (BOWDLE; GENTNER, 2005, p. 194).

¹⁴⁵ No original: “(...) either by establishing matches between nonidentical properties or by generating new inferences about their targets” (BOWDLE; GENTNER, 2005, p.195).

Passando a discussão para a abordagem de categorização, Bowdle e Gentner (2005, p. 195, tradução nossa) explicam que para essa abordagem “a compreensão do enunciado requer que se use o conceito base para extrair uma categoria metafórica que ele tipifica”¹⁴⁶. Os autores exemplificam essa abordagem com a metáfora “Meu trabalho é uma prisão”¹⁴⁷. Com essa metáfora, temos que o conceito base é ‘prisão’ e que sua categoria metafórica pode ser entendida como algo restritivo e desagradável. Dessa forma, o termo alvo ‘meu trabalho’ pode ser associado à categoria metafórica do conceito base e, “consequentemente, todas as propriedades que caracterizam a categoria metafórica nomeada por *prisão* são atribuídas ao conceito subordinado *meu trabalho*”¹⁴⁸ (BOWDLE; GENTNER, 2005, p. 195, tradução nossa).

Algumas dificuldades presentes na abordagem de comparação não são consideradas dessa forma pela abordagem de categorização, como por exemplo: não é necessário explicar porque apenas algumas propriedades compartilhadas entre alvo e base serão relevantes para a compreensão da metáfora, visto que alvo e base não são, de fato, comparados; as metáforas naturalmente são vistas como irreversíveis; e, por último, as metáforas são capazes de transferir novas informações para seus alvos considerando que os conceitos subordinados herdam as propriedades das categorias (BOWDLE; GENTNER, 2005). Mas, contudo, essa abordagem apresenta outras dificuldades, como podemos ver:

uma reivindicação central de tais modelos é que o conceito base de uma metáfora extrai uma categoria metafórica sem entrada do alvo e que essa abstração fornece a essência da expressão. Mas se a compreensão começa com a abstração da base, como o ouvinte chega à categoria metafórica apropriada?¹⁴⁹ (BOWDLE; GENTNER, 2005, p. 195, tradução nossa).

Para exemplificar essa problemática, os autores dão o exemplo do conceito base “flocos de neve”¹⁵⁰: na metáfora “Uma criança é um floco de neve”¹⁵¹, é implicado que cada criança é única e na metáfora “Juventude é um floco de neve”¹⁵², é implicado que juventude é breve. Com esses exemplos percebe-se que o conceito base, sem a presença de um conceito alvo, não traz à luz nenhuma categoria metafórica em particular. Porém, quando posto junto a um

¹⁴⁶ No original: “(...) comprehension of the statement requires that one use the base concept to elicit a metaphoric category that it typifies” (BOWDLE; GENTNER, 2005, p. 195).

¹⁴⁷ No original: “My job is a jail” (BOWDLE; GENTNER, 2005, p. 195).

¹⁴⁸ No original: “Consequently, all properties characterizing the metaphoric category named by jail are attributed to the subordinate concept my job” (BOWDLE; GENTNER, 2005, p. 195).

¹⁴⁹ No original: “A central claim of such models is that the base concept of a metaphor elicits a metaphoric category without input from the target and that this abstraction provides the gist of the expression. But if comprehension begins with abstraction from the base, how does the hearer arrive at the appropriate metaphoric category?” (BOWDLE; GENTNER, 2005, p. 195).

¹⁵⁰ No original: “snowflake” (BOWDLE; GENTNER, 2005, p. 195).

¹⁵¹ No original: “A child is a snowflake” (BOWDLE; GENTNER, 2005, p. 195).

¹⁵² No original: “Youth is a snowflake” (BOWDLE; GENTNER, 2005, p. 195).

conceito alvo correspondente, extrai uma categoria metafórica, e, como vimos com esses dois exemplos citados anteriormente, esse conceito base sugere categorias metafóricas diferentes para cada um dos conceitos alvos (sendo que a categoria relevante para cada uma dessas metáforas não poderia ter sido sugerida antes de cada conceito alvo ter sido posto). Com isso, Bowdle e Gentner (2005) trazem em seu texto o modelo de atribuição de propriedade interativa, proposta elaborada por Glucksberg et al. (1997), com o intuito de resolver essa questão. Com esse modelo, “os alvos de metáforas fornecem informações sobre quais tipos de propriedades eles podem herdar de forma significativa e, portanto, sobre quais tipos de categorias podem pertencer de forma significativa”¹⁵³ (BOWDLE; GENTNER, 2005, p. 195, tradução nossa). Explica-se, portanto, porque os conceitos alvos ‘criança’ e ‘juventude’ selecionam categorias metafóricas diferentes do mesmo conceito base. Apesar dos autores concordarem com Glucksberg et al. (1997) em relação aos diferentes papéis que os termos alvo e base desempenham durante a compreensão de metáfora, eles discordam sobre a expectativa que esse modelo coloca em cima da capacidade mental do ouvinte em relação à flexibilidade semântica das bases de metáforas¹⁵⁴. Uma alternativa tanto a isso quanto à abordagem de comparação, de acordo com os autores, é encarar a metáfora por meio de uma abordagem analógica.

A abordagem analógica tem como premissa a possibilidade de permitir que o conceito alvo e o conceito base possam interagir entre si, em correspondência imediata, sem a necessidade de interação do conceito alvo com toda a categoria metafórica dada pelo conceito base (BOWDLE; GENTNER, 2005). Como dito anteriormente, a abordagem analógica¹⁵⁵ apresentada pelos autores foi articulada com base na teoria de mapeamento de estrutura de Gentner (1983, apud BOWDLE; GENTNER, 2005). Essa teoria tem dois mecanismos, inter-relacionados, denominados de alinhamento e projeção. Sobre alinhamento vemos que ele “opera para criar uma correspondência máxima, estruturalmente consistente, entre duas representações que observam o *mapeamento um-para-um* e a *conectividade paralela* (Falkenhainer, Forbus, & Gentner, 1989)”¹⁵⁶ (BOWDLE; GENTNER, 2005, p. 196, tradução nossa). Além disso, a sistematicidade é outra restrição nesse processo de alinhamento: “alinhamentos que formam estruturas profundamente interconectadas (...) são preferidos a

¹⁵³ No original: “(...) metaphor targets provide information about what types of properties they can meaningfully inherit and therefore about what types of categories they can meaningfully belong to” (BOWDLE; GENTNER, 2005, p. 195).

¹⁵⁴ No original: “the semantic flexibility of metaphor bases” (BOWDLE; GENTNER, 2005, p. 195).

¹⁵⁵ Para ver mais sobre a teoria de mapeamento de estrutura de Gentner, conferir Bowdle e Gentner (2005).

¹⁵⁶ No original: “(...) operates to create a maximal structurally consistent match between two representations that observes *one-to-one mapping* and *parallel connectivity* (Falkenhainer, Forbus, & Gentner, 1989)” (BOWDLE; GENTNER, 2005, p. 196).

conjuntos menos sistemáticos de semelhanças”¹⁵⁷ (BOWDLE; GENTNER, 2005, p. 196, tradução nossa). Por fim, sobre projeção, vemos que outros elementos característicos da base podem ser projetados para o alvo, na forma de inferências candidatas, após alguma correspondência estruturalmente consistente ter sido feita entre o alvo e a base (BOWDLE; GENTNER, 2005).

De acordo com essa teoria e com outras explicações analógicas, “as metáforas normalmente transmitem que um sistema de relações mantido entre os objetos base também é válido entre os objetos alvo, independentemente de os próprios objetos serem intrinsecamente semelhantes”¹⁵⁸ (BOWDLE; GENTNER, 2005, p. 196, tradução nossa). Considerando esse foco relacional, percebe-se que essa teoria é capaz de solucionar alguns dos desafios (por exemplo, a seleção de propriedades) encontrados pelas teorias de comparação sem que seja necessário a derivação de alguma categoria metafórica a partir do conceito base. Além disso, quando se trata de flexibilidade dos mapeamentos metafóricos, diferentemente dos modelos de categorização, os modelos analógicos oferecem uma explicação que os autores consideram como mais tratável. Considerando o conceito base “floco de neve” e, mais uma vez, as metáforas “Uma criança é um floco de neve” e “Juventude é um floco de neve”, seguindo a teoria dos modelos analógicos, tem-se que as interpretações dessas metáforas, na verdade, diferem uma da outra pois os alvos dessas metáforas se alinham com aspectos diferentes do conceito base (BOWDLE; GENTNER, 2005). Com isso, vemos que “a abordagem analógica dos mapeamentos metafóricos implica que, ao contrário das alegações dos modelos de categorização, as metáforas podem de fato serem entendidas ligando diretamente conceitos de diferentes domínios de conhecimento”¹⁵⁹ (BOWDLE; GENTNER, 2005, p. 197, tradução nossa). Esta abordagem pode ser considerada “como uma extensão das teorias de comparação padrão revisadas anteriormente, embora uma que use mecanismos mais dinâmicos e

¹⁵⁷ No original: “Alignments that form deeply interconnected structures (...) are preferred over less systematic sets of commonalities” (BOWDLE; GENTNER, 2005, p. 196).

¹⁵⁸ No original: “(...) metaphors typically convey that a system of relations holding among the base objects also holds among the target objects, regardless of whether the objects themselves are intrinsically similar” (BOWDLE; GENTNER, 2005, p. 196).

¹⁵⁹ No original: “The analogical approach to metaphoric mappings implies that contrary to the claims of categorization models, metaphors can indeed be understood by directly linking concepts from different domains of knowledge” (BOWDLE; GENTNER, 2005, p. 197).

inferencialmente produtivos do que um simples processo de correspondência de características”¹⁶⁰ (BOWDLE; GENTNER, 2005, p. 197, tradução nossa)¹⁶¹.

Outro ponto discutido pelos autores é o fato de a metáfora ser uma fonte de polissemia, visto que as metáforas são capazes de acrescentar outros significados adicionais às palavras. Como pontuado pelos autores, os significados secundários dados a essas palavras são mais abstratos do que o significado original, se assemelhando às categorias metafóricas propostas nos modelos de categorização, e, pensando nisso, é levantado um questionamento: “mas se as metáforas são processadas como comparações, como argumentamos, como elas dão origem a tais abstrações? Acreditamos que a resposta a essa pergunta decorra naturalmente de ver a metáfora como uma espécie de analogia”¹⁶² (BOWDLE; GENTNER, 2005, p. 198, tradução nossa). É feito, então, um paralelo entre a compreensão de metáforas e a pesquisa sobre resolução analógica de problemas. De acordo com essa pesquisa, quando se têm duas situações que são semelhantes e se faz um alinhamento entre elas, pode-se achar uma solução para o problema de interesse, mas, também, pode-se encontrar esquemas de problemas que podem acontecer futuramente. Pensando nisso e considerando a metáfora “Uma obsessão é um tumor”¹⁶³, os autores propõem que quando uma metáfora é vista pela primeira vez, tanto o conceito alvo quanto o conceito base referem-se a conceitos de diferentes domínios semânticos, e, então, a metáfora é interpretada pelo “(a) alinhamento das duas representações e (b) importação de predicados da base para o alvo, o que pode servir para amplificar a representação do alvo”¹⁶⁴ (BOWDLE; GENTNER, 2005, p. 198, tradução nossa). Ainda fazendo um paralelo com a resolução analógica de problemas, se o esquema relacional abstrato, que foi ativado na interpretação da metáfora “uma obsessão é um tumor”, for ativado repetidas vezes no contexto da base, então essa abstração pode se tornar convencionalmente associada à base ‘tumor’ e metáforas como “dúvida é um tumor” e “rancor é um tumor”¹⁶⁵ podem ser entendidas com essa mesma abstração e alinhamento, mesmo com alvos de outros domínios semânticos. E, então, o

¹⁶⁰ No original: “(...) may be seen as an extension of the standard comparison theories reviewed earlier, albeit one using more dynamic and inferentially productive mechanisms than a simple feature-matching process” (BOWDLE; GENTNER, 2005, p. 197).

¹⁶¹ “To therefore claim that literal comparisons are also not really comparisons would be absurd. We would argue that literal comparisons, analogies, and metaphors all rely on the same basic mechanisms, with analogies and metaphors more likely to focus on relational commonalities and metaphors more likely to involve cross-domain mappings” (BOWDLE; GENTNER, 2005, p. 197).

¹⁶² No original: “But if metaphors are processed as comparisons, as we have argued, how do they give rise to such abstractions? We believe that the answer to this question follows naturally from viewing metaphor as a species of analogy” (BOWDLE; GENTNER, 2005, p. 198).

¹⁶³ No original: “An obsession is a tumor” (BOWDLE; GENTNER, 2005, p. 198).

¹⁶⁴ No original: “(a) aligning the two representations and (b) importing predicates from the base to the target, which can serve to amplify the target representation” (BOWDLE; GENTNER, 2005, p.198).

¹⁶⁵ No original: “Doubt is a tumor; A grudge is a tumor” (BOWDLE; GENTNER, 2005, p. 198).

termo base se torna polissêmico, tendo ambos significados: específico de domínio e domínio geral relacionado¹⁶⁶ (BOWDLE; GENTNER, 2005).

Dessa forma, para Bowdle e Gentner (2005), essa evolução da metáfora em direção a polissemia metafórica é definida como carreira da metáfora. A carreira da metáfora se assemelha à abordagem de categorização, pois também prevê a criação de categorias metafóricas, no mesmo formato de esquemas relacionais abstratos, durante a compreensão da metáfora. Mas, em contrapartida, a carreira da metáfora difere da abordagem de categorização em dois aspectos: 1) “as categorias metafóricas são derivadas da estrutura relacional comum dos conceitos alvo e base e não apenas do conceito base”¹⁶⁷ (BOWDLE; GENTNER, 2005, p. 198, tradução nossa); e 2) “como as categorias metafóricas são criadas como um subproduto de comparações figurativas, elas não afetam a interpretação dessas comparações”¹⁶⁸ (BOWDLE; GENTNER, 2005, p. 198, tradução nossa).

Podemos ver, com Bowdle e Gentner (2005), que o nível de convencionalidade pode influenciar a compreensão de uma metáfora e que metáforas são pluralísticas. A relação feita pelos autores entre metáfora e polissemia está de acordo com essa afirmação, e, além disso, eles acreditam “a) que o processo de convencionalização é essencialmente de um termo base adquirindo um significado geral de domínio e b) que essa mudança representacional será acompanhada por uma mudança no modo de alinhamento”¹⁶⁹ (BOWDLE; GENTNER, 2005, p. 199, tradução nossa). Sobre metáforas novas e metáforas convencionais, a hipótese da carreira da metáfora pressupõe que haja uma distinção computacional entre elas: por um lado, as metáforas convencionais têm conceitos bases que referem a conceitos literais e categoria metafórica associada; por outro lado, as metáforas novas são tidas ainda como comparações, mas não são associadas a nenhuma categoria geral de domínio, apenas a conceitos específicos (BOWDLE; GENTNER, 2005). Uma outra distinção é que metáforas convencionais podem ser consideradas como tendo o conceito base polissêmico e podem ser interpretadas seja como comparação seja como categorização, mas, geralmente, são interpretadas como categorizações. E, como podemos ver, “a hipótese da carreira da metáfora afirma que o alinhamento do alvo literal e dos conceitos bases de uma metáfora pode levar à indução e eventual lexicalização de

¹⁶⁶ “In other words, the base term will have achieved the type of dual reference described by Glucksberg and Keysar (1990)” (BOWDLE; GENTNER, 2005, p. 198).

¹⁶⁷ No original: “metaphoric categories are derived from the common relational structure of the target and base concepts and not from the base concept alone” (BOWDLE; GENTNER, 2005, p. 198).

¹⁶⁸ No original: “(...) because metaphoric categories are created as a byproduct of figurative comparisons, they do not affect the interpretation of these comparisons” (BOWDLE; GENTNER, 2005, p. 198).

¹⁶⁹ No original: “(a) that the process of conventionalization is essentially one of a base term acquiring a domain-general meaning and (b) that this representational shift will be accompanied by a shift in mode of alignment” (BOWDLE; GENTNER, 2005, p. 199).

esquemas relacionais gerais de domínio, que podem atuar como categorias metafóricas”¹⁷⁰ (BOWDLE; GENTNER, 2005, p. 199, tradução nossa).

Por fim, vemos que algumas características da hipótese da carreira da metáfora são: 1) a partir da convencionalização das metáforas, o alinhamento será mudado de comparação para categorização; 2) a carreira da metáfora não se limita a nenhum dos modelos de comparação e categorização; 3) a carreira da metáfora possui mecanismo para que palavras polissêmicas metafóricas sejam geradas (BOWDLE; GENTNER, 2005). E, também, apoiado em seus experimentos, Bowdle e Gentner (2005) concluem que a forma de processamento das metáforas, seja como comparação seja como categorização, irá depender do nível de convencionalidade do termo base. Metáforas novas são processadas como comparações, enquanto metáforas convencionais, sendo consideradas como polissêmicas e também considerando a forma gramatical da sentença, podem ser processadas das duas formas.

2.2.8 Pontos-chave dos autores e das teorias

Nesta seção apresentamos um quadro com os pontos-chave dos autores e das teorias apresentadas neste capítulo.

Quadro 1 – Relação entre pontos-chave dos autores e das teorias

Autores	Pontos-chave
Aristóteles (2013[384a.C - 399])	Com ele surgiu a definição de metáfora: “a transposição do nome de uma coisa para outra, transposição do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou de uma espécie para outra, por analogia” (p. 56-57).
Lakoff e Johnson (2002[1980])	Esses autores falam sobre como a metáfora permeia nossas vidas cotidianas e como ela estrutura o que pensamos, experienciamos e o que fazemos. De acordo com Lakoff e Johnson, “a essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra” (p. 47-48).
Grice (1975)	Teorias das Implicaturas, Princípio Cooperativo e Máximas. Para ele, as metáforas são “exemplos que envolvem exploração, isto é, um processo em que a máxima é menosprezada com o objetivo de gerar uma implicatura conversacional por meio de algo semelhante a uma figura de retórica” ¹⁷¹ (p. 52, tradução nossa), precisamente no item (2a) “exemplos

¹⁷⁰ No original: “(...) the career of metaphor hypothesis states that aligning the literal target and base concepts of a metaphor can lead to the induction and eventual lexicalization of domain-general relational schemas, which can act as metaphoric categories” (BOWDLE; GENTNER, 2005, p. 199).

¹⁷¹ No original: “Group C: Examples that involves exploitation, that is, a procedure by which a maxim is flouted for the purpose of getting in a conversational implicature by means of something of the nature of a figure of speech” (GRICE, 1975, p. 52).

	em que a primeira máxima da Qualidade é menosprezada” ¹⁷² (p. 53, tradução nossa).
Martinich (1984)	Discorda das máximas de qualidade formuladas por Grice (1975), já que, de acordo com Grice (1975), essas máximas se aplicam unicamente aos atos de fala como declarações e afirmações, que são atos que possuem valores de verdade. Mas, pensando que muitas metáforas estão presentes em atos de fala que não possuem valores de verdade (como, por exemplo, perguntas e solicitações), Martinich (p. 51, tradução nossa) substitui essas máximas de qualidade pela seguinte: “não participe de um ato de fala a menos que você satisfaça todas as condições exigidas para seu desempenho bem-sucedido e não defeituoso” ¹⁷³ .
Searle (2005[1979])	Searle (2005[1979]) reafirma três estratégias necessárias para que falante e ouvinte sejam capazes de formular e compreender sentenças como ‘S é P’ em que signifiquem ‘S é R’, vemos a seguir: 1) dado que determinado enunciado é defeituoso se for tido como literal, percebe-se que ele não deve ser interpretado como literal; 2) entre P e R, devem haver princípios compartilhados, de forma que P é associado a algum conjunto possível de valores de R; e 3) de acordo com o conhecimento do falante e ouvinte sobre o termo S, deve haver estratégias compartilhadas entre ambos que lhes permitam restringir valores possíveis de R para o valor real de R.
Davidson (1978)	O autor defende que as metáforas significam o que as palavras significam, em sua interpretação literal, e com isso em mente, ele vai contra a ideia de que as metáforas possuem outro significado, além do significado literal.
Finger (1996)	Assim como Davidson (1978), a autora acredita que as palavras carregam os mesmos significados sejam em contextos metafóricos ou contextos literais, e, portanto, que não há significados metafóricos. Finger (1996) também afirma que nas sentenças que possuem expressões metafóricas, os enunciados podem ser verdadeiros, como também podem ser falsos. Além disso, conforme a autora, a teoria proposta por Searle (2005[1979]) apresenta falhas, além de argumentos que não conseguem sustentar que os princípios propostos por ele são, de fato, necessários tanto para produção quanto para a compreensão de metáforas. Finger (1996) apresenta a proposta formulada por de Almeida e Finger, utilizando o Princípio de Caridade, formulado por de Almeida (apud FINGER, 1996).
Harris (1976)	Testa a hipótese que defende que a compreensão de sentenças metafóricas ocorre em dois estágios, sendo que o primeiro seria “a compreensão literal das palavras e, em seguida, o uso desse significado literal para construir a interpretação metafórica pretendida” ¹⁷⁴ (1976, p. 312, tradução nossa).
Glucksberg (2003)	Esse autor discorda do Modelo Pragmático Padrão (SPM) de compreensão da metáfora. Para ele, não há prioridade do significado

¹⁷² No original: “(2a) Examples in which the first maxim of Quality is flouted” (GRICE, 1975, p. 53).

¹⁷³ No original: “Do not participate in a speech act unless you satisfy all the conditions required for its successful and nondeictive performance” (MARTINICH, 1984, p. 51).

¹⁷⁴ No original: “first understanding words literally and then using that literal meaning to construct the intended metaphorical interpretation” (HARRIS, 1976, p. 312).

	literal – “apreendemos significados metafóricos tão rápida e automaticamente quanto apreendemos significados literais” ¹⁷⁵ (p. 96, tradução nossa) – e que entendemos “as metáforas exatamente como são pretendidas, como afirmações categóricas” ¹⁷⁶ (p. 96, tradução nossa).
Bowdle e Gentner (2005)	Apresentam a hipótese da carreira da metáfora, que, em teoria, pode ser capaz de “resolver o debate entre modelos de comparação e categorização de metáforas” ¹⁷⁷ (p. 193, tradução nossa). Além disso, este trabalho (p. 193, tradução nossa) “sugere ainda que se as metáforas são processadas direta ou indiretamente, e se operam no nível de conceitos individuais ou domínios conceituais inteiros, dependerá tanto de seu grau de convencionalidade quanto de sua forma linguística” ¹⁷⁸ . Podemos ver, com esses autores, que o nível de convencionalidade pode influenciar a compreensão de uma metáfora e que metáforas são pluralísticas.

Fonte: Elaborado pela autora.

¹⁷⁵ No original: “We apprehend metaphorical meanings as quickly and as automatically as we apprehend literal meanings” (GLUCKSBERG, 2003, p. 96).

¹⁷⁶ No original: “(...) we understand metaphors exactly as they are intended, as categorical assertions” (GLUCKSBERG, 2003, p. 96).

¹⁷⁷ No original: “(...) that can resolve the debate between comparison and categorization models of metaphor” (BOWDLE; GENTNER, 2005, p. 193).

¹⁷⁸ No original: “This account further suggests that whether metaphors are processed directly or indirectly, and whether they operate at the level of individual concepts or entire conceptual domains, will depend both on their degree of conventionality and on their linguistic form” (BOWDLE; GENTNER, 2005, p. 193).

3. METODOLOGIA

Como exposto na Introdução, pretendemos nesta pesquisa observar se os índices de “familiaridade”, “convencionalidade” e “eficácia” influenciam no julgamento de sentenças metafóricas do Português Brasileiro, por meio de imagens. Esta pesquisa é abarcada pela Psicolinguística. Neste capítulo, serão apresentados os procedimentos para a seleção dos participantes; para a seleção das metáforas; e para a coleta e análise dos dados. Além disso, na seção seguinte, explicitamos alguns dos procedimentos metodológicos *on-line* e *off-line*, comuns na área de Psicolinguística. Nesta pesquisa, utilizou-se métodos *off-line*, conhecidos também como métodos não-cronométricos.

3.1 Alguns procedimentos metodológicos comuns na área de Psicolinguística

A Psicolinguística tem como interesse estudar a aquisição, produção, compreensão e o processamento da linguagem verbal (LEITÃO, 2011) e, para que estes interesses sejam pesquisados, foi criada uma variedade de procedimentos metodológicos *on-line* e *off-line* justamente pensando na melhor forma de analisar o objeto de pesquisa a ser estudado.

Procedimentos metodológicos *on-line*, conhecidos também como métodos cronométricos (DERWING; ALMEIDA, 2005), averigam o tempo de reação ou o tempo de resposta das variáveis analisadas. Aqui, temos como foco procedimentos metodológicos *off-line*, conhecidos também como métodos não-cronométricos (DERWING; ALMEIDA, 2005).

Podemos ver em Derwing e Almeida (2005, p. 405-406) que, com os métodos não-cronométricos, os

dados baseados em tempo de reação ou de resposta não são coletados e analisados. Os métodos não-cronométricos apresentam uma série de vantagens práticas, geralmente incluindo uma abordagem relativamente simples e objetiva, e também a dispensa do uso de equipamentos requeridos para coletar respostas sensíveis ao tempo de processamento. (...) Isso torna a coleta de dados de certa forma mais eficiente, já que os experimentos podem ser conduzidos com grandes grupos de participantes, simultaneamente, ao invés de individualmente, como requerido em testes cronométricos.

Os métodos não-cronométricos utilizados em nossa pesquisa foram: escala de Likert, tarefa com questões de múltipla escolha, questões totais (ou seja, questão que só permite resposta SIM ou NÃO) e uma questão dissertativa. A tarefa com escala (Tarefa 2) apresentou cinco alternativas (1 – Nada Eficaz; 2 – Pouco eficaz; 3 – Moderado; 4 – Eficaz e 5 – Muito eficaz). Decidimos utilizar uma escala com cinco alternativas pois

a escala mais comum é a chamada ‘escala de Likert’ (baseada em Likert, 1932), que envolve cinco alternativas, com um rótulo atribuído a cada uma delas. Embora em muitos casos o número de pontos e os rótulos não sejam fundamentais, o ideal é prover um número suficientemente grande de alternativas de modo a permitir que mesmo que diferenças nos escores apareçam, não sejam em número tão grande que possa vir a sobrecarregar a memória e o poder de discriminação do participante (DERWING; ALMEIDA, 2005, p. 412).

As Tarefas 1 e 2 foram compostas por questões totais. Na Tarefa 1, a questão total foi seguida de uma pergunta dissertativa para que pudéssemos observar o que o participante compreendeu da sentença dada. Na Tarefa 2, as questões totais foram apresentadas após a escala. Já a Tarefa 3 contou com questões de múltipla escolha, sendo solicitado ao participante que escolhesse uma entre três imagens.

3.2 Seleção dos participantes

Buscando o maior número de participantes possível, propusemos que o teste fosse feito de forma virtual. Todas as três Tarefas só foram iniciadas após o participante aceitar participar do experimento, concordando com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que foi apresentado na primeira tela do experimento. Em caso de “não aceite”, as Tarefas não foram iniciadas. O recrutamento foi realizado utilizando a técnica *snowball*, ou seja, o link foi distribuído para algumas listas primárias contendo a sugestão de que fosse repassado para outras pessoas, em um efeito bola de neve. Dessa maneira, objetivamos aumentar a quantidade de participantes. O único dado pessoal solicitado foi o e-mail do participante para que pudesse ser enviado uma cópia do TCLE, porém, esse dado não foi relevante para as análises de dados e nem foi divulgado. A plataforma *Jotform* permite que a quantidade de acesso por dispositivo seja controlada, sendo assim, com o intuito de diminuir a chance de as pessoas responderem mais de uma vez, foi permitido um único acesso por dispositivo. Pensamos nesse controle para que não houvesse deturpação dos dados caso algum participante tentasse realizar a Tarefa mais de uma vez. Os critérios para inclusão dos participantes foram: serem maiores de 18 anos e terem nacionalidade brasileira. As respostas referentes a esses critérios foram informadas pelos próprios participantes ao responderem o questionário apresentado anteriormente à Tarefa.

3.3 Seleção de metáforas

Lakoff e Johnson (2002[1980]) dão exemplos de metáforas de acordo com um conceito metafórico. Por exemplo, “Você tem muito tempo disponível?” é uma metáfora que está dentro do conceito metafórico TEMPO É DINHEIRO. Assim, para a elaboração das Tarefas 1 e 2, foram selecionadas as dez metáforas a seguir, retiradas do livro *Metáforas da vida cotidiana* de Lakoff e Johnson (2002[1980]):

- 1) Não consegui *achar* essa ideia em nenhum lugar do texto.
- 2) Suas críticas foram *direto ao alvo*.
- 3) Estou me sentindo *para cima*.
- 4) O seu ego é muito *frágil*.
- 5) Ele está *fora de visão* agora.
- 6) Aquele pneu furado me *custou* uma hora.
- 7) Estou um pouco *enferrujado* hoje.
- 8) Ele *devorou* o livro.
- 9) Ele está *em busca* de riqueza.
- 10) Foi apenas um *pequeno* crime.

Os termos que estão em itálicos, nas sentenças acima, se referem ao conceito metafórico que essas sentenças fazem parte, por exemplo, na metáfora “Foi apenas um *pequeno* crime”, “pequeno” se refere ao conceito metafórico IMPORTANTE É GRANDE. Cada uma dessas metáforas faz parte, respectivamente, de um dos conceitos metafóricos a seguir: 1) ideias (ou sentidos) são objetos; 2) discussão é guerra; 3) feliz é pra cima / triste é para baixo; 4) mente é um objeto quebradiço; 5) campos visuais são recipientes; 6) tempo é dinheiro; 7) mente é uma máquina; 8) ideias são alimentos; 9) riqueza é um bem oculto; 10) importante é grande.

3.4 Coleta de dados

Nesta seção, iremos explicar como ocorreu a coleta de dados da nossa metodologia, dividindo em duas partes: 1) coleta de dados das Tarefas 1 e 2; e 2) coleta de dados da Tarefa 3.

3.4.1 Coleta de dados das Tarefas 1 e 2

A metodologia deste trabalho, em especial a coleta de dados das Tarefas 1 e 2, foi baseada no trabalho de Ricci (2016). Ricci (2016), em sua pesquisa denominada *O processamento psicolinguístico da metáfora: um estudo experimental no PB*, realizou

(...) *norming studies*, – nos moldes dos que se acham publicados na literatura internacional –, ranqueando metáforas no PB com respeito às variáveis “Familiaridade”, “*Aptness*” e “Convencionalidade”. Posteriormente, conduziu-se um experimento *on-line*, de leitura automonitorada do conjunto das expressões familiares, *high-apt* e convencionalizadas selecionadas nos *norming studies* previamente realizados. (...) no experimento aqui realizado foram comparados os tempos de processamento de metáforas familiares / *high-apt* / convencionais e os das mesmas expressões interpretadas literalmente (RICCI, 2016, p. 10).

Neste trabalho utilizamos também as variáveis “familiaridade”, “eficácia” (*aptness*) e “convencionalidade”.

Nossa coleta de dados se valeu de três Tarefas: a Tarefa 1 teve a finalidade de mensurar os índices das variáveis “familiaridade” e “convencionalidade”. A “convencionalidade”¹⁷⁹ foi mensurada através da questão aberta, que pedimos para o participante explicar o que ele compreendeu com a sentença dada. A Tarefa 2 teve a finalidade de mensurar a “eficácia” da metáfora. Esse dado foi relacionado com os dados da Tarefa 1. As Tarefas 1 e 2, foram, na verdade, pré-testes e, a partir dos índices das variáveis “familiaridade”, “convencionalidade” e “eficácia”, selecionamos as metáforas que seriam, então, parte do teste de julgamento de sentença, a Tarefa 3. A coleta de dados das Tarefas 1, 2 e 3 foi realizada utilizando a plataforma *JotForm*, de forma virtual. Nela foi programado o questionário que os participantes responderam antes de dar início ao experimento. Entretanto, antes de ter acesso ao questionário, foi disponibilizado o TCLE (ver Anexo A) em atendimento à resolução 466/12 do CEP. Somente após concordar, assentindo em colaborar com a pesquisa, foi disponibilizado o questionário (ver Anexo B) e, em seguida, as Tarefas. A plataforma *JotForm* permite que a quantidade de acesso por dispositivo seja controlada, sendo assim, com o intuito de diminuir a chance de as pessoas responderem mais de uma vez, foi permitido um único acesso por dispositivo. Pensamos nesse controle para que não houvesse deturpação dos dados caso algum participante tentasse realizar as Tarefas mais de uma vez. A coleta de dados da Tarefa 3 foi semelhante à das Tarefas 1 e 2, como veremos na seção a seguir. É importante ressaltar que as

¹⁷⁹ Como vimos com Bowdle e Gentner (2005), na seção 2.2.7, o nível de convencionalidade pode influenciar a compreensão de uma metáfora. Assim, consideramos que o nível de convencionalidade da metáfora pode ser visto a partir da compreensão das sentenças. Ou seja, quanto mais a sentença foi compreendida, pelos participantes, maior é o nível de convencionalidade da metáfora.

Tarefas 1 e 2 foram realizadas em sequência, no mesmo dia, pelos mesmos participantes. Já a Tarefa 3 foi realizada dez meses após a realização das Tarefas 1 e 2. Não há garantias de que os participantes das tarefas anteriores não tenham também participado desta.

Em seguida ao questionário, teve início o experimento com a Tarefa 1 e a Tarefa 2, baseadas nas tarefas de Ricci (2016). Em um primeiro momento, foram distribuídas as Tarefas 1 e 2, em conjunto. Essas Tarefas foram compostas por trinta sentenças: as dez metáforas retiradas do livro de Lakoff e Johnson (2002[1980]) (ver Anexo C) e vinte sentenças literais (ver Anexo D), aqui sendo consideradas distratoras. Para que as sentenças fossem disponibilizadas de forma aleatória seguimos dois passos: primeiro, de forma manual, foram distribuídas na disposição metáfora – distratora – distratora (ver Anexo E), e, após, foi feita uma randomização utilizando o aplicativo “Gerador de números aleatórios”, disponível para Android (ver Anexo F).

O objetivo da Tarefa 1 foi analisar a “familiaridade”, “convencionalidade” e “compreensão” das metáforas presentes no experimento e consistiu em duas perguntas: “Você já leu, ouviu ou usou essa frase?” e “O que você entende com essa sentença?”. Já o objetivo da Tarefa 2 foi analisar a “eficácia” das metáforas e se a sentença era “clara” e “óbvia” para o participante. Essa Tarefa consistiu em três perguntas. A primeira, “Essa expressão é eficaz?”, exigiu a utilização de uma escala de 1 a 5, que nos permitiu analisar a “eficácia”¹⁸⁰ das metáforas. Com a segunda e a terceira, pudemos observar, respectivamente, se o significado da sentença dada foi “claro” e “óbvio” para o participante. Essas duas perguntas serviram como um controle: se o participante marcou NÃO na segunda pergunta (“Você acha que o significado dessa expressão está claro?”) e SIM na terceira pergunta (“Você acha que o significado dessa expressão está óbvio?”), conferimos a resposta da questão aberta (pergunta 2) da Tarefa 1 (“O que você entende com essa sentença?”). Essa confirmação se fez necessária pois era possível que as seguintes combinações tivessem ocorrido: 1) que a sentença esteja clara e óbvia; 2) não esteja clara nem óbvia; 3) esteja clara e não óbvia; e 4) não esteja clara, mas esteja óbvia. Se a última combinação ocorreu, vimos a necessidade de verificar a resposta da questão aberta da Tarefa 1 pois se o participante marcou que a sentença não estava clara, mas estava óbvia, percebemos uma contradição (algo que é óbvio também é claro). E se ocorreu a combinação “está claro” e “está óbvio” também vimos a necessidade de checar a questão aberta pois algo

¹⁸⁰ Segundo Ricci (2016, p. 31), “A versão, em português, de *aptness*, aqui, bem como nos formulários apresentados aos participantes, “eficácia”, poderia ser “capacidade” ou “competência”, “jeito”, ou, até mesmo, “adequação” ou “a qualidade do que é apropriado ou adequado”. Dessa forma, no presente trabalho, iremos utilizar a definição de “eficácia” para a tradução de “*aptness*”.

que está claro não precisa necessariamente ser óbvio. Dessa maneira, relacionando e analisando a resposta da questão aberta da Tarefa 1 com as combinações “não está clara, mas está óbvia” e “está clara e está óbvia”, pudemos ver se o participante entendeu a sentença e também se ele estava atento ou não às Tarefas. Além disso, também relacionamos a resposta da pergunta 2 da Tarefa 2, com a questão aberta presente na Tarefa 1, assim, analisamos se houve algum participante que marcou que a sentença estava “clara”, mas que respondeu de forma contrária na questão aberta (“O que você entende com essa frase?”) na Tarefa 1, portanto, com essa relação, vimos se o participante também compreendeu o que foi perguntado. A seguir, apresentamos um exemplo de uma sentença metafórica dessas duas Tarefas (ver Anexo G para exemplo de uma sentença literal).

Figura 1 – Exemplo de sentença metafórica: Tarefas 1 e 2

Estou um pouco enferrujado hoje.

Você já leu, ouviu ou usou essa frase? *

- Sim.
 Não.

O que você entende com essa sentença? Se preferir responder em forma de áudio, digite "áudio" que embaixo terá essa opção. *

Essa expressão é eficaz? *

- Nada eficaz.
 Pouco eficaz.
 Moderado.
 Eficaz.
 Muito eficaz.

Você acha que o significado dessa expressão está claro? *

- Sim.
 Não.

Você acha que o significado dessa expressão está óbvio? *

- Sim.
 Não.

Fonte: Elaborado pela autora.

Após a análise de dados das Tarefas 1 e 2, foi distribuída a Tarefa 3. Foram utilizadas as mesmas dez metáforas nas Tarefas 1 e 2, mas para a Tarefa 3 foram selecionadas seis metáforas: três com os maiores índices de “familiaridade”, “convencionalidade” e “eficácia” e

três metáforas com os menores índices, resultantes das Tarefas 1 e 2. Como mencionado anteriormente, todas as metáforas foram retiradas de Lakoff e Johnson (2002[1980]). Veremos sobre a coleta de dados da Tarefa 3 a seguir.

3.4.2 Coleta de dados da Tarefa 3

Na Tarefa 3, foram selecionadas as três metáforas que apresentaram os maiores índices de “familiaridade”, “convencionalidade” e “eficácia” e as três metáforas que tiveram os menores índices, nas Tarefas 1 e 2, totalizando seis metáforas. Também fizeram parte da Tarefa doze sentenças literais que cumpriram a função de distratora, totalizando dezoito sentenças (ver Anexo H). O ordenamento das sentenças na apresentação da Tarefa 3, assim como fizemos com as Tarefas 1 e 2, foi feito utilizando o aplicativo “Gerador de números aleatórios”, disponível para Android (ver Anexo I), com o intuito de randomizá-las. Também foram randomizadas as alternativas A, B e C de cada questão. Tais alternativas apresentaram imagens, relacionadas ou não, à sentença a ser julgada pelo participante. Essas imagens foram elaboradas no site Canva Pro¹⁸¹ (todas as imagens presentes na Tarefa 3 estão no Anexo J). As questões com sentenças literais, consideradas como distratoras, foram apresentadas com três imagens: duas imagens que evidenciam o sentido literal e uma imagem distratora. Já nas questões com sentenças metafóricas foram apresentadas três imagens: a) imagem que evidencia o sentido metafórico; b) imagem que evidencia o sentido literal e c) imagem distratora. Em cada questão, esta ordem foi apresentada de forma aleatória. Assim, observamos se o grau de “familiaridade”, “convencionalidade” e “eficácia” influencia no julgamento das sentenças metafóricas, realizado por meio das escolhas das imagens, por parte dos participantes. Vemos um exemplo, a seguir.

¹⁸¹ Canva é uma ferramenta de designs gráficos, na modalidade on-line, que permite a criação de diversos conteúdos. Essa ferramenta é disponibilizada tanto na versão gratuita quanto na versão paga. Para essa pesquisa utilizamos a versão paga visto que esta possui mais recursos.

Figura 2 – Exemplo de sentença metafórica: Tarefa 3



Fonte: Elaborada pela autora.

A partir da frase lida, o participante teria que escolher uma imagem entre as três imagens apresentadas na questão. Nesse exemplo, as três imagens são categorizadas, respectivamente, como: a) imagem distratora; b) imagem que evidencia o sentido literal e c) imagem que evidencia o sentido metafórico. Dentre essas três imagens, têm-se duas respostas corretas: a imagem que evidencia o sentido metafórico e a imagem que evidencia o sentido literal. Esperávamos que, se a metáfora apresentasse os maiores índices, resultantes das Tarefas 1 e 2, o participante iria escolher a imagem que evidencia o sentido metafórico, e, se apresentasse os menores índices, o participante iria escolher a imagem que evidencia o sentido literal.

As três metáforas com maiores índices de “familiaridade”, “convencionalidade” e “eficácia” e as três com os menores índices selecionadas para a Tarefa 3 são, respectivamente:

- 1) Estou me sentindo para cima.
- 2) Ele devorou o livro.
- 3) Ele está em busca de riqueza.
- 4) O seu ego é muito frágil.
- 5) Ele está fora de visão agora.
- 6) Aquele pneu furado me custou uma hora.

3.5 Metodologia de Análise de Dados

A partir dos dados coletados, foram realizadas análises quantitativas com os resultados das Tarefas 1, 2 e 3, e a análise qualitativa com os resultados da questão aberta da Tarefa 1, além de uma análise qualitativa relacionando as tarefas realizadas.

Na análise das Tarefas 1 e 2, relacionamos: 1) a “familiaridade” e a “convencionalidade”; 2) a “familiaridade” e a “eficácia”; 3) a “convencionalidade” e a “eficácia”; 4) a “compreensão” e a “eficácia”; 5) a “clareza” e a “obviedade”; e, por fim, 6) a “clareza” e a “compreensão”. Como dito anteriormente, a Tarefa 1 teve como objetivo verificar a “familiaridade”, por meio da questão total (“Você já leu, ouviu ou usou essa frase?”), e a “convencionalidade”¹⁸² e a “compreensão” das sentenças, por meio das respostas para a questão aberta (“O que você entende com essa frase?”).

Para a análise da Tarefa 3, dividimos as seis metáforas em dois grupos: Grupo 1: Metáforas com os maiores índices de “familiaridade”, “convencionalidade” e “eficácia”, e Grupo 2: Metáforas com os menores índices de “familiaridade”, “convencionalidade” e “eficácia”. Em cada uma dessas sentenças metafóricas, os participantes tiveram que escolher uma entre três imagens, sendo elas consideradas como a) imagem que evidencia o sentido metafórico; b) imagem que evidencia o sentido literal; e c) imagem distratora. Realizamos as análises considerando os dados intragrupo e intergrupos. Para essas análises utilizamos o teste não paramétrico qui-quadrado (FONSECA; MARTINS, 2011). No capítulo a seguir temos a discussão e as análises dos dados.

¹⁸² Como dito anteriormente, vimos com Bowdle e Gentner (2005), na seção 2.2.7, que o nível de convencionalidade pode influenciar a compreensão de uma metáfora. Assim, consideramos que o nível de convencionalidade da metáfora pode ser visto a partir da compreensão das sentenças. Ou seja, quanto mais a sentença foi compreendida, pelos participantes, maior é o nível de convencionalidade da metáfora.

4. DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo temos, na seção 4.1, a análise das Tarefas 1 e 2, com as relações entre as variáveis ditas acima. Já na seção 4.2, temos a análise quantitativa da Tarefa 3 e a análise estatística, que foi realizada por meio do teste qui-quadrado de independência (FONSECA; MARTINS, 2011). Ao final desta seção discutimos os resultados encontrados nessas análises.

4.1 Análise das Tarefas 1 e 2

Para verificar a relação entre “familiaridade” e “convencionalidade”, analisamos as respostas da questão aberta dos participantes que marcaram “Não” como resposta à pergunta “Você já leu, ouviu ou usou essa frase?”. Percebemos, então, que mesmo marcando “Não” para essa pergunta, as respostas dos participantes nos permitem verificar que houve compreensão da metáfora como tal. Além disso, nenhuma das dez metáforas teve 100% (ou seja, 74 participantes) de resposta como “Sim” para a pergunta “Você já leu, ouviu ou usou essa sentença?”. A maior taxa como “Sim” foi de 97% (ou seja, 72 participantes) para a metáfora “Ele devorou o livro”; e a menor foi de 81% (ou seja, 60 participantes), para a metáfora “Aquele pneu furado me custou uma hora”. Não houve nenhum participante que respondeu a questão aberta (“O que você entendeu com essa sentença?”), ainda da Tarefa 1, com alguma resposta inadequada, mas em quatro metáforas (“Não consegui achar essa ideia em nenhum lugar do texto”; “O seu ego é muito frágil”; “Ele está fora de visão agora”; “Suas críticas foram direto ao alvo”) tivemos respostas como “Nunca vi isto”, “Não entendi”, “Não” e “Não sei”, sendo interpretadas, então, como uma falta de interpretação da sentença pelo participante. Apesar da metáfora “Aquele pneu furado me custou uma hora” ter tido a menor taxa com a resposta “Sim” (para a pergunta “Você já leu, ouviu ou usou essa sentença?”), sendo de 81% (ou seja, 60 participantes), todos os participantes que marcaram “Não” tiveram interpretações adequadas na questão aberta. Consideramos que as sentenças foram compreendidas, visto que tiveram interpretações adequadas (com exceção das respostas ditas acima) na questão aberta, e, com isso, todas as metáforas apresentadas nas Tarefas 1 e 2 foram consideradas convencionais, independentemente da porcentagem alcançada nos índices de “familiaridade” e “eficácia”.

No Quadro 2, a seguir, é possível verificar os dados referentes à “familiaridade” e à “eficácia”, coletados nas Tarefa 1 e 2.

Quadro 2 – Dados sobre Familiaridade e Eficácia: porcentagem e número total de respostas

*Metáfora	Familiaridade				Eficácia									
	Sim		Não		ME		E		Mo		Pe		Ne	
Questão	%	Nº total	%	Nº total	%	Nº total	%	Nº total	%	Nº total	%	Nº total	%	Nº total
4	93	69	7	5	23	17	49	36	18	13	11	8	-	-
6	91	67	9	7	24	18	47	35	22	16	7	5	-	-
10	93	69	7	5	32	24	49	36	14	10	4	3	1	1
11	86	64	14	10	20	15	36	27	23	17	15	11	5	4
16	97	72	3	2	32	24	46	34	15	11	7	5	-	-
19	82	61	18	13	18	13	36	27	28	21	15	11	3	2
20	88	65	12	9	20	15	45	33	19	14	16	12	-	-
21	96	71	4	3	28	21	45	33	22	16	4	3	1	1
24	81	60	19	14	19	14	47	35	26	19	8	6	-	-
28	91	67	9	7	26	19	45	33	22	16	8	6	-	-

Fonte: Elaborado pela autora. Legenda: O índice de Eficácia foi dividido em: ME (muito eficaz); E(eficaz); Mo(moderado); Pe(pouco eficaz); e Ne (nada eficaz). *As metáforas estão dispostas na ordem que apareceram no experimento.

Já sobre a relação entre “familiaridade” e “eficácia”, relacionamos o item “Sim” para a pergunta “Você já leu, ouviu ou usou essa sentença?” com o item “muito eficaz” para a pergunta “Você acha essa sentença eficaz?”. A partir dessa relação, selecionamos seis metáforas: três com os maiores índices de “familiaridade”, “convencionalidade” e “eficácia” e três com os menores índices.

Como vimos no Quadro 2, a metáfora 16, “Ele devorou o livro”, teve o maior índice de “muito eficaz” para a pergunta “Você acha essa sentença eficaz?”, sendo de 32% (ou seja, 24 participantes), tendo também o maior índice de “Sim” para a pergunta “Você já leu, ouviu ou usou essa sentença?”, sendo de 97% (ou seja, 72 participantes). A metáfora 10, “Estou me sentindo para cima”, também teve marcação de 32% (ou seja, 24 participantes) no item “muito eficaz”, sendo o terceiro índice mais alto para o item “Sim” na pergunta “Você já leu, ouviu ou usou essa sentença?”, chegando a 93% (ou seja, 69 participantes). Já a metáfora 21, “Ele está em busca de riqueza”, teve o terceiro índice mais alto para o item “muito eficaz” na pergunta “Você acha essa sentença eficaz?”, chegando a 28% (ou seja, 21 participantes), e o segundo

maior índice no item “Sim” na pergunta “Você já leu, ouviu ou usou essa sentença?”, sendo de 96% (ou seja, 71 participantes). As metáforas 10, 16 e 21 foram selecionadas para a Tarefa 3, sendo consideradas as três metáforas de maiores índices de “familiaridade”, “convencionalidade” e “eficácia”.

Ainda com o Quadro 2, vimos que as três metáforas a seguir tiveram os menores índices de “familiaridade”, “convencionalidade” e “eficácia”:

- A metáfora 24, “Aquele pneu furado me custou uma hora”, teve o menor índice (81%, ou seja, 60 participantes) no item “Sim” para a pergunta “Você já leu, ouviu ou usou essa sentença?” e o segundo menor índice (19%, ou seja, 14 participantes) no item “muito eficaz” para a pergunta “Você acha essa sentença eficaz?”;
- A metáfora 19, “Ele está fora de visão agora”, teve o segundo menor índice (82%, ou seja, 61 participantes) no item “Sim” para a pergunta “Você já leu, ouviu ou usou essa sentença?” e o menor índice (18%, ou seja, 13 participantes) no item “muito eficaz” para a pergunta “Você acha essa sentença eficaz?”;
- Por fim, a metáfora 11, “O seu ego é muito frágil”, teve o terceiro menor índice (86%, ou seja, 64 participantes) no item “Sim” para a pergunta “Você já leu, ouviu ou usou essa sentença?” e o terceiro menor índice (20%, ou seja, 15 participantes) no item “muito eficaz” para a pergunta “Você acha essa sentença eficaz?”.

As três metáforas acima (24, 19 e 11) foram selecionadas para a Tarefa 3, considerando o fato de todas terem apresentado os menores índices de “familiaridade”, “convencionalidade” e “eficácia”. Ainda que o maior índice no item “Sim” para a pergunta “Você já leu, ouviu ou usou essa sentença?” tenha sido de 97% (ou seja, 72 participantes), o menor índice (81%, ou seja, 60 participantes) continua sendo alto. Além disso, como dito anteriormente, consideramos que houve compreensão das sentenças a partir das interpretações adequadas na questão aberta, e, em consequência, todas as metáforas apresentadas nas Tarefas 1 e 2 foram consideradas convencionais, independentemente da porcentagem alcançada nos índices de “familiaridade” e “eficácia”.

Sobre a relação entre “eficácia” e “convencionalidade” e também entre “eficácia” e “compreensão”, relacionamos as respostas do item “nada eficaz” com a resposta da questão aberta, da Tarefa 1 (“O que você entende com essa sentença?”). Assim, vimos que apenas quatro metáforas tiveram o item “nada eficaz” marcado. Destas, na primeira metáfora, “Estou me sentindo para cima”, apenas um participante marcou como “nada eficaz” e sua resposta aberta

foi “Bom humor”. Na segunda metáfora, “O seu ego é muito frágil”, quatro participantes marcaram como “nada eficaz” e suas respostas foram, respectivamente: “Não entendi”; “Que você tem problemas de auto-estima”; “Não”; e “Palerma”. Na terceira metáfora, “Ele está fora de visão agora”, dois participantes marcaram como “nada eficaz” e suas respostas foram “Não entendi” e “Não”. Na quarta metáfora, “Ele está em busca de riqueza”, apenas um participante marcou o item “nada eficaz” e sua resposta foi: “Procura algo de valor sentimental, material, espiritual etc.”. Percebemos, então, que quatro participantes marcaram o item como “nada eficaz”, mas, com suas respostas abertas, demonstram entender adequadamente o significado das sentenças metafóricas, enquanto os outros quatro participantes que marcaram esse item demonstram, de fato, não terem entendido a sentença (“Não entendi”; “Não”; “Não entendi” e “Não”).

Já sobre as duas perguntas controle presentes na Tarefa 2, como já dito, tinham o objetivo de relacionar os itens “não/claro” e “sim/óbvio” com o intuito de verificar se havia contradição na resposta aberta do participante, com a premissa de que se o participante marca “não” para a pergunta “Você acha que o significado dessa expressão está claro?”, mas marca “sim” na pergunta “Você acha que o significado dessa expressão está óbvio?”, consideramos como contraditório, já que nem tudo que está claro é óbvio, mas tudo que é óbvio está claro. Vimos que apenas quatro participantes fizeram essa marcação, mas, dentre eles, apenas um demonstra que não estava atento ou entendendo a sentença (sua resposta: “nunca vi isto”) (ver anexo K). E, por fim, sobre a relação entre “clareza” e “compreensão” (vista na questão aberta da Tarefa 1), consideramos que as respostas “sim/claro” não estavam contraditórias com as respostas abertas.

Com a análise feita nesta seção, podemos ver que as três metáforas com maiores índices¹⁸³ de “familiaridade”, “convencionalidade” e “eficácia” e as três com menores índices de “familiaridade”, “convencionalidade” e “eficácia”, são, respectivamente:

- 1) [10¹⁸⁴] Estou me sentindo para cima.
- 2) [16] Ele devorou o livro.
- 3) [21] Ele está em busca de riqueza.
- 4) [11] O seu ego é muito frágil.

¹⁸³ Como podemos ver, no Quadro 2, tivemos duas metáforas com índice de 93% para Sim/Familiar. Para elaborarmos a Tarefa 3, foi necessário um desempate e, para isso, utilizamos o critério de qual das duas metáforas teve o maior índice em “Muito Eficaz”, sendo assim, a metáfora selecionada foi “Estou me sentindo para cima”.

¹⁸⁴ A numeração entre colchete se refere à ordem de apresentação das sentenças nas Tarefas 1 e 2.

- 5) [19] Ele está fora de visão agora.
- 6) [24] Aquele pneu furado me custou uma hora.

Essas foram as metáforas selecionadas para a Tarefa 3. A seguir, veremos as análises desta Tarefa e a discussão de dados das Tarefas 1, 2 e 3.

4.2 Análise da Tarefa 3

Nessa seção analisamos, quantitativa e estatisticamente, os dados obtidos com a Tarefa 3. Ao final, fizemos a discussão dos dados dessas três Tarefas.

Para a análise da Tarefa 3, como dito anteriormente, dividimos as seis metáforas em dois grupos: Grupo 1: Metáforas com os maiores índices de “familiaridade”, “convencionalidade” e “eficácia”, e Grupo 2: Metáforas com os menores índices de “familiaridade”, “convencionalidade” e “eficácia”. Em cada uma dessas sentenças, os participantes tiveram que escolher uma entre três imagens, sendo elas consideradas como: 1) imagem que evidencia o sentido metafórico; 2) imagem que evidencia o sentido literal; e 3) imagem distratora. Analisamos as respostas intragrupo e intergrupos. Tivemos um total de 204 participantes, mas, para a análise dos dados, excluimos a resposta de sete deles: cinco que responderam terem surdez/deficiência auditiva; um que respondeu não ter nacionalidade brasileira; e um que respondeu ter dislexia. Sobre os participantes que responderam terem surdez/deficiência auditiva e sobre o participante que respondeu não ter nacionalidade brasileira, decidimos excluí-los, por não considerarmos o Português Brasileiro como sua língua materna. Optamos por excluir os dados do participante que respondeu ter dislexia, visto que, conforme Hübner (2015, p. 99), “distúrbios da Linguagem são alterações manifestadas na linguagem do indivíduo, que podem ocorrer tanto na produção da fala ou da escrita quanto na compreensão oral ou na leitura”, e, pensando nisso, a leitura e, por consequência, o julgamento das sentenças poderia sofrer alguma alteração que afetasse os resultados da pesquisa. Os dados destes participantes encontram-se no Anexo L.

Nos Quadros 3 e 4, a seguir, vemos o agrupamento das respostas dos participantes, em porcentagem e número total, de cada uma das frases, separadas em grupos.

Quadro 3 – Grupo 1: porcentagem e número total de respostas

Maiores índices	SM		SL		D	
	%	Nº Total	%	Nº Total	%	Nº Total
Frase 1) Ele está em busca de riqueza.	43,7%	86	50,8%	100	5,6%	11
Frase 2) Ele devorou o livro.	81,2%	160	17,8%	35	1,0%	2
Frase 3) Estou me sentindo para cima.	83,3%	164	14,2%	28	2,5%	5

Fonte: Elaborado pela autora. Legenda: SM: sentido metafórico evidenciado pelas imagens. SL: sentido literal evidenciado pelas imagens. D: distrator. %: dados em porcentagem. Nº total: número total de participantes.

Quadro 4 – Grupo 2: porcentagem e número total de respostas

Menores índices	SM		SL		D	
	%	Nº Total	%	Nº Total	%	Nº Total
Frase 4) Aquele pneu furado me custou uma hora.	87,3%	172	4,6%	9	8,1%	16
Frase 5) O seu ego é muito frágil.	29,9%	59	64,5%	127	5,6%	11
Frase 6) Ele está fora de visão agora.	82,2%	162	14,2%	28	3,6%	7

Fonte: Elaborado pela autora. Legenda: SM: sentido metafórico evidenciado pelas imagens. SL: sentido literal evidenciado pelas imagens. D: distrator. %: dados em porcentagem. Nº total: número total de participantes.

Como vemos no Quadro 3, a Frase 1, “Ele está em busca de riqueza”, teve uma porcentagem inferior na escolha da imagem que evidencia o sentido metafórico, se comparado com a Frase 2, “Ele devorou o livro” e com a Frase 3, “Estou me sentindo para cima”. Isso, talvez, pode ser explicado ao olharmos as imagens apresentadas como alternativas para o julgamento de tal sentença (Frase 1). A imagem que evidencia o sentido literal, na Frase 1, “Ele está em busca de riqueza”, pode ter tido, por exemplo, aspectos que estão mais relacionados ao item lexical “riqueza” (o baú repleto de moedas), fazendo com que os participantes, no julgamento desta sentença, indicassem tal figura como melhor resposta para a questão. Conforme Figura 3, a seguir, vemos um rapaz segurando uma lupa e um mapa, em busca de um baú repleto de moedas.

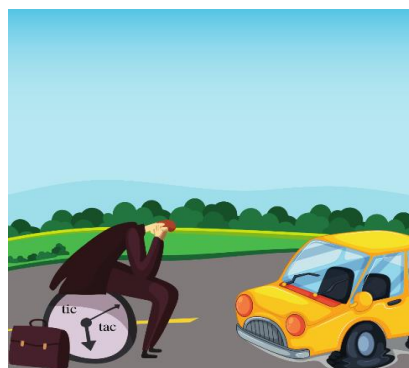
Figura 3 – Imagem que evidencia o sentido literal na Frase 1



Fonte: Elaborada no Canva Pro, pela autora.

Já no Quadro 4, apesar de o esperado ser a escolha da imagem que evidencia o sentido literal, vemos que a Frase 4, “Aquele pneu furado me custou uma hora”, e a Frase 6, “Ele está fora de visão agora”, tiveram uma porcentagem superior na seleção da imagem que evidencia o sentido metafórico, se comparado com a Frase 5, “O seu ego é muito frágil”, que teve uma porcentagem superior na seleção da imagem que evidencia o sentido literal, como era esperado. Isso, talvez, pode também ser explicado ao olharmos as imagens apresentadas como alternativas dessas sentenças (Frase 4 e 6). Na Frase 4, “Aquele pneu furado me custou uma hora”, a imagem que evidencia o sentido metafórico, conforme Figura 4, pode ser descrita como um homem, sentado em cima de um relógio e, ao seu lado, há um carro com o pneu furado.

Figura 4 – Imagem que evidencia o sentido metafórico na Frase 4



Fonte: Elaborada no Canva Pro, pela autora.

Já a imagem que evidencia o sentido literal, Figura 5, pode ser descrita como um homem entregando uma cédula de dinheiro, com o símbolo de um relógio no lugar que deveria estar o número do valor da cédula, para outro homem, em troca de pneus do carro.

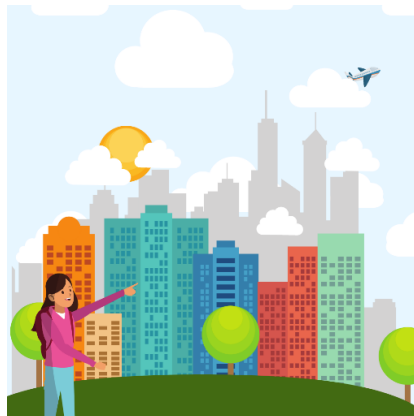
Figura 5 – Imagem que evidencia o sentido literal na Frase 4



Fonte: Elaborada no Canva Pro, pela autora.

Por sua vez, a imagem que evidencia o sentido metafórico, Figura 6, na Frase 6, “Ele está fora de visão agora”, pode ser descrita como uma moça apontando para um avião que já estava longe, difícil de ser visto.

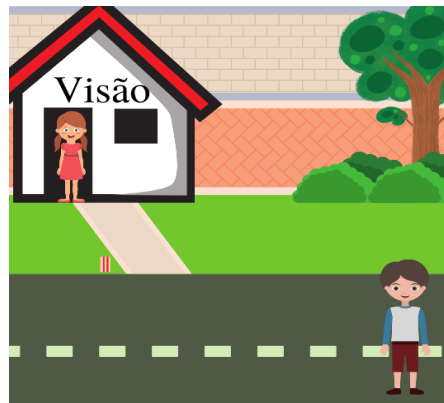
Figura 6 – Imagem que evidencia o sentido metafórico na Frase 6



Fonte: Elaborada no Canva Pro, pela autora.

A imagem que evidencia o sentido literal, Figura 7, na Frase 6, pode ser descrita da seguinte forma: uma menina, dentro de uma casa denominada de “visão” e, fora dela, há um menino.

Figura 7 – Imagem que evidencia o sentido literal na Frase 6



Fonte: Elaborada no Canva Pro, pela autora.

Assim como a imagem que evidencia o sentido literal na Frase 1, as imagens que evidenciam o sentido metafórico nas Frases 4 e 6 podem ter tido aspectos que foram mais relacionados com algum item lexical presente nessas sentenças: por exemplo, na Frase 4, os itens lexicais “pneu furado” podem ter sido mais relacionados com a imagem que evidencia o sentido metafórico, já que nela havia um carro com pneu furado; e na imagem que evidencia o sentido literal, os pneus não estavam furados; na Frase 6, os itens lexicais “fora de visão” podem ter sido mais relacionados com a imagem que evidencia o sentido metafórico, pelo fato do avião estar longe da pessoa que estava apontando para ele. Isso pode ter feito com que os participantes, no julgamento dessas sentenças, indicassem as imagens que evidenciam o sentido metafórico. Dessa forma, os participantes podem ter sido direcionados a selecionar as imagens que evidenciam o sentido metafórico, em favor da seleção das imagens que evidenciam o sentido literal, para o Grupo 2. Entretanto, como discutido, apesar de termos selecionados as três metáforas com os maiores índices de “familiaridade”, “convencionalidade” e “eficácia” para o Grupo 1, e as três com os menores índices para o Grupo 2, esses índices não tiveram diferenças discrepantes. Falaremos sobre esse ponto nas nossas considerações finais.

Com o objetivo de verificar a associação entre as frases metafóricas e os sentidos (metafórico e literal) em cada grupo, bem como também a associação entre os grupos de maiores e menores índices de “familiaridade”, “convencionalidade” e “eficácia” com os sentidos (metafórico e literal), foi utilizado o teste não paramétrico qui-quadrado. Segundo Fonseca e Martins (2011), o teste qui-quadrado (ou teste de adequação do ajustamento) é o teste não paramétrico mais popular. Esse teste é realizado para verificar se há associação ou não (ou seja, se há dependência ou não) entre duas ou mais variáveis, sendo estas qualitativas, em uma tabela de contingência em que estão incluídas as observações independentes dessas variáveis.

Sejam $F_{O1}, F_{O2}, \dots, F_{OK}$ as frequências observadas dos K eventos, e sejam $F_{E1}, F_{E2}, \dots, F_{EK}$ as frequências esperadas ou teóricas dos K eventos, realiza-se o teste estatístico para verificar se há adequação de ajustamento entre as frequências observadas e as frequências esperadas (FONSECA; MARTINS, 2011).

As hipóteses do teste foram:

Hipótese Nula: H_0 : As variáveis são independentes (não estão associadas);

Hipótese Alternativa: H_1 : As variáveis são dependentes (estão associadas).

O cálculo do valor da variável é

$$\chi^2_{\text{cal}} = \sum_{i=1}^K \frac{(F_{O_i} - F_{E_i})^2}{F_{E_i}} = \frac{(F_{O_1} - F_{E_1})^2}{F_{E_1}} + \dots + \frac{(F_{O_K} - F_{E_K})^2}{F_{E_K}}$$

Fonte: FONSECA; MARTINS, 2011, p. 226.

As análises foram realizadas considerando significância de 5%, ou seja, $\alpha = 0,05$. Nos resultados dos testes, caso o p-valor fosse inferior à significância do teste de 0,05, rejeitaríamos a hipótese nula de independência dos dados, concluindo que há associação (relação/dependência) entre as variáveis. Caso contrário, se o p-valor fosse maior que 0,05, aceitaríamos a hipótese nula do teste, concluindo que as variáveis são independentes, ou seja, que não há associação (não há relação/dependência) entre as variáveis. Todas as análises foram realizadas com o auxílio do *software IBM SPSS Statistics*, versão 25.0.

A seguir, vemos a análise do Grupo 1.

4.2.1 Análise do Grupo 1

Nesta seção, faremos a análise dos dados do Grupo 1: Metáforas com os maiores índices de “familiaridade”, “convencionalidade” e “eficácia”.

No Grupo 1, foi verificada diferença estatisticamente significativa ($p < 0,01$) quanto à imagem selecionada pelo participante (se imagem que evidencia o sentido metafórico ou imagem que evidencia o sentido literal). A seguir, na Tabela 1, temos as frequências observadas e esperadas, identificadas utilizando a fórmula apresentada na seção 4.2, seguidas pelos seus

porcentuais entre as frases metafóricas selecionadas para o Grupo 1 e os respectivos sentidos (metafórico e literal).

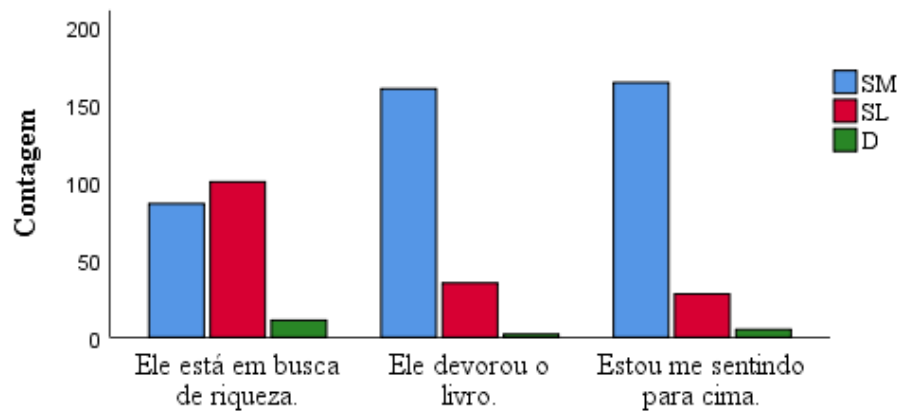
Tabela 1 – Frequências observadas e esperadas entre as frases e sentidos – Grupo 1

Frase	Frequência	SM	SL	D	Total	P
(1) Ele está em busca de riqueza.	O	86(43,7%)	100(50,8%)	11(5,6%)	197(100%)	<0,01*
	E	136,7	54,3	6,0		
(2) Ele devorou o livro.	O	160(81,2%)	35(17,8%)	2(1,0%)	197(100)	
	E	136,7	54,3	6,0		
(3) Estou me sentindo para cima.	O	164(83,3%)	28(14,2%)	5(2,5%)	197(100)	
	E	136,7	54,3	6,0		
Total		410	163	18	591	

Fonte: Elaborada pela autora. Legenda: O: frequência observada; E: frequência esperada; SM: sentido metafórico evidenciado pelas imagens; SL: sentido literal evidenciado pelas imagens; D: distrator; *significativo a 1%.

Ao verificar a Tabela 1, é possível observar que a maioria das pessoas escolheu as imagens que evidenciam o sentido metafórico para a Frase 2, “Ele devorou o livro” e para a Frase 3, “Estou me sentindo para cima”, sendo respectivamente 81,2% (ou seja, 160 participantes) e 83,3% (ou seja, 164 participantes), com exceção da Frase 1, “Ele está em busca de riqueza”, que obteve 43,7% (ou seja, 86 participantes).

Observa-se que nesta Frase, “Ele está em busca de riqueza”, a quantidade de pessoas que selecionaram a imagem que evidencia o sentido metafórico foi menor do que o esperado, que era aproximadamente 136,7 pessoas. Já em relação à imagem que evidencia o sentido literal, a frequência observada foi consideravelmente superior ao valor esperado. Com isso, concluímos que há associação entre as três frases e os sentidos (metafórico e literal) respondidos, e, com exceção da Frase 1, “Ele está em busca de riqueza”, a maioria das pessoas escolheu a imagem que evidencia o sentido metafórico como resposta. No Gráfico 1, a seguir, vemos a relação entre as metáforas do Grupo 1 e a escolha dos participantes conforme o sentido evidenciado pela imagem.

Gráfico 1 – Grupo 1: Respostas da Tarefa 3

Fonte: Elaborado pela autora. Legenda: SM: sentido metafórico evidenciado pelas imagens; SL: sentido literal evidenciado pelas imagens; D: distrator.

Na seção a seguir, é apresentada a análise do Grupo 2.

4.2.2 Análise do Grupo 2

Nesta seção temos a análise do Grupo 2: Metáforas com os menores índices de “familiaridade”, “convencionalidade” e “eficácia”.

No grupo 2, cujos índices foram os menores resultantes das Tarefas 1 e 2, foi verificada diferença estatisticamente significativa ($p < 0,01$) quanto à imagem selecionada pelo participante (se imagem que evidencia o sentido metafórico ou imagem que evidencia o sentido literal). A seguir, na Tabela 2, temos as frequências observadas e esperadas, identificadas utilizando a fórmula apresentada na seção 4.2, seguidas pelos seus percentuais entre as frases metafóricas selecionadas para o Grupo 2 e os respectivos sentidos (metafórico ou literal).

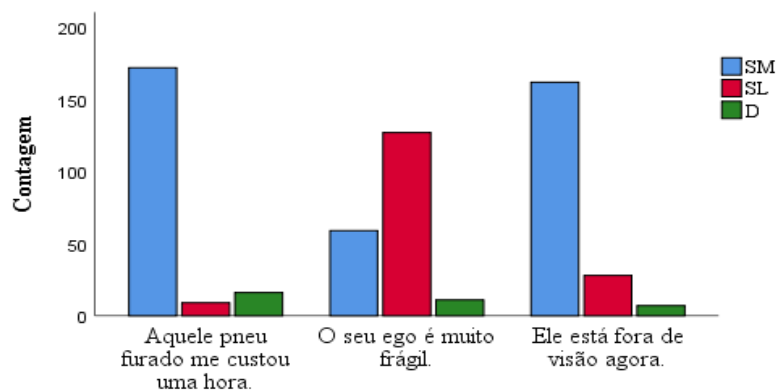
Tabela 2 – Frequências observadas e esperadas entre as frases e sentidos – Grupo 2

Frase	Frequência	SM	SL	D	Total	P
(4) Aquele pneu furado me custou uma hora.	O	172(87,3)	9(4,6)	16(8,1)	197	<0,01*
	E	131,0	54,7	11,3		
(5) O seu ego é muito frágil.	O	59(29,9)	127(64,5)	11(5,6)	197	
	E	131,0	54,7	11,3		
(6) Ele está fora de visão agora.	O	162(82,2)	28(14,2)	7(3,6)	197	
	E	131,0	54,7	11,3		
Total		393	164	34	591	

Fonte: Elaborada pela autora. Legenda: O: frequência observada; E: frequência esperada; SM: sentido metafórico evidenciado pelas imagens; SL: sentido literal evidenciado pelas imagens; D: distrator; *significativo a 1%.

Observa-se que para a Frase 4, “Aquele pneu furado me custou uma hora”, e para a Frase 6, “Ele está fora de visão agora”, a maioria dos participantes selecionou como resposta a imagem que evidencia o sentido metafórico, respectivamente, 87,3% (ou seja, 172 participantes) e 82,2% (ou seja, 162 participantes). Ou seja, para a Frase 4 e para a Frase 6, o número de pessoas que escolheram como resposta a imagem que evidencia o sentido metafórico foi superior ao esperado. Em contrapartida, para a Frase 5, “O seu ego é muito frágil”, 29,9% (ou seja, 59 participantes) das pessoas selecionaram a imagem que evidencia o sentido metafórico, isso significa que a maioria das pessoas selecionaram a imagem que evidencia o sentido literal (64,5%, ou seja, 127 participantes). Ou seja, na Frase 5, o número de pessoas que selecionaram como resposta a imagem que evidencia o sentido literal foi superior ao esperado, por consequência, a seleção da imagem que evidencia o sentido metafórico foi menor.

Como vimos anteriormente, isso, talvez, tenha ocorrido porque as imagens que evidenciam o sentido metafórico nas Frases 4 e 6 podem ter tido aspectos que foram mais relacionados com algum item lexical presente nessas sentenças, fazendo com que os participantes, no julgamento dessas sentenças, indicassem as imagens que evidenciam o sentido metafórico. Observamos, então, que, no Grupo 2, com exceção da Frase 5, os participantes tenderam a selecionar as imagens que evidenciam o sentido metafórico. A seguir, é possível visualizar, no Gráfico 2, a relação entre as metáforas do Grupo 2 e a escolha dos participantes conforme o sentido evidenciado pela imagem.

Gráfico 2 – Grupo 2: Respostas da Tarefa 3

Fonte: Elaborado pela autora. Legenda: SM: sentido metafórico evidenciado pelas imagens; SL: sentido literal evidenciado pelas imagens; D: distrator.

Na seção a seguir, veremos a relação intergrupos.

4.2.3 Análise intergrupos

Nesta seção, faremos, por fim, a análise intergrupo e, ao final, finalizaremos este capítulo.

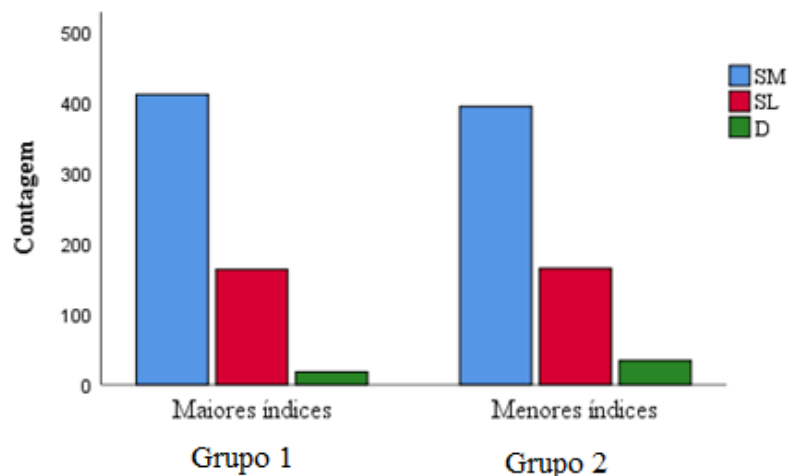
Para a análise intergrupos, ou seja, a análise em que comparamos os resultados do Grupo 1 com os resultados do Grupo 2, foi considerada apenas a soma das respostas quanto aos sentidos (metafórico e literal), sendo as variáveis o “grupo” e o “sentido” (se metafórico ou literal). Não houve diferença estatisticamente relevante entre os grupos ($p=0,07$), ou seja, a imagem (se evidencia o sentido metafórico ou se evidencia o sentido literal) selecionada pelos participantes independe de as metáforas terem maior ou menor índice em “familiaridade”, “convencionalidade” e “eficácia”. A significância é verificada apenas quando seccionamos os grupos, ou seja, apenas na análise intragrupos, isso porque, para ambos os grupos, a maioria dos participantes selecionou como resposta as imagens que evidenciam o sentido metafórico. Temos, a seguir, na Tabela 3, as frequências observadas e esperadas, bem como os percentuais entre os grupos e os respectivos sentidos (metafórico ou literal).

Tabela 3 – Frequências observadas e esperadas entre os grupos e sentidos

Grupo	Frequência	SM	SL	D	Total	P
(1) Maiores índices	O	410(69,4)	163(27,6)	18(3)	591	0,07
	E	401,5	163,5	26,0		
(2) Menores índices	O	393(66,5)	164(27,7)	34(5,8)	591	
	E	401,5	163,5	26,0		
Total		803	327	52	1182	

Fonte: Elaborada pela autora. Legenda: O: frequência observada; E: frequência esperada; SM: sentido metafórico evidenciado pelas imagens; SL: sentido literal evidenciado pelas imagens; D: distrator; *significativo a 1%.

O Gráfico 3 permite a visualização das frequências observadas e esperadas por grupo, descritas na Tabela 3.

Gráfico 3 – Intergrupos: Respostas da Tarefa 3

Fonte: Elaborado pela autora. Legenda: SM: sentido metafórico evidenciado pelas imagens; SL: sentido literal evidenciado pelas imagens; D: distrator.

No Gráfico 3, vemos a relação entre os sentidos evidenciados pelas imagens selecionadas pelos participantes (se imagem que evidencia o sentido metafórico ou que evidencia o sentido literal) e os Grupos 1 e 2, respectivamente, de maiores índices ou menores índices de “familiaridade”, “convencionalidade” e “familiaridade”.

Para concluir esse capítulo, podemos, sucintamente, fazer o seguinte resumo: apesar de termos selecionado seis metáforas a partir das Tarefas 1 e 2, sendo três com os maiores índices de “familiaridade”, “convencionalidade” e “eficácia” e três com os menores índices, podemos ver que, nessas duas Tarefas (1 e 2), mesmo as metáforas com os menores índices não tiveram

uma porcentagem tão baixa para as variáveis “familiaridade” e “eficácia”: a metáfora que teve o menor índice de “familiaridade” pontuou 81% (ou seja, 60 participantes), enquanto a metáfora que teve o menor índice em “eficácia” pontuou 18% (ou seja, 13 participantes) para “muito eficaz” e 36% (ou seja, 27 participantes) para “eficaz”. Há de se considerar, então, que isso pode ter influenciado a análise do Grupo 2 e, caso as metáforas tivessem tido um índice mais baixo, isso poderia indicar que a imagem selecionada para esse grupo iria ser a imagem que evidencia o sentido literal. No entanto, no Grupo 1, observamos que a imagem selecionada prevaleceu sendo a que evidencia o sentido metafórico. A partir dos resultados observados neste trabalho, é possível afirmar que os índices de “familiaridade”, “convencionalidade” e “eficácia” não são suficientes para apontar influência no julgamento de sentenças metafóricas, por meio de imagens, uma vez que, como vimos nas análises intra e intergrupo, independentemente dos índices selecionados para observação, os participantes selecionaram imagens que evidenciam o sentido metafórico.

No capítulo a seguir, apresentamos nossas considerações finais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, encontram-se nossas considerações finais, a partir das análises referentes às Tarefas 1, 2 e 3.

Como dito anteriormente, nossa pesquisa tinha como objetivo geral verificar se os índices de “familiaridade”, “convencionalidade” e “eficácia” influenciam no julgamento de sentenças metafóricas do Português Brasileiro. Já as nossas hipóteses eram 1) que a metáfora é compreendida se for convencional para o participante, independentemente dos índices de “familiaridade” e “eficácia”; 2) os índices de “familiaridade” e “eficácia” são diretamente relacionados, ou seja, quanto mais alto o índice de “familiaridade”, mais alto será o de “muito eficaz” e “eficaz”; 3) para metáforas com maiores índices de “familiaridade”, “convencionalidade” e “eficácia” serão selecionadas, pelos participantes, imagens que evidenciam o sentido metafórico; e, por último, 4) para as metáforas com menores índices, serão selecionadas imagens que evidenciam o sentido literal.

Com as Tarefas 1 e 2, nosso objetivo específico era identificar metáforas “familiares”, “muito convencionais” e “muito eficazes”, e em contrapartida, metáforas “não familiares”, “pouco convencionais” e “pouco eficazes” ou “nada eficazes”, para serem usadas na Tarefa 3, de julgamento de sentenças.

Com os resultados de nossas análises vimos que, de fato, a compreensão das metáforas se deu mesmo quando os participantes marcaram “Não” na pergunta “Você já leu, ouviu ou usou essa sentença?”. Verificamos também que, mesmo nas metáforas com menores índices de “familiaridade” e “eficácia”, há compreensão por parte dos participantes. A segunda hipótese, sobre os índices de “familiaridade” e “eficácia” serem diretamente relacionados, também é confirmada. Como verificamos no Quadro 2, as metáforas com maiores índices de “familiaridade” também tiveram maiores índices de “eficácia”, seja no item “muito eficaz” seja no item “eficaz”, enquanto as metáforas com menores índices de “familiaridade” também tiveram os menores índices de “eficácia”, no item “muito eficaz” e no item “eficaz”, com exceção da metáfora 24, das Tarefas 1 e 2 (renumerada como Frase 4 na Tarefa 3), “Aquele pneu furado me custou uma hora”, que apesar de ter tido a menor pontuação de “familiaridade” e a segunda menor pontuação para “muito eficaz”, teve uma pontuação alta para o item “eficaz”.

Já com a Tarefa 3, nosso objetivo era verificar, por meio de imagens, a influência da “familiaridade”, “convencionalidade” e “eficácia” na compreensão das sentenças metafóricas. Como vimos anteriormente, foram selecionadas seis metáforas: três com os maiores índices de “familiaridade”, “convencionalidade” e “eficácia”, denominado Grupo 1, e três com os menores

índices dessas mesmas variáveis, denominado Grupo 2. Esperávamos que para o Grupo 1, fossem escolhidas imagens que evidenciam o sentido metafórico, enquanto para o Grupo 2, fossem escolhidas imagens que evidenciam o sentido literal.

Na análise do Grupo 1, vimos que há dependência/associação entre as sentenças metafóricas e entre os sentidos (metafórico e literal) evidenciados pelas imagens. Com exceção da metáfora 21 (renumerada como Frase 1 na Tarefa 3), “Ele está em busca de riqueza”, a maioria das pessoas escolheu as imagens que evidenciam o sentido metafórico. Como dito anteriormente, a imagem que evidencia o sentido literal, na Frase 1, pode ter tido, por exemplo, aspectos que estão mais relacionados ao item lexical “riqueza” (o baú repleto de moedas), fazendo com que os participantes, no julgamento desta sentença, indicassem tal figura como melhor resposta para a questão. Com isso, a nossa terceira hipótese (para metáforas com maiores índices de “familiaridade”, “convencionalidade” e “eficácia” serão selecionadas, pelos participantes, imagens que evidenciam o sentido metafórico) foi corroborada.

Ao analisar o Grupo 2, vimos que apesar desse grupo ser composto com as metáforas que tiveram os menores índices (resultantes das Tarefas 1 e 2) e que o esperado era de que as imagens escolhidas, pelos participantes, evidenciassem o sentido literal, isso não ocorreu. Apenas a metáfora 11 (renumerada como Frase 5 na Tarefa 3), “O seu ego é muito frágil”, apresentou o resultado esperado. As imagens que evidenciam o sentido metafórico na Frases 4, “Aquele pneu furado me custou uma hora” e na Frase 6, “Ele está fora de visão agora”, podem ter tido aspectos que foram mais relacionados com algum item lexical presente nessas sentenças, fazendo com que os participantes, no julgamento dessas sentenças, indicassem as imagens que evidenciam o sentido metafórico. Sendo assim, a quarta hipótese (para metáforas com menores índices, serão selecionadas imagens que evidenciam o sentido literal) não foi corroborada pelos nossos dados. Para as metáforas com os maiores índices foram escolhidas as imagens que evidenciam o sentido metafórico, confirmando a nossa terceira hipótese. O mesmo ocorreu com as metáforas com os menores índices, ou seja, também foram selecionadas as imagens que evidenciam o sentido metafórico, o que não confirma a nossa quarta hipótese. Portanto, como vimos ao analisar os Grupos 1 e 2, a seleção de imagens (que evidenciam o sentido metafórico ou que evidenciam o sentido literal) independe de os grupos terem maiores ou menores índices de “familiaridade”, “convencionalidade” e “eficácia”. Para ambos os grupos, as imagens que evidenciam o sentido metafórico foram as mais escolhidas.

Algumas observações sobre esse trabalho devem ser feitas.

- 1) Na Tarefa 3, foram utilizadas apenas seis metáforas. Talvez a análise de um número maior de sentenças experimentais pudesse apresentar resultados mais robustos, no entanto, a consequência seria um aumento do tempo de realização da tarefa, já que para cada metáfora analisada, inserimos duas sentenças distratoras com o intuito de tornar menos explícito o que estava sendo pedido ao participante. Aumentando o número de frases e, conseqüentemente, o tamanho da tarefa e o tempo que os participantes iriam levar para responder, provavelmente não teríamos uma quantidade significativa de participantes. Isso fica claro ao compararmos a quantidade de participantes das Tarefas 1 e 2 com a da Tarefa 3. Para as Tarefas 1 e 2, tivemos um total de 74 participantes, 30 frases (entre metafóricas e distratoras) e o tempo médio de resposta foi 23min42seg. Já para a Tarefa 3, tivemos um total de 204 participantes (sendo considerados apenas 197 para as análises), 18 sentenças (entre metafóricas e distratoras) e o tempo médio de resposta foi 6min53seg, ou seja, nas Tarefas 1 e 2, que foram Tarefas com mais sentenças, tivemos uma quantidade menor de participantes se comparado com a Tarefa 3. A plataforma *JotForm*, utilizada para as nossas coletas de dados, faz uma análise dos formulários e fornece dados a respeito do acesso das pessoas à plataforma. Foi possível verificar que as Tarefas 1 e 2 foram acessadas por um total de 300 pessoas, sendo que 226 visualizações foram realizadas por pessoas que não completaram o formulário. A Tarefa 3 foi acessada por 444 pessoas, sendo que um total de 240 não completaram o formulário. Se tivéssemos aumentado a quantidade de frases e o número dos participantes permanecesse alto, provavelmente isso teria resultado em porcentagens com discrepâncias mais significativas nos índices de “familiaridade”, “convencionalidade” e “eficácia” nas Tarefas 1 e 2 (lembrando que o menor índice de “familiaridade” foi de 81% (ou seja, 60 participantes) para o item “sim” na pergunta “Você já leu, ouviu ou usou essa frase?” e o maior foi de 97% (ou seja, 72 participantes)).
- 2) Além disso, como vimos com a Frase 1, “Ele está em busca de riqueza”, do Grupo 1: metáforas com os maiores índices de “familiaridade”, “convencionalidade” e “eficácia”, ainda da Tarefa 3, a imagem mais selecionada foi a que evidencia o sentido literal, sendo que o esperado era de que a imagem que evidencia o sentido metafórico fosse a mais selecionada para este Grupo. Também vimos que para a Frase 4, “Aquele pneu furado me custou uma hora” e para a Frase 6, “Ele está fora de visão”, do Grupo 2: metáforas com os menores índices, as imagens mais selecionadas foram as que evidenciam o

sentido metafórico, enquanto o esperado, para este Grupo, era de que as imagens mais selecionadas fossem as que evidenciam o sentido literal. Isso pode ter acontecido visto que os índices de “familiaridade”, “convencionalidade” e “eficácia”, a partir dos resultados das Tarefas 1 e 2, não foram tão discrepantes entre si. Além disso, percebemos que, talvez, houveram aspectos nessas imagens que foram mais relacionados com algum item lexical presente nessas sentenças, fazendo com que os participantes, nos julgamentos das sentenças, indicassem a imagem que evidencia o sentido literal, no caso da Frase 1 do Grupo 1, e que indicassem as imagens que evidenciam o sentido metafórico, nas Frases 4 e 6 do Grupo 2. Isso pode ter acontecido por alguma falha na elaboração das Tarefas. Mas, observamos nos nossos dados que, independentemente dos índices de “familiaridade”, “convencionalidade” e “eficácia”, o fato de a sentença ser metafórica já direciona o julgamento do participante para imagens que evidenciam o sentido metafórico.

- 3) Como vimos na seção 2.1, de acordo com Blasko e Connine (1993) a familiaridade é subjetiva. Esse fato pode ter implicado nas escolhas individuais dos participantes quanto à imagem selecionada, seja imagem que evidencia o sentido metafórico seja imagem que evidencia o sentido literal. Além disso, vimos que para Glucksberg (2003, p. 93, tradução nossa) “a familiaridade por si só é insuficiente para explicar a facilidade de compreensão da expressão idiomática”¹⁸⁵ e, ainda, “a familiaridade também é relativamente sem importância para a compreensão de metáforas adequadas e bem construídas”¹⁸⁶ (GLUCKSBERG, 2003, p. 93, tradução nossa), ou seja, metáforas que no nosso trabalho consideramos como eficazes. Porém, os nossos dados apontam a existência de relação entre a “familiaridade” e a “eficácia”. Além disso, esperávamos que as imagens escolhidas para o Grupo 1 (de maiores índices) fossem as que evidenciam o sentido metafórico, enquanto para o Grupo 2 (de menores índices) fossem as imagens que evidenciam o sentido literal. Isso porque esperávamos que os índices de “familiaridade” e de “eficácia” também estivessem relacionados com as escolhas das imagens e não apenas as sentenças metafóricas. Mas, para a escolha das imagens, mesmo para as metáforas com menores índices de “familiaridade” e “eficácia”,

¹⁸⁵ No original: “One determinant of an expression’s comprehensibility is its familiarity, but familiarity alone is insufficient to account for ease of idiom comprehension” (GLUCKSBERG, 2003, p. 93).

¹⁸⁶ No original: “Familiarity is also relatively unimportant when understanding well-constructed, apt metaphors” (GLUCKSBERG, 2003, p. 93).

resultantes das Tarefas 1 e 2, as imagens selecionadas prevaleceram sendo as que evidenciam o sentido metafórico. Já na seção 2.2.7, vimos que para Bowdle e Gentner (2005) o nível de convencionalidade pode influenciar a compreensão de uma metáfora e que metáforas são pluralísticas. Além disso, eles acreditam “a) que o processo de convencionalização é essencialmente de um termo base adquirindo um significado geral de domínio e b) que essa mudança representacional será acompanhada por uma mudança no modo de alinhamento”¹⁸⁷ (BOWDLE; GENTNER, 2005, p. 199, tradução nossa). Como já dito, nos nossos dados, observamos que a “familiaridade” e a “eficácia” estavam diretamente relacionadas, mas também que, independentemente dos índices dessas duas variáveis, todas as metáforas foram consideradas como convencionais. Dessa forma, a familiaridade subjetiva de cada participante e o nível de convencionalidade das metáforas, além também da pequena diferença entre o maior (97%) e o menor (81%) índice de “familiaridade” das metáforas, podem explicar o fato de as metáforas com menores índices de “familiaridade” e “eficácia”, mas que, como já dito, consideradas como “convencionais”, terem tido as imagens que evidenciam o sentido metafórico selecionadas.

No entanto, apesar dessas observações, os resultados obtidos com as Tarefas 1, 2 e 3 e com as análises são válidos e abrem espaço para novas discussões sobre processamento e compreensão de metáforas, por meio de imagens. Por exemplo, podemos fazer os seguintes questionamentos:

- a. será que trabalhar a interpretação de metáforas, utilizando imagens como ferramenta de ensino, seria um diferencial para auxiliar a aprendizagem:
 - i. de pessoas (típicas ou atípicas) com dificuldades de interpretação?
 - ii. de pessoas surdas aprendendo a Língua Portuguesa como L2?
 - iii. de pessoas estrangeiras aprendendo a Língua Portuguesa como L2?

- b. será que qualquer metáfora poderia ser utilizada para este fim, ou apenas metáforas com altos índices de “familiaridade”, “convencionalidade” e “eficácia”?

¹⁸⁷ No original: “(a) that the process of conventionalization is essentially one of a base term acquiring a domain-general meaning and (b) that this representational shift will be accompanied by a shift in mode of alignment” (BOWDLE; GENTNER, 2005, p. 199).

- c. esse estudo utilizou metáforas conceituais, retiradas de Lakoff e Johnson (2002[1980]), mas será que os resultados obtidos teriam sido melhores se tivessem sido utilizadas outros tipos de metáforas, por exemplo, metáforas nominais, como Ricci (2016) utilizou em seu trabalho?
- d. será que uma tarefa que inclua julgamento de imagem deve apresentar uma questão aberta sobre compreensão dessa imagem? Dessa forma, seria possível, por exemplo, observar se houve algo na imagem que direcionou a escolha do participante.

Na literatura brasileira ainda não se encontram muitos trabalhos em torno de metáforas, mas trabalhos como de Ricci (2016) e Silva (2018) abriram novos espaços para a discussão sobre a metáfora na Língua Portuguesa, na área de Psicolinguística. Há, ainda, muitos aspectos em torno do processamento e compreensão da metáfora que podem e devem ser observados e analisados, na literatura brasileira, contribuindo com a área de Psicolinguística.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Poética e Tópicos I, II, III e IV**. Tradução: Marcos Ribeiro de Lima. São Paulo: Hunter Books, 2013 [384a.C -399]. 192 p.

BILLOW, R. M. A cognitive developmental study of metaphor comprehension. **Developmental Psychology**, v.11, n.4, p. 415–423, 1975. <https://doi.org/10.1037/h0076668>

BLASKO, D. G.; CONNINE, C. M. Effects of Familiarity and Aptness on Metaphor Processing. **Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition**, v.19, n.2, p. 295-308, 1993. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/15518260_Effects_of_Familiarity_and_Aptness_on_Metaphor_Processing. Acesso em: 15 out. 2020. <https://doi.org/10.1037/0278-7393.19.2.295>

BOWDLE, B. F.; GENTNER, D. The Career of Metaphor. **Psychological Review**, American Psychological Association, v.112, n.1, p. 193-216, 2005. Disponível em: <https://groups.psych.northwestern.edu/gentner/papers/BowdleGentner05.pdf>. Acesso em: 2 mai. 2021. <https://doi.org/10.1037/0033-295X.112.1.193>

CANVA. **Crie designs como um profissional**. Disponível em: https://www.canva.com/pt_br/pro/. Acesso em: 10 jan. 2021.

DAVIDSON, D. What Metaphors Mean. **Critical Inquiry**, v.5, n.1, p. 31-47, 1978. Disponível em: <https://philpapers.org/rec/DAVWMM-2>. Acesso em: 5 mar. 2021. <https://doi.org/10.1086/447971>

DERWING, B. L.; ALMEIDA, R. G. de. Métodos Experimentais em Lingüística. In: MAIA, M.; FINGER, I. (org.). **Processamento da Linguagem**. Pelotas: Educat, 2005. p. 399-442. (Série Investigações em Psicolinguística GT de Psicolinguística da ANPOLL). Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/Textos_Em_Psicolin/Livros/Processamento%20da%20Linguagem.pdf. Acesso em: 05 abr. 2019.

DIANA, D. **Litote**. 2019. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/litote/>. Acesso em: 31 out. 2021.

FINGER, I. **Metáfora e Significação**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. 90 p.

FONSECA, J. S.; MARTINS, G. A. **Curso de Estatística**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2011. 320 p.

FUCHS, A. M. S.; FRANÇA, M. N.; PINHEIRO, M. S. F. **Guia para Normalização de Publicações Técnico-Científicas**. Uberlândia: Edufu, 2013. 286 p. Disponível em: <http://www.edufu.ufu.br/catalogo/ebooks-gratuitos/guia-para-normalizacao-de-publicacoes-tecnico-cientificas>. Acesso em: out. 2021.

GLUCKSBERG, S. The psycholinguistics of metaphor. **Trends in Cognitive Sciences**, v.7, n.2, p. 92-96, 2003. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/10902891_The_psycholinguistics_of_metaphor. Acesso em: 15 dez. 2020. [https://doi.org/10.1016/S1364-6613\(02\)00040-2](https://doi.org/10.1016/S1364-6613(02)00040-2)

GLUCKSBERG, S; MCGLONE, M. S.; MANFREDI, D. Property Attribution in Metaphor Comprehension. **Journal Of Memory And Language**. p. 50-67, 1997. Disponível em: <https://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.589.8477&rep=rep1&type=pdf>. Acesso em: 01 nov. 2021. <https://doi.org/10.1006/jmla.1996.2479>

GOOGLE, Play. **Gerador de números aleatórios**. 2020. Disponível em: <https://play.google.com/store/apps/details?id=com.seedorf.randomhelper>. Acesso em: 15 set. 2020.

GREELANE. **O que é meiose na retórica?** 2018. Disponível em: <https://www.greelane.com/pt/humanidades/ingl%C3%AAs/meiosis-rhetoric-term-1691375/>. Acesso em: 31 out. 2021.

GRICE, H. P. Logic and Conversation. In: COLE, P.; MORGAN, J. L. **Syntax and Semantics: speech acts**. New York: Academic Press, v.3, p. 41-58, 1975. Disponível em: <https://www.ucl.ac.uk/ls/studypacks/Grice-Logic.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2021. https://doi.org/10.1163/9789004368811_003

HARRIS, R. J. Comprehension of metaphors: a test of the two-stage processing model. **Bulletin Of The Psychonomic Society**, v.8, n.4, p. 312-314, 1976. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/232513447_Comprehension_of_metaphors_A_test_of_the_two-stage_processing_model. Acesso em: 20 abr. 2019. <https://doi.org/10.3758/BF03335150>

HÜBNER, L. C. Distúrbios da Linguagem. In: MAIA, Marcus. **Psicolinguísticas, psicolinguísticas: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 99-112.

IBM. **Downloading IBM SPSS Statistics 25**. Disponível em: <https://www.ibm.com/support/pages/downloading-ibm-spss-statistics-25>. Acesso em: 05 ago. 2021.

JAKOBSON, R. **Linguística e Comunicação**. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2007.

JANUS, R. A.; BEVER, T. G. Processing of Metaphoric Language: an investigation of the three-stage model of metaphor comprehension. **Journal of Psycholinguistic Research**, v.14, n.5, p. 473-487, 1985. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/226701066_Processing_of_metaphoric_language_A_n_investigation_of_the_three-stage_model_of_metaphor_comprehension. Acesso em: 20 dez. 2020. <https://doi.org/10.1007/BF01666722>

JOTFORM. **Formulários poderosos facilitam vidas**. Disponível em: <https://www.jotform.com/pt/>. Acesso em: 2020-2021.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. Tradução: Grupo de Estudos da Indeterminação e da Metáfora (GEIM) sob coordenação de Mara Sophia Zanutto e pela tradutora Vera Maluf. São Paulo: Educ, 2002[1980]. 360p.

- LEITÃO, M. M. Psicolinguística Experimental: focalizando o processamento da linguagem. In: MARTELOTTA, M. (org.). **Manual de Linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 217-234.
- MARTINICH, A. P. A Theory for Metaphor. **Journal of Literary Semantics**. v.13, n.1, p. 35-56. 1984. <https://doi.org/10.1515/jlse.1984.13.1.35>
- MILLER, G. A. Images and models, similes and metaphors. In: ORTONY, A. **Metaphor and Thought**. New York: Cambridge University Press, 1993. p. 357-400. <https://doi.org/10.1017/CBO9781139173865.019>
- OLIVEIRA, C. S. F. de; SÁ, T. M. M. de. Métodos off-line em psicolinguística: julgamento de aceitabilidade. **Revele: Revista Virtual dos Estudantes de Letras**, v.5, p. 1-20, maio/2013. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revele/article/view/11296>. Acesso em: 08 out. 2019.
- ORTONY, A. **Metaphor and Thought**. 2.ed. New York: Cambridge University Press, 1993. 678 p. <https://doi.org/10.1017/CBO9781139173865>
- PAIVA, V. L. M. de O. e. **Manual de pesquisa: em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2019. 160 p.
- RICCI, A. Q. **O processamento psicolinguístico da metáfora: um estudo experimental no PB**. 2017. 75 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em de Estudos de Linguagem, Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/3838>. Acesso em: 15 set. 2020.
- SEARLE, J. R. **Expression and Meaning: studies in the theory of speech acts**. New York: Cambridge University Press, 2005[1979]. 187p. Disponível em: https://www.academia.edu/39530377/Searle_Johnn_EXPRESSION_AND_MEANING. Acesso em: 10 jan. 2021.
- SILVA, G. A. da. **A interferência da familiaridade no processamento psicolinguístico de metáforas no PB**. 2018. 143 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018. Disponível em: https://www.gepex.org/wp-content/uploads/2019/09/diss_gladiston.pdf. Acesso em: 11 fev. 2021.
- SIQUEIRA, M.; LAMPRECHT, R. R. As metáforas primárias na aquisição da linguagem: um estudo interlingüístico. **Delta: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v.23, n.2, p. 245-272, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/LF9DhCDMSNW8r45jHpB9Wnj/?lang=pt>. Acesso em: 25 fev. 2021. <https://doi.org/10.1590/S0102-44502007000200004>
- WARREN, P. **Introducing psycholinguistics**. New York: Cambridge University Press, 2013.

ANEXOS

ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Tarefas 1, 2 e 3)

Pesquisa em Psicolinguística

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada "O processamento de metáforas a partir de uma perspectiva psicolinguística", sob responsabilidade das pesquisadoras Maria Clara Machado Martins e Camila Tavares Leite, ambas da Universidade Federal de Uberlândia. Nesta pesquisa nós estamos buscando observar o efeito da metáfora no processamento e compreensão de sentenças. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será apresentado na primeira tela do Experimento. As Tarefas do Experimento só serão disponibilizadas mediante consentimento do participante, por meio da concordância do Termo. Na sua participação, você irá ler algumas sentenças e, após, responder algumas questões. Em nenhum momento você será identificado. Todos os participantes receberão um código que não terá nenhum vínculo com seu nome. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada. Você não terá nenhum gasto nem ganho financeiro por participar na pesquisa. De acordo com a resolução 466/12, toda pesquisa apresenta algum risco ao participante. O risco mínimo é o de identificação do participante. Para minimizar tais riscos, o participante não terá, em momento algum, seu nome exposto. Cada participante receberá um código aleatório, apenas para identificar uma realização de um determinado participante e não de outro. Além disso, o participante não será identificado quando o material de registro for utilizado para propósitos de publicação científica ou educativa. E isso será informado ao participante (cf. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido). Cada participante receberá um código que em nada estará relacionado com sua identidade. Em relação aos benefícios, com essa pesquisa, espera-se encontrar resultados que contribuam para os estudos sobre o processamento e a compreensão de metáforas. Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem qualquer prejuízo ou coação. Até o momento da divulgação dos resultados, você também é livre para solicitar a retirada dos seus dados da pesquisa. Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você. Em caso de qualquer dúvida ou reclamação a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: Maria Clara Machado Martins, telefone (34) 998820826, endereço Avenida João Naves de Ávila, 2121, Campus Santa Mônica - Bloco 1U - Sala 221. Você poderá também entrar em contato com o CEP - Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos na Universidade Federal de Uberlândia, localizado na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, campus Santa Mônica – Uberlândia/MG, 38408-100; telefone: 34-3239-4131. O CEP é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde. Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido. Além disso, confirmo ter 18 anos ou mais. *

Sim, eu aceito.

Informe seu email para recebimento de uma cópia do Termo de Consentimento acima.

exemplo@exemplo.com.br

ANEXO B – Questionário (Tarefas 1 e 2)**Questionário**

Qual sua idade? *

- 18 a 30
- 31 a 45
- 46 a 60
- + 60

Você é brasileiro/brasileira/brasileiro? *

- Sim.
- Não. De onde você é?

Em qual cidade e estado você mora? *

- Prefiro responder em áudio.
- Digite aqui o estado em que você mora.

Qual sua escolaridade? *

- Ensino Fundamental Incompleto
- Ensino Fundamental Completo
- Ensino Médio Incompleto
- Ensino Médio Completo
- Graduação Incompleta
- Graduação Concluída
- Especialização Incompleta
- Especialização Concluída
- Mestrado Incompleto
- Mestrado Concluído

- Especialização Incompleta
- Especialização Concluída
- Mestrado Incompleto
- Mestrado Concluído
- Doutorado Incompleto
- Doutorado Concluído
- Pós-doutorado Incompleto
- Pós-doutorado Concluído

Durante a pandemia do COVID-19, quais têm sido os seus meios de leitura? *

- Rede social.
- Livros impressos.
- Livros digitais.
- Jornal impresso.
- Jornal televisivo.
- Jornal digital.
- Outro. Qual?

E antes da pandemia do COVID-19, quais têm sido os seus meios de leitura? *

- Rede social.
- Livros impressos.
- Livros digitais.
- Jornal impresso.
- Jornal televisivo.
- Jornal digital.
- Outro. Qual?

Voltar

Próximo

Questionário (Tarefa 3)

Qual sua idade?*

18 a 30

31 a 45

46 a 60

+60

1)

[← PREVIOUS](#)[NEXT →](#)

Você é brasileiro/brasileira/brasileire?*

Sim.

Não. De onde você é?

2)

[← PREVIOUS](#)[NEXT →](#)

Em qual cidade e estado você mora?*

Prefiro responder em áudio.

Digite aqui a cidade e o estado em que você mora.

3)

[← PREVIOUS](#)[NEXT →](#)

Você possui alguma deficiência?*

Não.

Sim. Qual(is)?

4)

[← PREVIOUS](#)[NEXT →](#)

Qual sua escolaridade?*

Ensino Fundamental Incompleto

Ensino Fundamental Completo

Ensino Médio Incompleto

Ensino Médio Completo

Graduação Incompleta

Graduação Concluída

Especialização Incompleta

Especialização Concluída

← PREVIOUS

NEXT →

5)

Graduação Concluída

Especialização Incompleta

Especialização Concluída

Mestrado Incompleto

Mestrado Concluído

Doutorado Incompleto

Doutorado Concluído

Pós-doutorado Incompleto

Pós-doutorado Concluído

← PREVIOUS

NEXT →

ANEXO C – Lista de metáforas (Tarefas 1 e 2)

Metáforas retiradas do livro “Metáforas da vida cotidiana” de Lakoff e Johnson (2002[1980]):

- 1) Não consegui *achar* essa ideia em nenhum lugar do texto (LAKOFF; JOHNSON, 2002[1980], p. 17) (ideias – ou sentidos – são objetos);
- 2) Suas críticas foram *direto ao alvo* (LAKOFF; JOHNSON, 2002[1980], p. 46) (discussão é guerra);
- 3) Estou me sentindo *para cima* (LAKOFF; JOHNSON, 2002[1980], p. 60) (feliz é para cima/ triste é para baixo);
- 4) O seu ego é muito *frágil* (LAKOFF; JOHNSON, 2002[1980], p. 79) (mente é um objeto quebradiço);
- 5) Ele está *fora de visão* agora (LAKOFF; JOHNSON, 2002[1980], p. 83) (campos visuais são recipientes);
- 6) Aquele pneu furado me *custou* uma hora (LAKOFF; JOHNSON, 2002[1980], p. 50) (tempo é dinheiro);
- 7) Estou um pouco *enferrujado* hoje (LAKOFF; JOHNSON, 2002[1980], p. 79) (mente é uma máquina);
- 8) Ele *devorou* o livro (LAKOFF; JOHNSON, 2002[1980], p. 109) (ideias são alimentos);
- 9) Ele está *em busca* de riqueza (LAKOFF; JOHNSON, 2002[1980], p. 115) (riqueza é um bem oculto);
- 10) Foi apenas um *pequeno* crime (LAKOFF; JOHNSON, 2002[1980], p. 116) (importante é grande).

ANEXO D - Lista de Literais/Distratoras (Tarefas 1 e 2)

- 1) A capa do livro é azul;
- 2) O material da cortina é pano;
- 3) A roupa que ele estava esperando chegou no site;
- 4) Os latidos dos cachorros são altos;
- 5) A criança não quis se alimentar;
- 6) Água faz bem para o corpo;
- 7) A cor da tinta desta parede é branca;
- 8) O período noturno começa às 18:00;
- 9) Joaquim gosta da cor verde, mas não da cor amarela;
- 10) O ar é mais puro fora da cidade;
- 11) O café estava muito quente;
- 12) Aquela colina é muito íngreme;
- 13) Em alguns lugares, neva quando a temperatura está muito baixa;
- 14) Futebol é o esporte mais popular no Brasil;
- 15) Gatos têm unhas afiadas;
- 16) Sinto-me um pouco dolorido hoje;
- 17) Ele demorou muito para ver o filme;
- 18) Ele ganhou na loteria e agora está rico;
- 19) Ele foi preso após assaltar aquela loja;
- 20) Essa teoria científica tem bons argumentos.

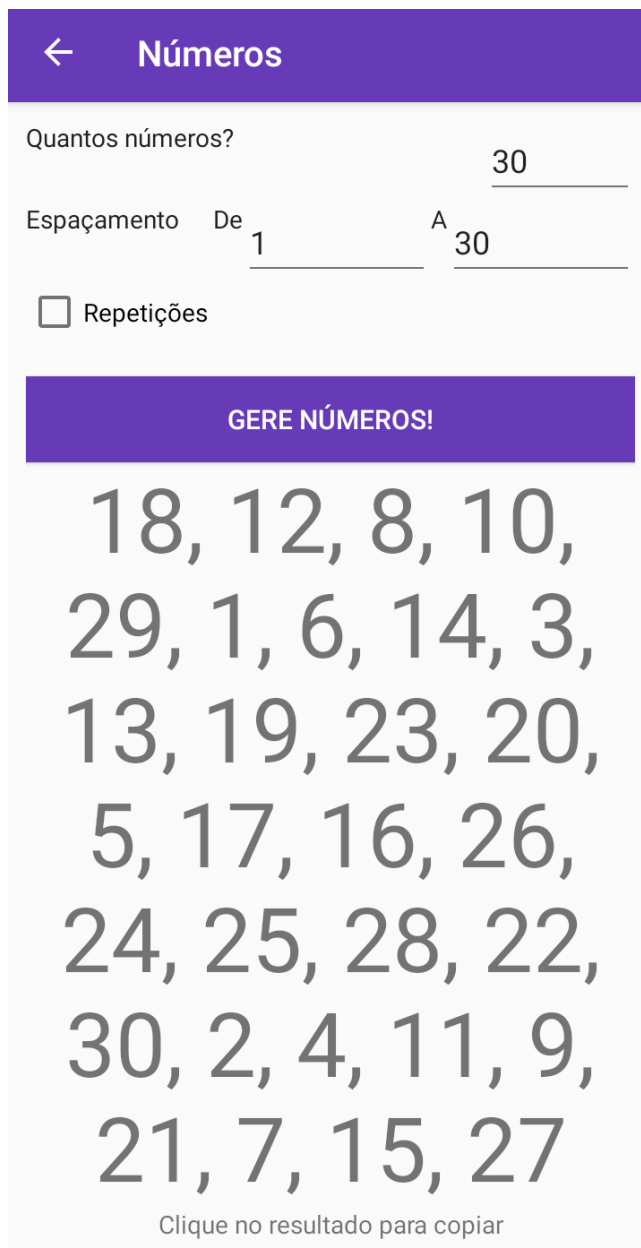
ANEXO E – Distribuição das sentenças – randomização manual

(Disposição metáfora – distratora – distratora)

- 1) Não consegui *achar* essa ideia em nenhum lugar do texto;
- 2) A capa do livro é azul;
- 3) O material da cortina é pano;
- 4) Aquele pneu furado me *custou* uma hora;
- 5) A roupa que ele estava esperando chegou no site;
- 6) Os latidos dos cachorros são altos;
- 7) Suas críticas foram *direto ao alvo*;
- 8) A criança não quis se alimentar;
- 9) Água faz bem para o corpo;
- 10) Estou um pouco *enferrujado* hoje;
- 11) A cor da tinta desta parede é branca;
- 12) O período noturno começa às 18:00;
- 13) Estou me sentindo *para cima*;
- 14) Joaquim gosta da cor verde, mas não da cor amarela;
- 15) O ar é mais puro fora da cidade;
- 16) Ele *devorou* o livro;
- 17) O café estava muito quente;
- 18) Aquela colina é muito íngreme;
- 19) O seu ego é muito *frágil*;
- 20) Em alguns lugares, neva quando a temperatura está muito baixa;
- 21) Futebol é o esporte mais popular no Brasil;
- 22) Ele está *em busca* de riqueza;
- 23) Gatos têm unhas afiadas;
- 24) Sinto-me um pouco dolorido hoje;
- 25) Ele está *fora de visão* agora;
- 26) Ele demorou muito para ver o filme;
- 27) Ele ganhou na loteria e agora está rico;
- 28) Foi apenas um *pequeno* crime;
- 29) Ele foi preso após assaltar aquela loja;
- 30) Essa teoria científica tem bons argumentos.

ANEXO F – Randomização das sentenças das Tarefas 1 e 2

Para randomização da sequência das sentenças foi utilizado o aplicativo “Gerador de números aleatórios”, disponível para Android. A sequência disponibilizada foi:



The screenshot shows the 'Números' app interface. At the top, there is a purple header with a back arrow and the title 'Números'. Below the header, there are input fields for 'Quantos números?' (set to 30) and 'Espaçamento De 1 A 30'. There is a checkbox for 'Repetições' which is unchecked. A purple button labeled 'GERE NÚMEROS!' is positioned below the settings. The main area displays a list of 30 random numbers: 18, 12, 8, 10, 29, 1, 6, 14, 3, 13, 19, 23, 20, 5, 17, 16, 26, 24, 25, 28, 22, 30, 2, 4, 11, 9, 21, 7, 15, 27. At the bottom, there is a small text prompt: 'Clique no resultado para copiar'.

Fonte: Elaborada pela autora.

ANEXO G – Exemplo das Tarefas 1 e 2. Exemplo de sentença literal.**Aquela colina é muito íngreme.**

1) Você já leu, ouviu ou usou essa frase? *

- Sim.
 Não.

O que você entende com essa sentença? Se preferir responder em forma de áudio, digite "áudio" que embaixo terá essa opção. *

Essa expressão é eficaz? *

- Nada eficaz.
 Pouco eficaz.
 Moderado.
 Eficaz.
 Muito eficaz.

Você acha que o significado dessa expressão está claro? *

- Sim.
 Não.

Você acha que o significado dessa expressão está óbvio? *

- Sim.
 Não.
-

ANEXO H – Sentenças apresentadas na Tarefa 3

As seis sentenças metafóricas:

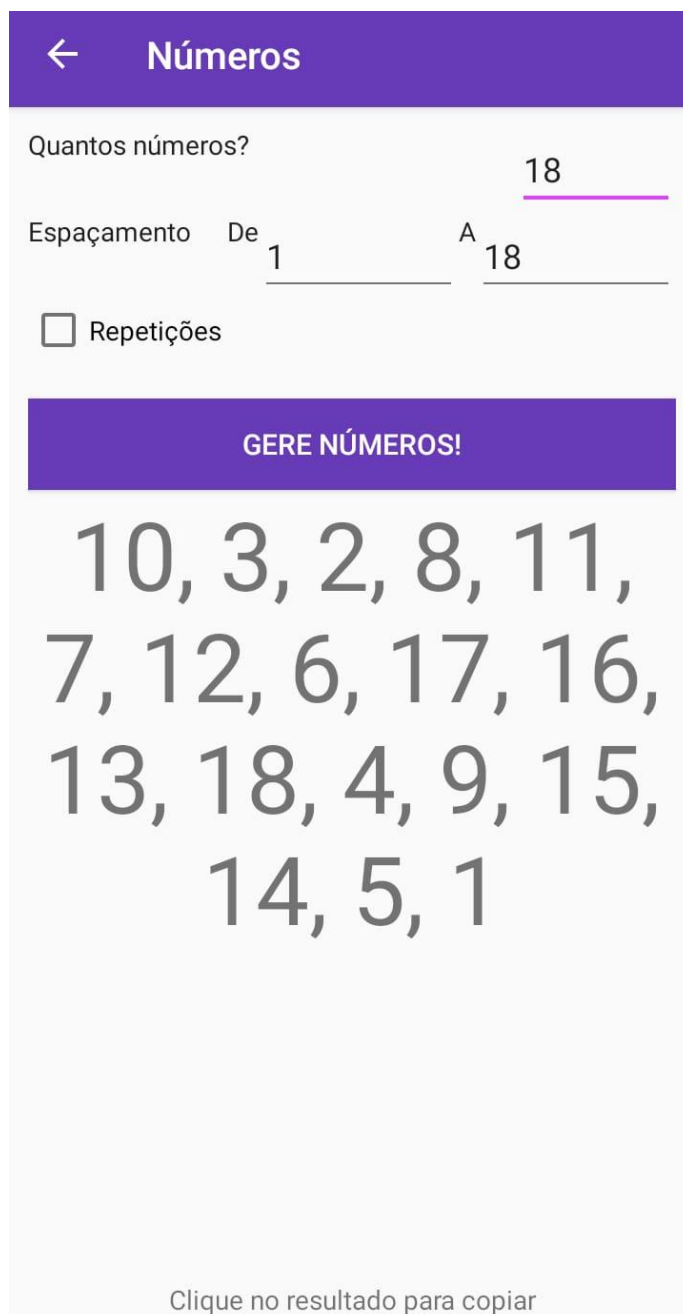
- 1) Estou me sentindo para cima;
- 2) Ele devorou o livro;
- 3) Ele está em busca de riqueza;
- 4) O seu ego é muito frágil;
- 5) Ele está fora de visão agora;
- 6) Aquele pneu furado me custou uma hora.

As doze sentenças literais/distratoras:

- 7) O material da cortina é pano;
- 8) Os latidos do cachorro são altos;
- 9) Água faz bem para o corpo;
- 10) A cor da tinta desta parede é branca;
- 11) O período noturno começa às 18;
- 12) O ar é mais puro fora da cidade;
- 13) O café estava muito quente;
- 14) Aquela colina é muito íngreme;
- 15) Futebol é o esporte mais popular no Brasil;
- 16) Gatos têm unhas afiadas;
- 17) Ele demorou muito para ver o filme;
- 18) Essa teoria científica tem bons argumentos.

ANEXO I – Randomização das 18 sentenças para a Tarefa 3

Assim como para as Tarefas 1 e 2 foi utilizado o aplicativo “Gerador de números aleatórios”, disponível para Android. A sequência disponibilizada foi:



The screenshot shows a mobile application interface for generating random numbers. At the top, there is a purple header with a back arrow and the title "Números". Below the header, the user has set "Quantos números?" to 18. The "Espaçamento" (spacing) is set from "De 1" to "A 18". There is an unchecked checkbox for "Repetições". A large purple button labeled "GERE NÚMEROS!" is positioned below the settings. The generated sequence of 18 numbers is displayed in a large, light gray font: 10, 3, 2, 8, 11, 7, 12, 6, 17, 16, 13, 18, 4, 9, 15, 14, 5, 1. At the bottom of the screen, there is a small text prompt: "Clique no resultado para copiar".

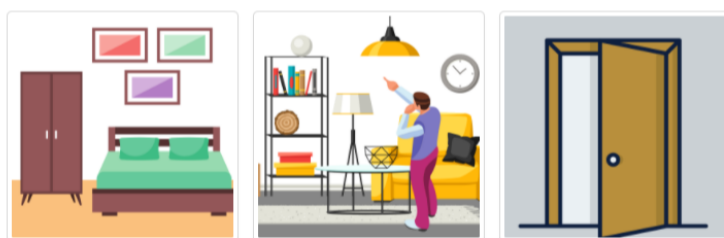
Fonte: Elaborada pela autora.

ANEXO J – Todas as imagens apresentadas na Tarefa 3

A seguir, temos as sentenças e imagens apresentadas na Tarefa 3, dispostas na mesma ordem que se deu o experimento.

Leia a frase abaixo e escolha uma das três imagens que, para você, melhor está relacionada ao trecho lido.

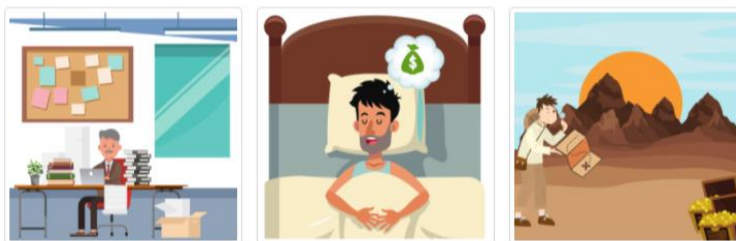
A cor da tinta desta parede é branca.*



← PREVIOUS

NEXT →

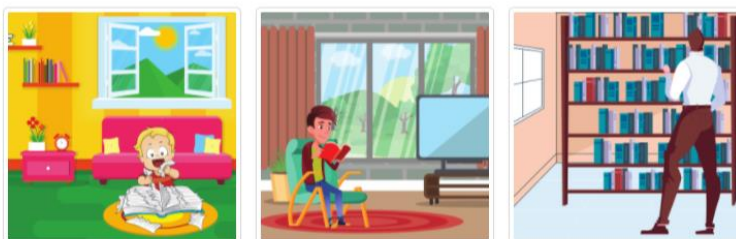
Ele está em busca de riqueza.*



← PREVIOUS

NEXT →

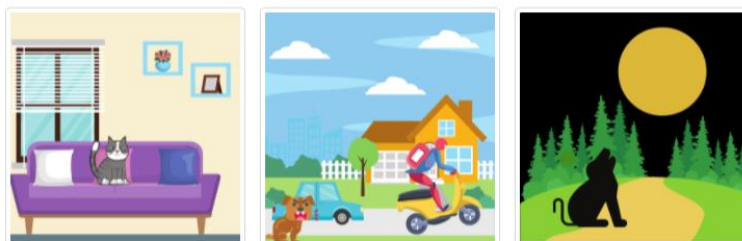
Ele devorou o livro.*



← PREVIOUS

NEXT →

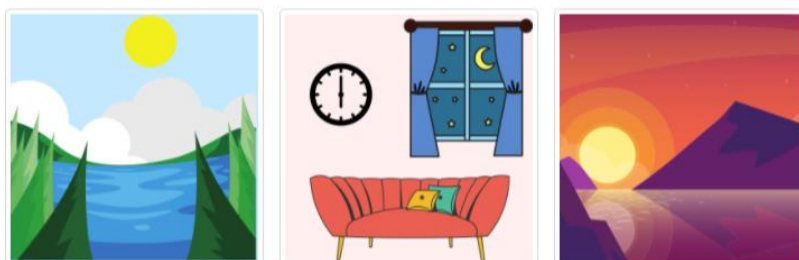
Os latidos do cachorro são altos.*



← PREVIOUS

NEXT →

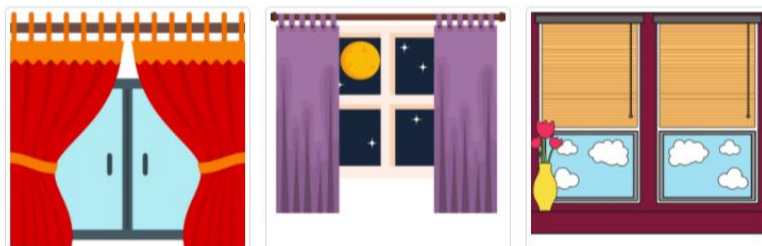
O período noturno começa às 18:00.*



← PREVIOUS

NEXT →

O material da cortina é pano.*



← PREVIOUS

NEXT →

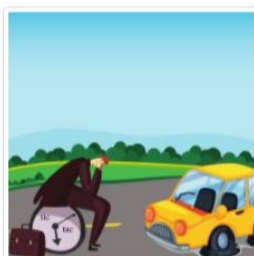
O ar é mais puro fora da cidade.*



← PREVIOUS

NEXT →

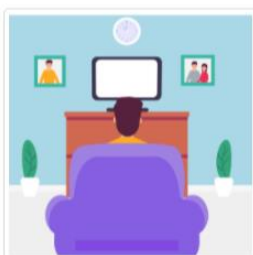
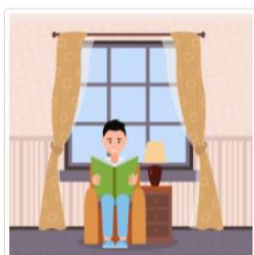
Aquele pneu furado me custou uma hora.*



← PREVIOUS

NEXT →

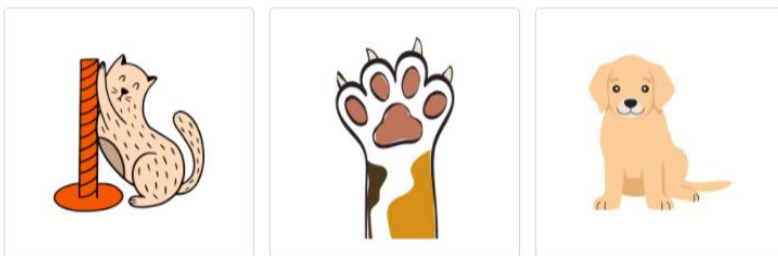
Ele demorou muito para ver o filme.*



← PREVIOUS

NEXT →

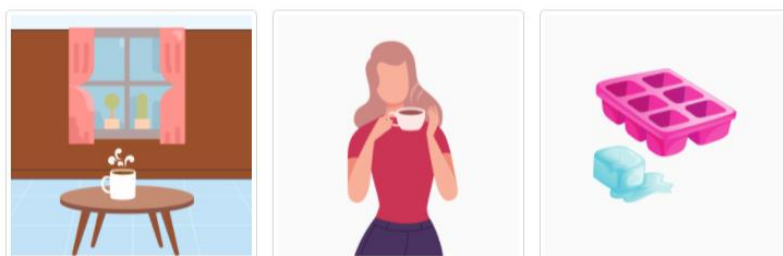
Gatos têm unhas afiadas.*



← PREVIOUS

NEXT →

O café estava muito quente.*



← PREVIOUS

NEXT →

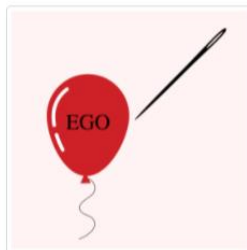
Essa teoria científica tem bons argumentos.*



← PREVIOUS

NEXT →

O seu ego é muito frágil.*



← PREVIOUS

NEXT →

Água faz bem para o corpo.*



← PREVIOUS

NEXT →

Futebol é o esporte mais popular no Brasil.*



← PREVIOUS

NEXT →

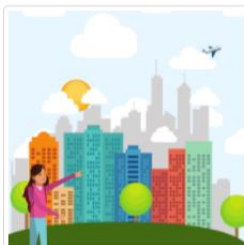
Aquela colina é muito íngreme.*



← PREVIOUS

NEXT →

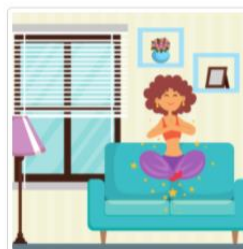
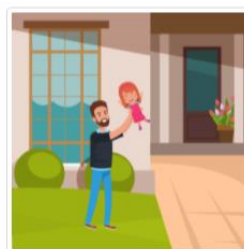
Ele está fora de visão agora.*



← PREVIOUS

NEXT →

Estou me sentindo para cima.*



← PREVIOUS

SUBMIT

ANEXO K – Respostas NÃO/Claro e SIM/Óbvio

Vemos que apenas 4 participantes fizeram a marcação NÃO/Claro e SIM/Óbvio.

Na metáfora 6, “Não consegui achar essa ideia em nenhum lugar do texto”, dois participantes fizeram essa marcação e suas respostas na questão aberta foram, respectivamente:

- 1) Nunca vi isso.
- 2) Que não foi possível localizar a ideia no texto.

Na metáfora 21, “Ele está em busca de riqueza”, apenas um participante fez essa marcação e sua resposta aberta foi:

- 3) Entendo que a pessoa está em busca de alguma riqueza, que não foi especificada.

Na metáfora 24, “Aquele pneu furado me custou uma hora”, apenas um participante fez essa marcação e sua resposta aberta foi:

- 4) Que a pessoa perdeu uma hora consertando o pneu em relação ao tempo que ele gasta com o carro em perfeitas condições.

ANEXO L – Respostas dos 7 participantes excluídos da análise da Tarefa 3

Respostas não incluídas na análise da Tarefa 3

Participante	153	18	61	64	121	135	182
Você é brasileiro/brasileira/brasileiro?	Guiné-Bissau	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Você possui alguma deficiência?	Não	Surdez parcial	Surdez	Auditiva	Surdocegueira	Dislexia	Deficiente Auditivo (surdo)
Frase 1	SL	SL	SL	SL	SL	SL	SL
Frase 2	SL	SM	SM	SM	SL	SM	SM
Frase 3	SL	SM	SM	SM	SL	SM	SM
Frase 4	SL	SL	SL	SL	SL	SL	SL
Frase 5	SL	SL	SL	SL	SL	SL	SL
Frase 6	SL	SL	SL	SL	SL	SL	SL
Frase 7	SL	SL	SL	SL	SL	SL	SL
Frase 8	SM	D	SM	SM	SM	SM	SM
Frase 9	D	SL	SL	SL	SL	SL	SL
Frase 10	SL	SL	SL	SL	SL	SL	SL
Frase 11	SL	SL	SL	SL	SL	SL	SL
Frase 12	SL	SL	SL	SL	SL	SL	SL
Frase 13	D	SL	SM	SM	D	SM	D
Frase 14	SL	SL	SL	SL	SL	SL	SL
Frase 15	SL	SL	SL	SL	SL	SL	SL
Frase 16	SL	D	SL	SL	SL	SL	SL
Frase 17	SL	SM	SM	SM	SM	SL	D
Frase 18	SM	SM	SM	SM	SM	SM	D

Fonte: Elaborada pela autora. Legenda: SM: sentido metafórico evidenciado pelas imagens; SL: sentido literal evidenciado pelas imagens; D: distratora.

As sentenças metafóricas foram: Frase 2, 3, 8, 13, 17 e 18. Os códigos dados aos participantes não revelam suas identidades.